



BRINQUEDOTECA HOSPITALAR

PENSATAS DE UMA
FORMAÇÃO EDUCACIONAL
HUMANISTA-EXISTENCIAL
EM BRINQUEDISTA HOSPITALAR

ANA KARYNE LOUREIRO FURLEY

JOSÉ RAIMUNDO RODRIGUES

RUTE LÉIA AUGUSTA DA SILVA

BRUNELLA POLTRONIERI MIGUEZ

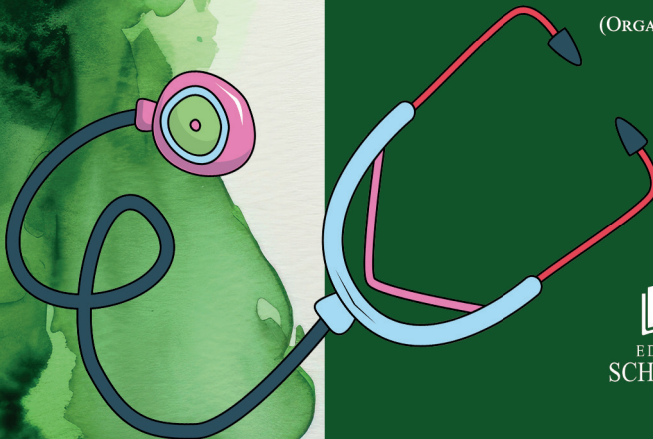
KEZIA GRAZIELA DE QUEIROZ

HIRAN PINEL

EDICLÉA MASCARENHAS FERNANDES

VITOR GOMES

(ORGANIZADORES)




EDITORA
SCHREIBEN



ANA KARYNE LOUREIRO FURLEY
JOSÉ RAIMUNDO RODRIGUES
RUTE LÉIA AUGUSTA DA SILVA
BRUNELLA POLTRONIERI MIGUEZ
KEZIA GRAZIELA DE QUEIROZ
HIRAN PINEL
EDICLÉA MASCARENHAS FERNANDES
VITOR GOMES
(ORGANIZADORES)

BRINQUEDOTECA HOSPITALAR:

PENSATAS DE UMA
FORMAÇÃO EDUCACIONAL
HUMANISTA-EXISTENCIAL
EM BRINQUEDISTA HOSPITALAR



EDITORA
SCHREIBEN

2023

© Dos Organizadores - 2023

Editoração e capa: Schreiben

Imagem da capa: Boykoemma | Matveeva_M | Vladimirlpolikarpov - Freepik.com

Revisão: os autores

Livro publicado em: 25/09/2023

Conselho Editorial (Editora Schreiben):

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)

Dr. Airton Spies (EPAGRI)

Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)

Dr. Deivid Alex dos Santos (UEL)

Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)

Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR - Uruguai)

Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes (UENP)

Dra. Ivânia Campigotto Aquino (UPF)

Dr. João Carlos Tedesco (UPF)

Dr. Joel Cardoso da Silva (UFPA)

Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)

Dr. José Raimundo Rodrigues (UFES)

Dr. Klebson Souza Santos (UEFS)

Dr. Leandro Hahn (UNIARP)

Dr. Leandro Mayer (SED-SC)

Dra. Marcela Mary José da Silva (UFRB)

Dra. Marciane Kessler (UFPel)

Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)

Dra. Natércia de Andrade Lopes Neta (UNEAL)

Dr. Odair Neitzel (UFFS)

Dr. Valdenildo dos Santos (UFMS)

Dr. Wanilton Dudek (UNIUV)

Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência das tabelas, quadros, mapas e fotografias é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Editora Schreiben

Linha Cordilheira - SC-163

89896-000 Itapiranga/SC

Tel: (49) 3678 7254

editoraschreiben@gmail.com

www.editoraschreiben.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B858 Brinquedoteca hospitalar : pensatas de uma formação educacional humanista-existencial em brinquedista hospitalar. / Organizadores : Ana Karyne Loureiro Furley... [et al.]. – Itapiranga : Schreiben, 2023.
152 p. : il. ; e-book.

E-book no formato PDF.

EISBN: 978-65-5440-176-0

DOI: 10.29327/5316488

1. Brinquedotecas - hospitais. 2. Educação e saúde. 3. Pessoal da área da saúde. I. Título. II. Furley, Ana Karyne Loureiro. III. Rodrigues, José Raimundo. IV. Silva, Rute Léia Augusta da. V. Miguez, Brunella Poltronieri. VI. Queiroz, Kezia Grazie-la de. VII. Pinel, Hiran. VIII. Fernandez, Edicléa Mascarenhas. IX. Gomes, Vitor.

CDU 371.695:61

Bibliotecária responsável Kátia Rosi Possobon CRB10/1782



*A todos os profissionais brinquedistas que abrem,
em meio à dor, possibilidades de outras vivências.
A todas as crianças hospitalizadas ou em tratamento,
por nos provocarem a pensar na vida do brincar.*

SUMÁRIO

LA PEDAGOGÍA HOSPITALARIA FLORECE COMO UN DELICADO JARDÍN DE ESPERANZA: UN PREFACIO A UN LIBRO MUY SINGULAR.....	9
<i>Francy Quintero Reyes</i>	
QUANDO FALO DE MIM E DO NOSSO BRINCAR: UMA APRESENTAÇÃO.....	11
<i>Organizadores</i>	
DO ESVAZIAR-SE ATÉ O FIM: QUANDO O SANGUE TRAZ A ESPERANÇA E CONVIDA-ME A SER ÁRVORE DA VIDA!.....	14
<i>José Raimundo Rodrigues</i>	
O LÚDICO CRESCE JUNTO COM VOCÊ.....	16
<i>Chiara da Silva Queiroz</i>	
CARTAS NA MANGA PARA COMBATER CARDIO(A)PATIAS: O BRINCAR COMO SENTIDO DA VIDA.....	18
<i>Fernanda Dutra Gomes de Brito</i>	
BRINQUEI ONTEM, BRINCO HOJE E BRINCAREI AMANHÃ: RELATO DE UM PROFISSIONAL DA SAÚDE QUE CRESCEU JOGANDO VIDEOGAME E SABE O QUÃO BEM ISTO LHE FEZ.....	21
<i>Carlos Henrique Correa Casa Grande</i>	
A PEREGRINAÇÃO DA PURIFICAÇÃO DO SANGUE: QUANDO A DOR SAI E VOLTA A ESPERANÇA.....	23
<i>Raiara dos Santos Silva</i>	
DO SER AO BRINCAR: QUANDO AS SUBJETIVIDADES SÃO INTERDITADAS PELAS BRINCADEIRAS EXCLUDENTES.....	25
<i>Renan Modesto Gomes</i>	
A MAGIA DE BRINCAR, QUANDO O PASSADO REFLETE O FUTURO!.....	28
<i>Emerson Pereira Gomes</i>	
A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA SELVA DA VIDA.....	30
<i>Jaqueline de Medeiros Wandekoken</i>	
UM OLHAR OBSERVADOR.....	33
<i>Adriana Pereira Nunes</i>	

P(OEMA)ENSATA DO BRINQUEDISTA.....	35
<i>Matheus do Valle G. Ferreira</i>	
JUGAR NO ES UN DESCANSO ES LA PUERTA AL CORAZÓN DE UN NIÑO.....	37
<i>Mireyda Medina</i>	
BRINQUEDOTECA HOSPITALAR.....	40
<i>Jacqueline Cecilia Bandera de Ávila</i>	
QUE TIPO DE INFÂNCIA EU TENHO MOSTRADO AOS MEUS ALUNOS?.....	42
<i>Hevilyn Rodrigues de Carvalho</i>	
UN VIAJE MÁGICO AL MUNDO DE LA SALA DE PEDIATRÍA ENTRE LA FANTASÍA Y LA REALIDAD.....	44
<i>Jenny Orozco Acosta</i>	
BRINQUEDOTECA, BRINCAR, BRINQUEDOTECA!.....	48
<i>Brenna da Silva de Castro</i>	
A VIDA POR UM FIO.....	52
<i>Suzana Azevedo Feltmann Silva</i>	
SOU FEITA DE RETALHOS COM O CÂNCER.....	54
<i>Monica Frigini Siqueira</i>	
UMA ALUNA HOSPITALIZADA E AS BRINCADEIRAS DE SAUDADE.....	57
<i>Fabiola Alves Coutinho Gava</i>	
CUANDO UNA CICATRIZ CAMBIA EL RUMBO DE LA VIDA.....	60
<i>María Eugenia Núñez</i>	
EL JUEGO EN MI VIDA, EN NUESTRAS VIDAS.....	62
<i>Mariana Galeano</i>	
DA RESSIGNIFICAÇÃO AO ATO DE BRINCAR.....	64
<i>Kezia Graziela de Queiroz</i>	
LOGRAR UNA SONRISA ENCANTADORA DE LOS QUE PADECEN.....	66
<i>Cesia Méndez</i>	
EDUCAÇÃO PARA TODOS: A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA INCLUSIVA, É DE FATO INCLUSIVA?.....	68
<i>Rosemeire Machado</i>	
CIENCIA EN TODOS LOS ESCENARIOS POSIBLES DE LA VIDA.....	71
<i>William Mauricio Reyes Contreras</i>	

BRINCAR PARA RECORDAR: QUANDO NÓS VOLTAMOS NO TEMPO E REVIVEMOS NOSSA INFÂNCIA ATRAVÉS DAS CRIANÇAS.....	73
<i>Viviane Lima Silva</i>	
O LIVRO REMÉDIO? REMEDIAR MOMENTOS DIFÍCEIS COM O LIVRO COMO REMÉDIO?.....	75
<i>Letícia Ferreira Gomes</i>	
O BRINCAR TRANSFORMA RELAÇÕES FAMILIARES!.....	78
<i>Emilly Martinelli Rossi</i>	
EM UM CURSO/EM CURSO SENDO BRINQUEDISTA HOSPITALAR.....	80
<i>Sandra Conceição dos Santos</i>	
MINHA INFÂNCIA: DESCOBRINDO O MUNDO ATRAVÉS DA IMAGINAÇÃO.....	83
<i>Jessica Costa do Nascimento</i>	
AINDA BEM QUE NÃO DESISTIMOS, NÃO É MAMÃE?!.....	85
<i>Cláudia Aparecida Lopes</i>	
JÁ REFLETIU SOBRE O BRINCAR NA CULTURA RACISTA?.....	87
<i>Luciene Sales Sena</i>	
O BRINCAR ENQUANTO DESENVOLVIMENTO E CURA: UM OLHAR SOBRE A INFÂNCIA.....	90
<i>Joyce Kelly Wanzeler Freitas</i>	
MEMÓRIAS DE UM BRINCAR NO HOSPITAL.....	93
<i>Brunella Poltronieri Miguez</i>	
TRABALHAR PARA PRODUZIR ALEGRIA.....	95
<i>Débora de Souza Ferreira Ramos</i>	
BRINCADEIRA DE CRIANÇA: COMO É BOM!.....	97
<i>Mayara Garbini Lemos Bitti</i>	
O COLORIDO EM MEIO ÀS BRANCAS PAREDES HOSPITALARES: O PAPEL DO BRINCAR PARA O ALÍVIO DOS SOFRIMENTOS.....	99
<i>Vitor Sérgio Borges</i>	
ATOS E AÇÕES QUE TRANSFORMAM VIDAS.....	101
<i>Daianne Carla S. de M. Marchesi</i>	
CONHECENDO-SE PARA ALÉM DA DOENÇA.....	103
<i>Gilceli Miossi Poloni</i>	

A PARTE DA INFÂNCIA QUE BASEIA A VERSÃO DE SI MESMO NA FASE ADULTA.....	105
<i>Victória Botassi Duarte Amaral</i>	
UM BREVE RELATO SOBRE O BRINCAR.....	108
<i>Isabella Vasconcellos Barbosa</i>	
CONHECENDO A SI MESMA: A CRIANÇA QUE BRINCA, SE DESENVOLVE, PENSA E FILOSOFA.....	110
<i>Ricardo Batista Simão</i>	
MINHA EXPERIÊNCIA COM O BRINCAR.....	112
<i>Marlene Schade Queiroz</i>	
EM UM QUARTO DE HOSPITAL TUDO PODE ACONTECER: UMA BRINCADEIRA QUE TRAZ ALEGRIA.....	114
<i>Andreza Mourão Lopes Bacellar</i>	
BRINQUEDOTECA, ESPAÇO DE ESPERANÇAS.....	116
<i>Eliania Pereira da Silva</i>	
BRINCAR COM PALAVRAS.....	118
<i>Magda Inês Leitzke Klug</i>	
CRIANÇA DODÓI NÃO PODE BRINCAR?.....	120
<i>Debora Barbosa de Maria</i>	
CANSEI, ESTOU INDO PARA NÁRNIA!.....	123
<i>Ana Karyne Loureiro G. W. Furley</i>	
ANDAR? PARA QUÊ?.....	126
<i>Hiran Pinel</i>	
O ESTRANHO E ENCANTADOR SORRISO DE UMA CRIANÇA.....	131
<i>Ivoneide Maria Silva Amorim</i>	
UM NOVO SENTIDO PARA VIDA A CADA PARABÉNS RECEBIDO..	133
<i>Silvaneide Rodrigues de Oliveira Lopes</i>	
PERALTICE OU APRENDIZAGEM?.....	135
<i>Sirlei Anacleto Martins</i>	
O BRINCAR, TRANSPASSANDO A BARREIRA DA DOR	137
<i>Valéria Johanson Rezende</i>	
CONVIDAMOS VOCÊ PARA FAZER PARTE DA ÁRVORE DA VIDA!.....	139
<i>Jaqueline Lucindo dos Santos</i>	
LIBERDADE TEM CHEIRO?.....	141
<i>Luiza Elena Candido de Almeida</i>	

COMO POSSO, COM MINHA PROPOSTA DE BRINCAR, SER TAMBÉM UMA ÁRVORE DA VIDA?.....	143
<i>Danielly de Almeida Silva Uliana</i>	
A EFEMERIDADE DA VIDA COMO FIGURA-FUNDO NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO CONTEXTO DA CLASSE HOSPITALAR.....	145
<i>Rute Léia Augusta da Silva</i>	
A PENÚLTIMA PENSATA! UM POSFÁCIO-CONVITE.....	147
<i>Edicléa Mascarenhas Fernandes</i>	
ÍNDICE REMISSIVO.....	148

LA PEDAGOGÍA HOSPITALARIA FLORECE COMO UN DELICADO JARDÍN DE ESPERANZA: UN PREFACIO A UN LIBRO MUY SINGULAR

Francy Quintero Reyes¹

Escribir el prefacio para un libro tan singular como este es una emoción. Después de reunir tantas personas de diferentes nacionalidades, de diferentes profesiones, de diferentes aulas hospitalarias, hospitales, escuelas y así poder mostrar la multiculturalidad reunida en torno al amor por la pedagogía hospitalaria, pero más que eso a los niños y jóvenes en condición de enfermedad repito que me llena de emoción.

Nuestro curso y digo nuestro porque así lo siento cuando nos reunimos muchos seres humanos por la pedagogía hospitalaria, fue un curso lleno de mil emociones y expectativas; desde que llegó a la imaginación de Hiran, Ediclea, Ana Karyne Brunella, José, Kezia y Rute Lea y se empezó a formalizar y a organizar entonces la idea de un curso que permitiera alcanzar el objetivo: pensatas de una formación educacional humanista-existencial em brinquedista hospitalar.

Luego los sentimientos de alegría, entusiasmo, interés y curiosidad de cómo resultaría si se la Universidad tomará en serio la propuesta, le gustará y la aprobará para poder abrir una convocatoria a todos los amigos, conocidos, referidos y amantes de la pedagogía hospitalaria que se quisieran unir y con quienes en algún momento se tuvo contacto en este medio.

Después de un si de la Universidade Federal Espírito Santo y de las personas encargadas de aprobarlo fue aún mayor la emoción y la alegría pues creo que todos los sentimientos que un niño experimenta en la Brinquedoteca Hospitalar de la que hablamos a lo largo del curso fueron pocos comparados con los que se sintieron en la aceptación y luego el inicio del curso.

Las risas y la alegría que este curso deja en cada uno de sus organizadores como participantes, tanto profesores como cursistas, que dan cuenta de todo lo vivido mientras se compartieron los módulos, las clases, los videos, las actividades, las instrucciones, los escritos, el trabajo final, los espacios de reflexión, pero también los nervios y la ansiedad de tener que cumplir con la evaluación, las

1 Doctora en educación, Universidad de la Salle en Costa Rica. Experta en Pedagogía Hospitalaria de la Universidad de Barcelona en España. Magister en Educación de la Pontificia Universidad de Javeriana en Bogotá. Representante para Colombia de REDLACEH. E-mail: francyquintero75@yahoo.es.

entregas y demás no se comparan con la alegría y la esperanza de vida desarrollada en la Brinquedoteca hospitalar en los niños en condición de enfermedad; son sus risas, sus juegos, sus alegrías y la gran resiliencia que desarrollan durante la enfermedad las que superan los sentimientos y emociones de nuestro curso.

Gracias infinitas a todos los participantes por este nuevo curso de pedagogía hospitalaria que sigue brindando capacitación profesional de calidad a todos los que la amamos.

Gracias por invitarme a ser parte de este hermoso proyecto al cual quiero y me siento orgullosa de ser parte, así como el de escribir este prefacio para este hermoso libro que encierra muchas cosas imposibles de describir con palabras.

“En el cálido abrazo del conocimiento, la pedagogía hospitalaria florece como un delicado jardín de esperanza, cultivando sonrisas en los corazones de aquellos que sanan cuerpo y alma.”
(Francy Quintero)

QUANDO FALO DE MIM E DO NOSSO BRINCAR: UMA APRESENTAÇÃO

Adivinhe o que tenho para você! Não sabe?! Arrisque! Vamos começar a brincar! Pegue-me nas suas mãos, com muito carinho e comece a viajar. Ai, não me aperte tanto nem me esqueça num canto. Eu sou um livro diferente! Já sei. Você vai dizer que sou um livro de palavras! Sim e não! Sou mesmo um livro de palavras, mas de palavras que nasceram noutra lugar, não aquelas palavras que costumam nascer na cabeça e serem cuspidas pela boca. Eu sou um livro nascido do coração e modelado na memória, no sonho, no desejo, na imaginação. Eu sou um livro molhado. Nas palavras, que foram me fazendo, aparecem suor, lágrimas, água, até soro fisiológico e água oxigenada. Sou um livro de gente que tem coração grande, olhos também grandes, sinais de uma atenção sem igual. Eu sou um livro nascido do viver de pessoas que lidam ou se preparam para atuar com crianças e adolescentes hospitalizados.

Preciso ainda continuar falando de mim... Eu nasci porque no ano de 2023, uma Aninha sonhadora... Ah, deixe-me primeiro falar de Aninha. Ela é daquelas que corre atrás de borboletas amarelas, mesmo em dias de chuva e muito barro, tropeçando em poças d'água, mas sempre buscando seus objetivos. Ela gosta de ver as borboletas, estar com elas, deixar-se tocar por elas. Aninha é uma figura, inventadeira de coisas, criadora – não é só criativa – por natureza, de um coração gigante, de uma disponibilidade sem fim. Voltando... Aninha inventou de estudar e estudou muito. Agora, fazendo doutorado, ela inventou de chamar o seu orientador para uma dessas aventuras de caçadas de borboletas. De tanto falar que tinha muitas borboletas voando ao nosso redor, de tanto insistir que muitas borboletas precisavam se preparar melhor para os voos, convenceu seu orientador de doutorado, Dr. Hiran Pinel, a promover um curso de brinquedista hospitalar. O Hiran é outra figura. É um intelectual, mas de um jeito tão bacana e sensível que parece irmão da gente, companheiro de cada dia, pessoa de cozinha, daquelas que a gente cria intimidade com um “bom dia!”.

O curso foi ofertado como atividade de extensão pela Universidade Federal do Espírito Santo e teve participação de pessoas de vários lugares, até do exterior. De abril a julho, mais de uma centena de lindas borboletas gastaram tempos de suas vidas para estudar sobre temas diversos: Brinquedoteca Hospitalar; Classe Hospitalar; Quem brinca?; Escuta empática, resiliência e brinquedo terapêutico; Contação de histórias e palhaçarias em hospitais; Brinquedoteca Hospitalar (HUPE/UERJ).

Para tratar dessa quantidade de assuntos, Aninha e Hiran chamaram um grande time de amigos: Cesar Augusto Rossatto (University of Texas at El Paso); José Francisco Chicon (UFES); Fabio Antunes Cruz (Instituto Especial 7215 de atención Domiciliaria y Hospitalaria - Salta Argentina); Francys Quintero Reyes (REDLACEH - Colômbia); Vitor Gomes (UFES); Kezia Graziela de Queiroz (UERJ); Rute Léia Augusta do Nascimento (UFES); Edicléa Mascarenhas Fernandes (NEEI/ UERJ); Hélio Orrico (IFRJ); Suely Pereira (Ecobrinquedoteca IES; ABBri); Brunella Poltronieri Miguez (Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa - IDP); José Raimundo Rodrigues; Luciene Sales Sena (ACACCI); Jonatas Marcos da Silva Santos (Univali); Sirlândia Reis (ABBri); Cláudia Lopes (Instituto de Infectologia Emílio Ribas); Sandra Santos (Instituto de Infectologia Emílio Ribas); Camilo Salgado Bocanegra (REDLACEH - Colômbia); Beatriz Pícolo Gimenes (ABBri); Regina Porto (Rio de Histórias); Rodrigo Campaneli (Teatro Campaneli). Ufa! Quantas pessoas de conhecimento!!! E, cada uma delas, por meio de vídeos e outros materiais, ofereceu algo para sentirmos, pensarmos e problematizarmos a questão do brincar como um direito que jamais pode ser negado às crianças e adolescentes em tratamento de saúde, de modo especial, aqueles internados.

O que vocês encontrarão nesse meu corpo feito de páginas tão finas e sensíveis é um pouco daquilo que os muitos cursistas - e agora não posso fazer lista de nomes!!! - experienciaram ao refletirem sobre aqueles temas que mencionei acima e, assim, poderão também conhecer aquelas pessoas lindas que recordei agorinha. Como todo curso, os participantes tinham que fazer atividades e a avaliação final, aquela muito séria, era a de fazer uma “pensata”. Vejam só que nome esquisito! E todo mundo acostumado com aqueles textos difíceis, cheios de citação de gente famosa e, de repente, foi pedido para que os participantes escrevessem suas experiências em relação ao brincar e à vida profissional na área da saúde ou na atuação em Classe Hospitalar. Ou seja, os textos que aqui coletamos são textos nascidos da vida de mulheres e homens que, no contato com crianças e adolescentes, recuperam as crianças e adolescentes que ficaram e-ternizadas dentro deles. E tem cada lindeza a me cobrir de tinta que eu fico até emocionado. Eu sou esse livro onde pulsam os corações.

Cada autor não estava preocupado em fazer teoria, mas deixou-se provocar pelas teorias para se permitir olhar para uma vivência e se sentir, de novo, inteiro nela. Eu, enquanto livro, fico pensintendo uma coisa e me pergunto: “Então, eu nasci também para ajudar a defender um direito?!” Acho que sim! Eu sou um livro com uma linguagem diferente, mas que quer fazer você, leitor(a), pensintir coisas novas, deixando-se ganhar uma lufada de ar no rosto, daquelas com cheirinho de bala de morango ou hortelã, ou mesmo com bafinho de quem

esqueceu de escovar os dentes, mas nunca se esquecerá do desejo de brincar.

Aos cursistas que me deram a honra de existir como livro, agradeço muito por terem se ex-postos com tanta coragem, falando de suas vidas, de suas angústias, pegando-nos pela mão para nos levar até os locais onde atuam. Às crianças e aos adolescentes que, embora não nomeados, fazem-se presentes em mim, o nosso compromisso de que jamais nos esqueceremos de que o brincar é um direito e que iremos defendê-lo sempre. Por isso, também como adultos, continuaremos a “brincar”, mesmo que, em alguns momentos, talvez, nosso desejo fosse de tirar o “nc” desse verbo e colocar um “G”, pois um direito não se conquista de uma vez por todas e faz-se renovada conquista a cada dia, em cada pequena situação.

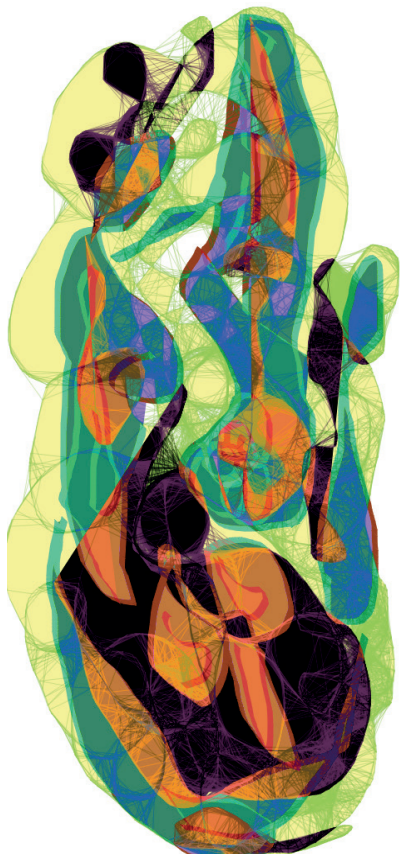
Adentrem ao meu coração! E curtam também as imagens únicas que ilustram cada uma das pensatas. Isso já foi invencionice do José!

Os organizadores

*Julho de 2023, no início da vida adulta do
Estatuto da Criança e do Adolescente nascido em 1990.*

DO ESVAZIAR-SE ATÉ O FIM: QUANDO O SANGUE TRAZ A ESPERANÇA E CONVIDA-ME A SER ÁRVORE DA VIDA!

José Raimundo Rodrigues¹



Na bolsa de sangue só-corre remédio? Foi olhando o ritmo do gotejar daquela bolsa pendurada cujo tubo levava sangue até aquela criança pálida e prostrada que reparei nessa questão. Havia ali um movimento, um fluxo vital. Da bolsa que se escoava, praticamente se esvaía, esvaziava, enchia-se de esperança uma vida, uma pessoa, no caso uma menina. Naquele leito de hospital estava uma história de alguém que queria muito ver o futuro. Aquela menina desejava crescer para achar a cura do câncer. Foi essa a sua fala numa das tardes de nosso encontro.

Enquanto acompanhava a técnica de enfermagem que confirmava os procedimentos da transfusão, fui me dando conta da quantidade de pessoas envolvidas para que aquela bolsa chegasse até a minha criança. Primeiro pensei no quanto de ciência está envolvido nesse processo. Fiquei imaginando quanto tempo não se levou até que tivéssemos conhecimento suficiente sobre o sangue humano e se organizassem protocolos trans-

fusionais. Depois pensei nos técnicos envolvidos. Aquelas pessoas que dominam o conhecimento e fazem se concretizar sanando as deficiências de pacientes.

Contudo, minha cabeça foi mais longe. Pensei nos doadores. Aquela pessoa que doou o sangue fez um ato de solidariedade para com desconhecidos.

¹ Licenciado em Filosofia pela PUC-Minas. Mestrado e Doutorado em Teologia Sistemática pela FAJE-BH. Mestrado e doutorado em Educação pelo PPGE-UFES. Coordenador de Turno na rede municipal de ensino da Prefeitura de Vitória-ES. E-mail: jrrzenga@yahoo.com.br.

Sim. Uma bolsa doada pode servir para mais de um paciente. No sangue doado corre também generosidade, empatia, afeto, coragem, entrega. O doador é como aquela bolsa que eu vi, aos poucos, murchando. Entrega de si para que o outro seja. Apenas quer o bem! E como faltam doadores.

Veza por outra, minha criança balançava o tubo que a ligava à bolsa. Ela riu e disse para mim. “É igual o cordão umbilical!” Depois contou que tinha visto isso na escola. De novo balançou o tubo, fez tremer o suporte de ferro que sustentava a bolsa e seu rosto parecia mais animado. “Você consegue ver a árvore? Fala sério?! Como não vê? Tem o tronco, é uma árvore comprida, magrela, sem folhas, mas lá no alto ela tem uma frutona e eu recebo o fruto dela”.

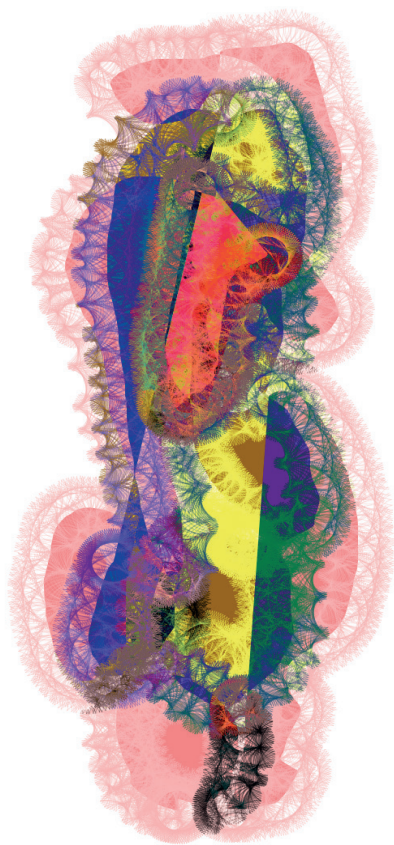
Ofereço a ela um dos brinquedos de minha maletinha. É uma boneca que também lembra frutas. Ela gosta e como se estivesse dando uma aula para a boneca desembesta a falar: “Você precisa aprender, menina. Vou te contar uma história. Era uma vez uma árvore grandona e ela tinha um fruto maravilhoso. Quem plantou essa árvore foi um jardineiro que queria que todas as pessoas fossem felizes. Essa árvore é diferente das outras porque dá fruto o ano inteiro. Às vezes, tem um intervalo entre um fruto e outro. E quando você fica para baixo, o fruto da árvore faz a gente se animar. Ah, você quer saber o nome da árvore? Ou do fruto? A fruta se chama vida. E a árvore eu acho que se chama vidadeira”. E olha para mim com espanto e solta uma gargalhada e fica repetindo “vidadeira”, “vidadeira”, “vidadeira”. Eu fico ali acompanhando ela a brincar e o sangue a escoar.

Não havia nada mais a fazer senão contemplar aquele suporte, agora, para mim também, transformado em árvore. A bolsa de sangue como fruta. E aquela criança a brincar com algo que me escapava. “Vidadeira” era aquela criança movendo em mim um outro correr no sangue. “Vidadeira” era saber que, diante de mim, estava uma pessoa forte, capaz de no riso recuperar o vigor pela vida, não se deixando abater pelas dificuldades. Naquele dia eu é que aprendi o quanto poderia ressignificar alguns percalços de minha vida.

A bolsa vazia permaneceria para mim como símbolo de uma urgência e de uma esperança. Urgência porque são poucos os doadores e são muitos os necessitados, principalmente, em algumas épocas do ano. Uma doação salva sim muitas vidas. Uma esperança porque naquela bolsa só-correu remédio de melhor qualidade que mostrou-me o quanto nossa humanidade está entrelaçada como as raízes das árvores. Somos todos dependentes uns dos outros. Meu tempo naquele leito se esgotou, como a bolsa. Na menina nenhuma reação adversa. Em mim, talvez, uma reação transfusional: “Como posso, com minha proposta de brincar, ser também uma árvore da vida?”

O LÚDICO CRESCE JUNTO COM VOCÊ

Chiara da Silva Queiroz¹



Por que esquecemos dos adolescentes na conversa sobre o ensino lúdico? Era minha primeira vez dando aula no hospital fora da visão atenta de um professor responsável. Tomada pela sensação de responsabilidade, eu subi as escadas, saindo da classe hospitalar a qual estava acostumada, e entrei na ala de ortopedia. Algumas crianças estavam acompanhadas, mas não o garoto a quem eu ia ensinar. Com um cabelo crespo, alto para sua idade, e trazendo no rosto a marotice típica de seus 14 anos, ele parecia distraído. Uma tala na perna o imobilizava no leito, mas ele aparentava resignação. Quando me aproximei dele, percebi os primeiros traços de resiliência, de um desejo de fazer rir, que foi se mostrando ao longo da tarde. Eu o ajudava com os trabalhos, trazendo os contextos das perguntas e dando empurrõezinhos para a resposta esperada, e ele, mesmo prestando atenção, brincava com as perguntas como se fossem provocações. Comecei a brincar também, embalada pela diversão que aquele garoto apresentava

ver em tudo. Ali, da cama do hospital, os deveres engessados foram transformados em passeios entre o mundo da arte e o mundo interno dele.

No ensinar deve haver um equilíbrio entre o brincar e o aprender. Sabemos sobre o brincar de menos, mas também existe o brincar demais. Já lidei com isso em outras aulas. Nos estágios, eu tinha a tendência a me deixar levar pela brincadeira com as crianças, esquecendo por alguns instantes que eu não podia

¹ Licencianda em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: chi.artes@outlook.com.

deixar o lúdico se sobrepôr ao ensino. Nessa ocasião, porém, eu senti que, pela primeira vez, havia conseguido dançar de um lado ao outro em cima dessa balança. Ao encher a ala de ortopedia de risinhos e conversas, eu e o garoto transformamos aquele momento num estudo casual, como eu tinha nos meus tempos de adolescência.

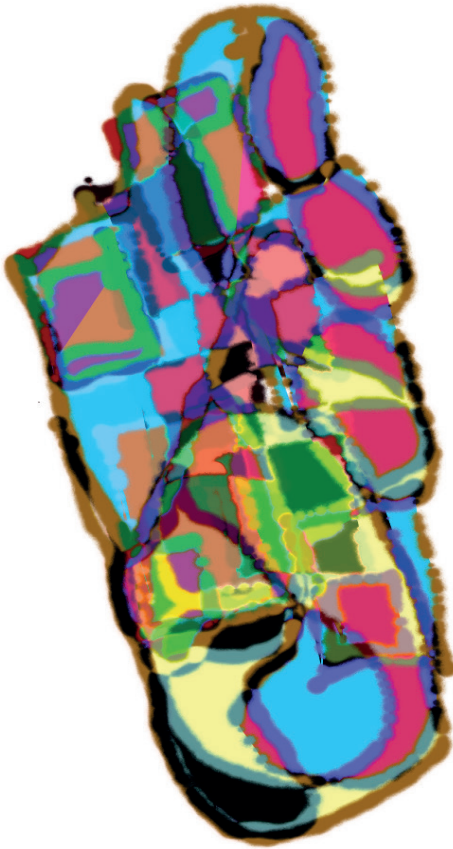
E quem entende mais instintivamente do aprender lúdico do que um adolescente numa roda de estudos com um grupo de amigos? Competições, trocadilhos, contação de histórias... É só pensar bem que percebemos as formas que eles adaptam as atividades lúdicas. Mesmo já adulta, eu também gosto que meu estudo tenha pitadas de brincadeira aqui e ali; desafios que imponho a mim mesma com deliciosas recompensas, transformar os assuntos em desenhos nas costas das páginas, e até mesmo aquele momento eletrizante em que posso traduzir meu conhecimento e transmiti-los, ou seja, corro pra contar fatos curiosos e interessantes para meus entes queridos.

Pensamos tanto no brincar como algo de criança, e, na maior parte, ignoramos o potencial brincante que o adolescente tem. Mesmo chegando naquele espaço de tempo em que brinquedos são vistos como algo infantil, eles ainda resistem, transformam o que é o brincar pra eles. Às vezes, sem nem mesmo perceber. E se percebe nos risos, nas piadas, nas brincadeiras talvez um pouco mais sutis, mas que ainda fazem parte de suas existências. E existindo, eles trazem a brincadeira pra todo aspecto da vida que podem... inclusive o aprender!

Afinal de contas, aprender é uma aventura por si só: nós descobrimos o mundo, o redescobrimos, e conhecendo novas ideias podemos esculpir as nossas. É ideal que o adolescente, na busca por si mesmo, perceba que, somente quando olhamos para o universo, vemos nosso reflexo com mais cores. E isso não é um motivo para sorrir?

CARTAS NA MANGA PARA COMBATER CARDIO(A)PATIAS: O BRINCAR COMO SENTIDO DA VIDA

Fernanda Dutra Gomes de Brito¹



Por que bate um coração? Eis uma pergunta que ressoa sempre que me lembro de André. Tinha 13 anos de vida e o coração já fraco. Era assim que dizia. Sentia-se cansado, tudo pesava, os movimentos mais simples o desgastavam e, repentinamente, viver era um grande esforço. O cotidiano antes preenchido por estudos, esportes, lazer e outras tantas ocupações (atividades significativas) foi subitamente esvaziado e substituído pela rotina hospitalar, com seus horários rígidos de medicação, exames, avaliações, em um local impessoal, frio, cheio de máquinas, odores estranhos e sem cor. A vida ativa subitamente parou, seguindo o ritmo de seu coração, e André se viu imóvel, deitado no leito de número 09, de frente para suas limitações, em uma inesperada, indesejada e solitária unidade de cuidados semi-intensivos pediátricos.

Estava apático. Cardiopata. Cardiopático. O coração batia lento e guiava o ritmo da sua vida no ambiente hospitalar. Sensações desagradáveis se faziam presentes, bem marcadas, e cada vez mais regulares. Tremores. Fraqueza.

¹ Bacharel em Terapia Ocupacional pela FAESA, pós-graduada em Terapia Ocupacional Pediátrica e em Terapia Ocupacional em Neurologia pela Faculdade Unyleya; Brinquedista pela ABBri; Tutora do Método Canguru pelo Ministério da Saúde. Terapeuta Ocupacional na assistência neonatal e pediátrica em dois hospitais da rede pública, Estadual e Federal. E-mail: fe_dutra@hotmail.com.

Sudorese. Mão gelada. Palidez. Falta de ar. Rosto sem sorriso. Corpo sem ânimo; sem âni^ma. André estava assustado e mesmo com o coração em funcionamento, sentia-se sem vida. Sem a sua vida. Tinha 13 anos de vida saudável, ativa e significativa, e num instante de tempo a viu esvair-se, frágil, como num sopro. Sofreu um mal súbito, cuja compreensão e impacto se estendem para além do mal físico. Foi acometido pelo pior dos males, o mal anímico, que descompassa o sujeito, e que é impossível de ser regulado com adrenalina, ou mensurado e monitorizado. Foi com a cardiopatia e com a hospitalização repentina e prolongada que André foi acometido pela cardio(a)patia generalizada, que se mostrava contínua, regular, e para a qual ainda não haviam encontrado nenhum medicamento alopático.

Era a primeira vez hospitalizado, em 13 anos de vida, e já completava 1 mês de ruptura hospitalar, em que pacientemente aguardava, passivo no leito, sem forças, sem cor, sem viço, sem sua jovialidade, sem desejos, sem fôlego. Não tinha vontade de sair do leito, fazendo isso apenas como obrigação nas sessões de fisioterapia e em raras respostas à insistência materna para que deambulasse um pouco. André não brincava. Não se relacionava com outras crianças e adolescentes hospitalizados e havia reduzido significativamente o contato virtual com os amigos e colegas da escola. Entristecia-o ver a vida através da tela e das outras pessoas. Ensimesmava-se cada vez mais nesse grande intervalo de tempo em que aguardava resultados de exames e de novas avaliações.

Até que numa tarde, acompanhado por sua mãe, André foi à brinquedoteca pela primeira vez! Precisava mover-se, pôr-se de pé, deambular, ativar o coração, facilitar e acelerar a circulação sanguínea já quase estática, respirar novos ares, sentir-se vivo. Definitivamente precisava de uma injeção de ânimo! Precisava distanciar-se do hospital e reaproximar-se de si. Nas cores da brinquedoteca coloriu-se um pouco. Na ludicidade presente no espaço através dos desenhos na parede e de seus objetos – brinquedos e jogos – reencontrou a leveza, há muitos dias desaparecida. No espaço do brincar encontrou também outras crianças e adolescentes, hospitalizados como ele, com quem se identificou e pôde iniciar relações. Acolheram-se. Na brinquedoteca encontrou um jogo de cartas bastante familiar que o fez sorrir, pois compunha seu repertório de atividades; fazia parte do cotidiano que já conhecia e era seu. Lembrou-se que costumava jogar UNO com amigos e familiares e, prontamente, aceitou jogar mais uma vez, agora na brinquedoteca do hospital, instituição da qual já não se lembrava mais naquele momento. Jogou pela primeira vez durante a internação e divertiu-se. Reconheceu-se. O momento foi tão significativo que passou a retornar todos os dias no fim da tarde para essa atividade em grupo, tacitamente marcada.

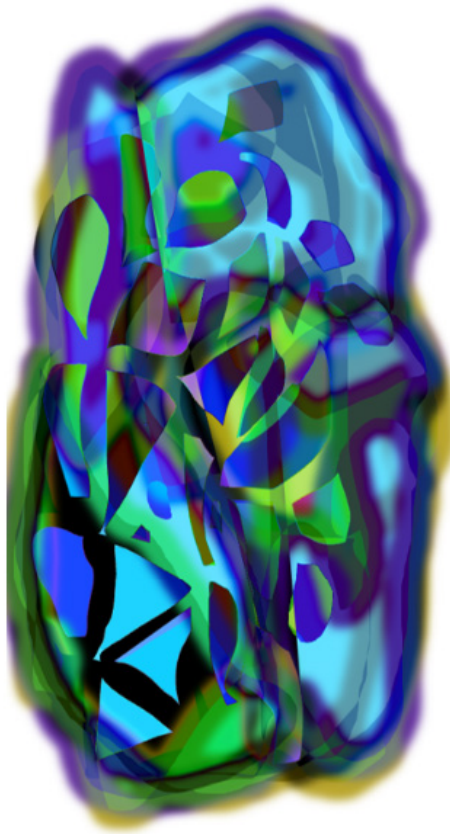
André era pontual e sempre o primeiro a chegar na brinquedoteca. Ansioso

pela diversão, mostrava-se feliz ao avistar os parceiros vindo ao seu encontro, para mais uma “jogatina” – como o grupo apelidou o momento divertido no fim do dia. André era competitivo. Muito competitivo! Gostava de ser desafiado e de desafiar, mesmo de brincadeira. Nesses momentos os batimentos do seu coração aceleravam, a mão suave mais, o olhar se mostrava astuto e o sorriso não saía do rosto. Durante o jogo seus movimentos eram espontâneos, mais fáceis, leves, e apresentavam-se mais amplos e intensos, expressando os sentimentos de André durante o jogo. Seu corpo reagia e se comunicava. Permanecia por mais de hora na brinquedoteca e na atividade, envolvido, contente, comunicativo, competente, vivo! Ir à brinquedoteca havia sido um movimento certo! Quantos bons encontros! E dessa forma a estada hospitalar começou a ser resignificada e o brincar passou a ser parte importante do cuidado com sua saúde, sendo um facilitador de sua recuperação.

Enquanto eram dadas as cartas a cardiopatia não tinha lugar e a cardio(a)patia não mais aparecia; não ousava “dar as caras”. Na jogatina André era protagonista e reencontrava-se, pois reconhecia o menino que conhecia e convivia há 13 anos. Esquecia-se do paciente e do cardiopata cardioapático recém conhecidos. Curava-se um pouco mais da cardio(a)patia a cada carta numerada. Divertia-se a cada revés surgido. Movimentava-se internamente a cada alteração de sentido do jogo. Extasiava-se ao ganhar e aceitava cada vez melhor as perdas, inevitáveis. Aos poucos as compreendia como parte do processo, transitórias e importantes para a felicidade diante das vitórias. A cada partida mantinha-se, reagia, escolhia por continuar nos jogos: UNO e vida. E assim, dia a dia, aquelas tardes divertidas funcionavam como remédio para a cura do coração apático e da vida repentinamente inerte. A injeção de ânimo que recebia na jogatina funcionava para André como o melhor e mais potente remédio para o resgate de uma vida com sentido – a vida que leva o coração a acelerar e bater mais forte. Além de rir, jogar não pode ser o segundo melhor remédio?

**BRINQUEI ONTEM, BRINCO
HOJE E BRINCAREI AMANHÃ:
RELATO DE UM PROFISSIONAL DA SAÚDE
QUE CRESCEU JOGANDO VIDEOGAME E
SABE O QUÃO BEM ISTO LHE FEZ**

Carlos Henrique Correa Casa Grande¹



Videogame é assunto apenas para crianças? E como o uso do videogame pode afetar a prática de um profissional da saúde? Respondendo esta pergunta, preciso contar da minha infância, uma das coisas que mais me marcaram foi a minha paixão pelos videogames. Desde muito cedo, tive a sorte de ter acesso a um console e a uma variedade de jogos que me permitiam mergulhar em mundos virtuais cheios de aventuras e desafios. Lembro-me dos momentos em que ficava horas a fio em frente à televisão, com os olhos vidrados na tela, controlando personagens e desbravando cenários coloridos e cheios de vida. Cada novo nível superado era uma conquista pessoal, uma sensação de realização que eu não conseguia encontrar em nenhuma outra atividade.

Com o passar dos anos, muitas coisas mudaram em minha vida, mas a paixão pelos videogames permaneceu

¹ Bacharel em Enfermagem e Obstetrícia pela UFES. Especialista em Saúde Mental pela EERP – USP. Pós Graduado em Atenção Psicossocial. Professor de ensino técnico e Enfermeiro Assistencial no Hospital Estadual Infantil e Maternidade Alzir Bernadino Alves (HIMABA). E-mail: prof.carloscasagrande@gmail.com.

forte. Mesmo enquanto os deveres adultos começavam a tomar mais tempo, seja na faculdade, na rotina de enfermeiro trabalhando em 2 ou 3 locais, sempre encontrei uma maneira de encaixar o jogo em minha rotina. Seja nos momentos de lazer, quando eu precisava descontraír e me desligar das preocupações diárias, ou mesmo como uma forma de me conectar com amigos e familiares que compartilham dessa mesma paixão. Os videogames se tornaram, para mim, muito mais do que apenas uma atividade recreativa. Eles se transformaram em uma forma de exercitar minha mente, estimular minha criatividade e até mesmo desenvolver habilidades sociais, através de jogos online.

Hoje, como adulto, continuo a jogar videogame com o mesmo entusiasmo que tinha na infância. É verdade que minha vida está mais ocupada e os momentos dedicados aos jogos são mais escassos, mas isso não diminuí em nada a alegria e satisfação que sinto ao mergulhar em um novo jogo ou revisitando clássicos que me marcaram.

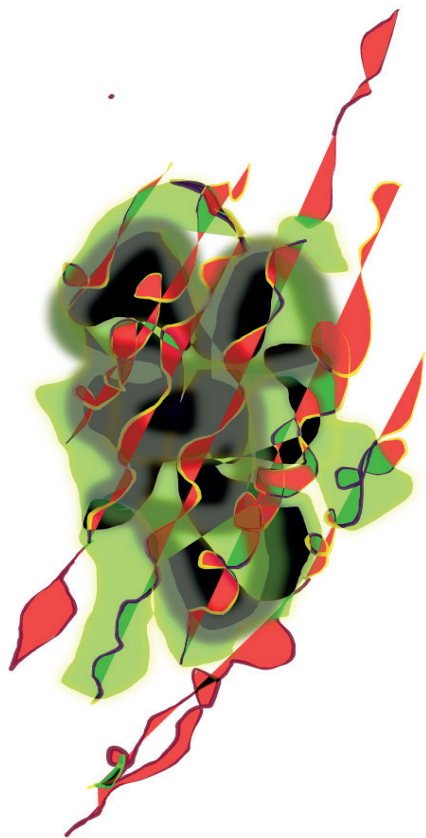
Vejo satisfação em reconhecer tudo isto que citei como marcante, e ver como isto impactou na minha prática profissional também. Para mim, a sabedoria de um profissional de saúde é medida não apenas por sua habilidade técnica, mas também por sua compreensão profunda da importância do brincar na vida de uma criança.

E foi compreendendo isto que pude me aproximar de alguns pacientes em minha rotina de serviço no Hospital como enfermeiro. Lembro-me de um caso, em específico: era um paciente que tinha uma inibição social importante, conversava muito pouco, quase não se alimentava, não queria fazer uso dos medicamentos, evitava ao máximo qualquer tipo de contato, até mesmo com familiares. Vi que estava vestindo uma blusa de um jogo chamado *Castlevania*. Utilizei do meu conhecimento deste jogo, para começar a criar um vínculo com ele. A inibição logo foi perdendo espaço, e o paciente se sentiu mais à vontade para abordar demais assuntos de sua vida comigo, fizemos planejamento de atividades pós alta, e com auxílio e permissão da genitora do mesmo, incluímos de maneira saudável um momento do uso do videogame na semana. Esta foi apenas uma de muitas oportunidades que tive de criar vínculos com pacientes através do “brincar” deles que era semelhante ao meu.

Espero que essa pensata reflita a importância do brincar na vida de uma criança e como um profissional de saúde pode entender e promover essa prática em seu trabalho. Afinal, será que alguém ainda pensa que videogame só faz mal ou podemos repensar isso?

A PEREGRINAÇÃO DA PURIFICAÇÃO DO SANGUE: QUANDO A DOR SAI E VOLTA A ESPERANÇA

Raiara Dos Santos Silva¹



Em sessões de diálise, o que dialisa-dor? Em cada enfermaria, em seus leitos há uma criança, uma história, a representação de si, da dor, de quem acolhe, de quem olha o leito, de quem devolve o olhar. Em um desses leitos, seguindo minha rotina técnica, as visitas diárias, ouvindo as demandas espontâneas, vou ao encontro deste menino. Pálpebras inchadas, olhar caído, semblante triste. O inchaço no olhar se estendia ao corpo. A restrição hídrica, alimentar, os limites do leito simbióticos aos limites do corpo. Ligados à veia bolsas de remédio, soro, algumas vezes, por semana o processo do dialisa-dor.

O dialisa-dor, aquela máquina que limpa o sangue, filtrando resíduos, devolvendo o sangue purificado, limpo, mantendo o necessário. Por horas ali, é crucial que o sangue passe por esta máquina e, assim, faça o papel de um rim artificial, cumprindo o que o rim natural

fazia, fez e hoje já não faz mais. Em angústia, a criança tenta compreender o tempo, a manutenção, os motivos de passar por isso, e ali passa o sangue e passam os resíduos, passam as moléculas, passa a dor... Mas a dor fica? Ou volta? E como volta? Como lidar com essa dor? E as tantas preocupações que acometem a cabeça de uma criança em leito. Criança tem sentimento, tem dor, tem vida, tem angústia, tristeza, fome, ausência, pesar, medo, cansaço...

1 Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Multivix Vitória. Pós-graduada em Psicologia da Saúde e Psicologia Hospitalar pela UniBF. Pós-graduanda em Gestalt - Terapia pela UNIFIA. E-mail: raiaradossantossilva@gmail.com.

O cansaço da diálise, do sangue que vai e volta, do vai e volta para o leito, do deitar e dormir e não querer mais levantar. Eu o visito sempre antes e depois da diálise, busco ouvi-lo e compreender seus sentimentos e propor através do lúdico, atividades, brincadeiras e assim trazer compreensão. Foi aí que surgiu: “Tia, está doendo!”. Eu perguntei o que doía, ele dizia que doía tudo, o coração, o rim, a cabeça. As lágrimas escorriam e ele estava abatido e em conflito. Conversei com ele e pedi para me esperar que eu já voltava à enfermaria. Pensativa sobre a diálise, o processo e como dar alento a esta criança, busquei folhas brancas, canetinhas e lápis de cor e assim pensei em começar uma atividade.

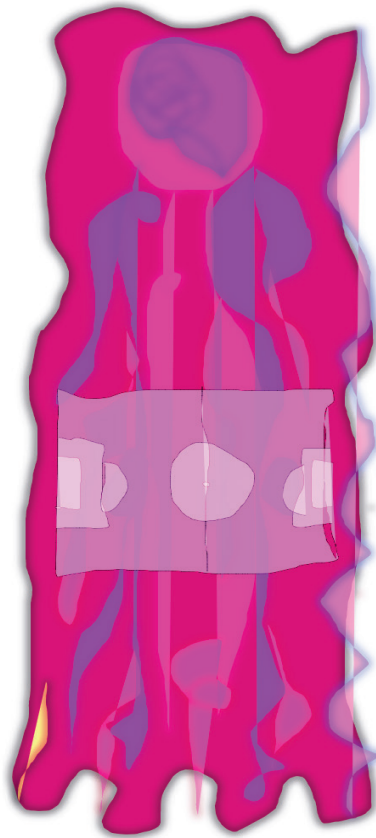
Retornei minutos após, estava ali sentado à beira-leito, indaguei: “O que traz mais dor?” Ele me disse que os dias em que precisa fazer a diálise, e eu respondi: “Aquela máquina era para tirar a dor, ela se chama dialisa-dor. Então, toda vez que você precisa estar ali, ela recebe o sangue e faz voltar o sangue limpinho, e, nesse vai e vem, a dor sai. É para aliviar!” Ele riu e sorriu, misturando gargalhadas e sorrisos. E, assim, pedi que desenhasse livremente. Perguntei o que queria desenhar e foi aí que ele respondeu: “A máquina que tira dor!” Eu sorri e falei: “Faça este desenho, vamos deixar pendurado aqui próximo ao seu leito, quando quiser, leve-o com você e lembre-se que, toda vez que você estiver em sessão de diálise, é importante limpar o sangue e limpar a dor, é assim que o dialisa-dor funciona”.

Dialisar é um processo químico, doloroso, mas necessário, é ali que o rim artificial faz o papel de limpar o sangue e devolver ao corpo o sangue purificado, mas para esta criança a dor ali vai, mas não volta. A cada processo a dor se vai, volta um sangue limpo, bons sentimentos e quando a dor volta, se faz uma nova diálise, assim compreende-se através do lúdico, do simbólico a representação do que é crônico. Em choque com a vida, o brincar permite uma condição de alívio e um momento onde isso se torna mais confortável.

Em outro momento, pedi para aquele pequenino que escrevesse palavras diversas, e, assim, a cada diálise, me mostrasse quais saíam e quais entravam após o dialisa-dor fazer sua função. Eu voltava ao leito após a diálise para conversarmos sobre a sessão e os sentimentos bons que ficavam, os ruins que saíam, os que voltavam e os que sairão da próxima. Era compreensiva que nem tudo sairia de uma vez, o menino entendia que o dialisa-dor limpava o sangue e a dor. E o contristava, porque assim ele o acreditava. A diálise não é só a troca e limpeza do sangue, é a esperança, é o retorno de uma oportunidade, é o reabastecer para o novo dia. É se esvaziar para encher de forma purificada e, assim, fica para os sentimentos, dialisar a dor, deixar ir e receber um novo sentimento, para um novo momento, um novo viver. “E amanhã, a sessão é para o sangue ou para o dialisa-dor?”

DO SER AO BRINCAR: QUANDO AS SUBJETIVIDADES SÃO INTERDITADAS PELAS BRINCADEIRAS EXCLUDENTES

Renan Modesto Gomes¹



O que fazer quando as brincadeiras são instrumentos de exclusão e distinção de gênero para crianças? Lembro-me como se fosse ontem, era início do ano letivo. E eu tinha acabado de sair do Ensino Fundamental I, tinha de 9 para 10 anos, era muito pequeno e frágil. Um medo me consumia naquele momento, um universo cheio de novas coisas a serem exploradas, novos rostos, novas colegas, novas matérias e novos professores.

Eu era um menino pequeno, emagrecido, cabeça maior que o corpo, os olhos fundos e sempre com meus cabelos penteados para o lado direito. Tinha acabado de chegar para meu primeiro dia de aula no Ensino Fundamental II. Minha mãe, como sempre, me levava e buscava na sua bicicleta vermelha e enferrujada. Desde sempre fui chamado de “filhinho da mamãe” e, sem ter vergonha alguma, sempre respondia que era mesmo e com muito orgulho.

Naquele primeiro dia de aula notei que muita coisa havia mudado: colegas maiores e mais fortes entraram no lugar dos colegas

menores; os “tios” mudaram, agora eram professores e só aceitavam ser chamados pelos seus nomes, chamá-los de “tio” era uma afronta; o lápis ficou para trás e deu lugar a caneta; o caderno de colorir deu lugar a enormes livros cheios

1 Bacharel em Enfermagem (FAESA), pós-graduando em Psiquiatria e Saúde Mental (FAVENI), Enfermeiro Assistencial no Hospital Infantil e Maternidade Alzir Bernardino Alves (HIMABA). E-mail: renanmodestog@outlook.com.

de conteúdo; e para piorar, a “tia” Eloisa – professora de educação física – deu lugar para o professor João.

Nunca imaginei que as mudanças seriam tão bruscas, as brincadeiras em conjunto propostas pela “tia” Eloisa eram brincadeiras incríveis que envolviam todos os colegas. Toda aula era uma surpresa admirável onde aprendíamos e brincávamos de amarelinha, pique pega, pique bandeira, dança de roda, passa o anel, entre outras. Eram brincadeiras sem distinção de gênero onde todos os colegas brincavam em conjunto.

Na primeira aula do professor João sofri com a minha grande dificuldade, pois diferente de outros garotos eu preferia atividades que não fossem correr atrás de bola. Nunca me dei bem com futebol, sempre fui o famoso “perneta”, o último a ser escolhido para o time. Isso me despertava sentimentos de inferioridade e reforçava minha aversão ao futebol. Quando a temática daquela primeira aula foi anunciada pelo professor, imediatamente sem pensar duas vezes, escolhi fazer a atividade das meninas! O professor me advertiu dizendo que “meninos não fariam aulas com meninas, porque meninos brincam de brincadeiras de meninos”.

Naquele momento lembrei-me das brincadeiras da “tia” Eloisa, que não faziam a distinção que aquele homem acabara de me dizer. Com olhar triste, sentimento de frustração, me virei, me retirei daquele espaço e não participei mais das aulas daquele momento em diante que, por sinal, eram sempre futebol para os meninos. Com isso tive que fazer trabalhos escritos para poder passar de ano, pois nunca fazia as aulas de educação física.

E assim passou a quinta, a sexta, a sétima e, assim por diante, até o Fundamental 2 terminar, eu só participava de atividades que não envolviam futebol. Atividades que raramente aconteciam. Com isso cresci com o pensamento de um dia fazer diferente, tornar-me um profissional que viria a fazer diferença na vida das pessoas. Tão logo me formei no Ensino Médio, comecei a cursar faculdade de Educação Física na tentativa de ser melhor do que me foi apresentado quando criança.

Nos estágios obrigatórios tive a oportunidade de trabalhar com crianças de 4 a 5 anos de idade, onde pude proporcionar a eles jogos e brincadeiras, confecção de brinquedos, atividades lúdicas. Nunca me esquecerei do rostinho deles quando fizemos aquela brincadeira de caça ao tesouro pirata. Foi incrível!

Ao adentrar no estágio do Ensino Fundamental 2, mais especificamente uma turma de oitava série, deparei-me com o mesmo que vivi: meninos jogando futebol e meninas no canto da quadra. Naquele mesmo momento eu quis fazer diferente; porém, era visível a dificuldade e o engessamento daquela prática. Não foi fácil, mas montei planos de aulas onde iniciei jogos e brincadeiras naquela turma e, no final do meu estágio, a turma se reuniu para agradecer e dizer

como foi importante para eles reviverem aquelas brincadeiras. Aquilo me marcou e foi gratificante.

Posteriormente tendo deixado a docência em Educação Física e redirecionado minha carreira profissional para a Enfermagem, tenho tido a oportunidade de atuar em uma unidade de internação de saúde mental infantil. Mesmo passado tanto tempo, ainda me espelho na “tia” Eloisa, que marcou positivamente a minha infância. Inspirado nela, busco adotar práticas de cuidado humanizadas que promovam a inclusão e não reproduzam discriminações, estigmas e preconceitos. Sempre que um novo desafio aparece, pergunto-me: Que tipo de profissional eu quero ser? Que diferença posso fazer na vida e na história dos meus pacientes? Serei aquele que faz viver pela brincadeira ou aquele que deixa morrer pela perpetuação da exclusão?

A MAGIA DE BRINCAR, QUANDO O PASSADO REFLETE O FUTURO!

Emerson Pereira Gomes¹



Qual valor de brincar? Reunidos há 25 anos, encontrava-se eu e muitos primos. A família da minha avó paterna é extensa, algo em torno de trinta, mas sempre estávamos reunidos em dez. Para brincar, às vezes, era vantagem esse número e, noutras não, dependia da brincadeira. Fato era que esse encontro acontecia sempre ao final da tarde quando chegávamos do colégio. Era a melhor hora do dia.

Ao fundo da casa simples da minha avó havia um grande terreno onde brincávamos de pique esconde, pega-pega, caiu no poço, pau na lata e por aí vai. Ainda sinto o cheiro do óleo fritando salgados. Minha avó era salgadeira, vendia na escola, mas sempre fazia o salgado para o lanche da tarde.

Em dias de chuva, ficávamos dentro da cozinha de lenha vendo os salgados mergulhados em óleo quente, aquecíamos-nos próximo ao fogo. As paredes eram de barro o que nos permitia com um prego ou algo parecido gravar nossos nomes e datas de aniversários. Essa é uma das melhores

lembranças de infância. Fecho os olhos e consigo reviver tudo na memória, inclusive o cheiro.

Por ter vivido assim, cresci com necessidade de afeto, tato, contato, o que infelizmente hoje não ocorre com a grande maioria das crianças. Trabalhamos em um setor onde a doença está na mente. Sábado passado, por 30 minutos,

¹ Graduado em enfermagem pela FASA, Pós-graduado em Urgência e Emergência pela SÃO CAMILO, Saúde Mental pela FAVENI, enfermeiro de Saúde Mental Hospital HEIMABA Vila Velha, E-mail: emersonpereiragomez@hotmail.com.

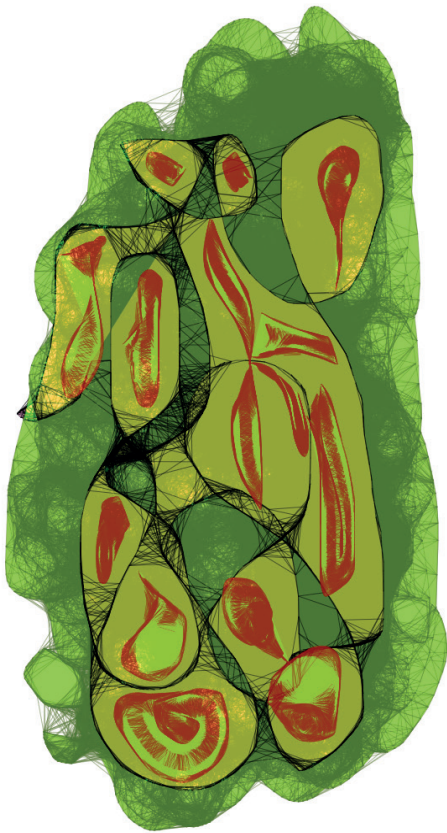
realizei uma atividade de recreação com um paciente. Fomos ao pátio do hospital. Ainda com sua dificuldade mental, o paciente conseguiu interagir durante toda atividade comigo e outras crianças. Apesar de não ser a sua preferência por aquele momento, ele se divertiu e esqueceu da televisão e dos filmes que o prendem durante todo o dia. No jogo de xadrez ele ganhou a partida e eu jogava normalmente sem amenizar nenhuma jogada.

Outro dia melhoramos os movimentos físicos e o raciocínio de outra paciente com duas brincadeiras: soco-soco, bate-bate; babalu é Califórnia. Brincadeiras da minha infância que interferiram positivamente e hoje foram meu auxílio na recuperação de pacientes.

Anseio pelo dia que os pais e responsáveis começarão a resgatar valores e prazeres das pequenas coisas junto a seus filhos. Assim, reduziriam significativamente muitas doenças mentais e até tragédias. Tragédias que acontecem por depressão em função do isolamento ou algum bloqueio social que a criança sempre deixa exposto nas suas atitudes. Ficamos realizados quando, em um curto tempo de internação, conseguimos humanizar a assistência e resgatar, mesmo que minimamente, o prazer social da criança. Quanto tempo ainda será necessário para valorizar e entender que pequenos, mas importantes valores salvam vidas?

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA SELVA DA VIDA

Jaqueline De Medeiros Wandekoken¹



Será que existe esse tempo que não é tempo de brincar? Será que há períodos de dificuldades ou de tragédias que definem que não é tempo de brincar?

A importância do brincar pode ser apagada por umas horas, por uns dias? por semanas ou 40 dias?

Assim com inúmeras dúvidas e espanto de quem acompanhou pelos telejornais do mundo a saga dos quatro irmãos que, ao cair o avião que estavam, acabaram por se perderem na selva colombiana na parte amazônica; narro aqui pensamentos e suposições do dia a dia de quatro crianças sendo todos irmãos e indígenas.

Lesli Mutucuy Videira, a que se deu vida e deu vida aos irmãos. Fico a pensar e sentir como Lesli Mutucuy, 13 anos, Soleiny, 9 anos, Tien Mutucuy, 4 anos e Cristin Mutucuy, de apenas 1 ano, conduziram seus dias de infância em meio a selva... Certamente, houve tempo de brincadeira até serem resgata-

dos pelo helicóptero em que juntos estavam militares e seu povo indígena, cuja sabedoria ajudou a guiar a equipe de resgate.

Criança é criança em todo o tempo, mesmo com os coraçõezinhos apertados ao verem a mãezinha indígena falecer na frente deles. E esta mãe ainda faz um último pedido: “— Vão, saiam daqui de perto dos destroços do avião!

¹ Licenciada em Pedagogia, Pós graduada em Educação de Jovens e adultos e Psicopedagogia, atualmente trabalha no Himaba/ES com classe hospitalar e brinquedoteca. E mail jaqueline.mw@gmail.com.

Busquem ajuda!” Possivelmente, naquele último momento a responsabilidade recaiu sobre a irmã mais velha. Provavelmente, essa irmã mais velha, na seriedade da situação, ao se dirigir aos dois caçulas, devia quebrar a gravidade do triste momento e lembrar que eram pequenos. Era a infância ali em meio a problemas de gente grande. E, possivelmente, esta irmã fazia voz branda, imitava sons de animais, sorria, pulava galhos, saltava pedras e riachos para direcionar caminhos aos menores, e até observar os menores num momento de descanso da caminhada: brincar com formigas, besouros, borboletas e esbarrar com filhotes de animais. Criança é criança em todo tempo, ou seja, é importante brincar!

Tragédias não determinam o fim do brincar, pois o brincar surge com ou sem brinquedos, ainda mais para uma família indígena. Sim! Uma família! Porque, possivelmente, a figura de mãe do grupo se misturou ao contexto de realidade cruel com o brincar de casinha.

E sendo crianças indígenas podem ter posto jogos coletivos em execução, podem ter transformado gravetos em bonecas ou aviões, ou pássaros; podem ter dado nomes às estrelas; podem ter fugido de animais ferozes e, após o medo, terem rido e imitado cada animal. Rastros de infância eles deixaram... Deixaram pelo caminho uma mamadeira, uma fralda e um maracujá mordido.

Ah, esse é o mundo infantil, onde o brincar vem em terremotos, enchentes, deslizamentos, perdas na selva, em tratamento renal, em tratamento do câncer infantil, ou desnutridamente internados em um hospital após resgate da selva. Esse mundo é do brincar! Até mesmo quando brinca somente de esconde-esconde com o rosto ou quando faz um desenho colorido de momentos vivenciados com o cachorro militar que os encontrou.

Ilustração: Desenho de Lesly sobre o brincar com o cachorro Wilson



Fonte: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/06/12/criancas-resgatadas-na-colombia-fazem-desenho-sobre-o-cao-wilson-ainda-desaparecido.ghtml>

Esse verbo “brincar” transforma segundos de vida, e, às vezes, horas de sofrimento para um mundinho todo seu. A criança pode até não brincar propositalmente, mas o brincar é tão real e tão importante que ele simplesmente acontece. Basta saber o letramento do corpo humano, ou seja, do olhar, do sorriso, do gesto, da mão ou do tórax “desarticulado” daqueles com múltiplas limitações a se expressarem do jeito que podem.

Referências

COHN, C. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2005.

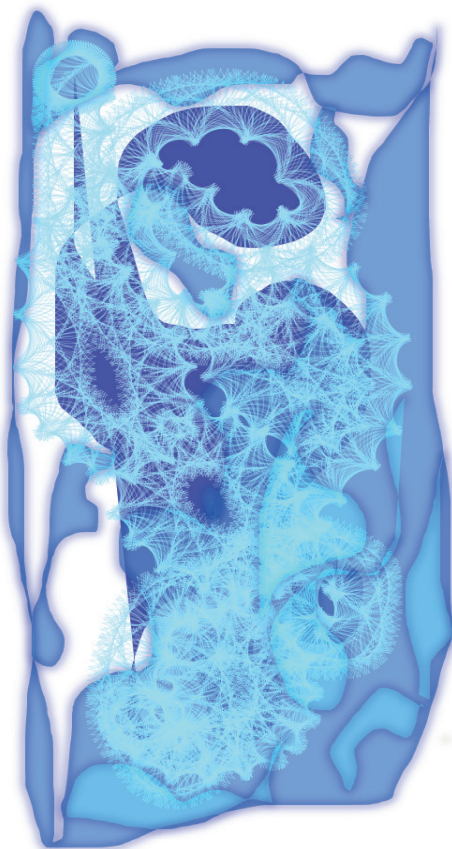
FREIRE, José Ribamar Bessa. **Trajetória de muitas perdas e poucos ganhos - Educação Escolar Indígena em Terra Brasilis - tempo de novo descobrimento**. Rio de Janeiro: Ibase, 2004.

ITURRA, R. **O imaginário das crianças: os silêncios da cultura oral**. Lisboa: Fim de século, 1997.

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/06/12/criancas-resgatadas-na-colombia-fazem-desenho-sobre-o-cao-wilson-ainda-desaparecido.ghtml>.

UM OLHAR OBSERVADOR

Adriana Pereira Nunes¹



Existe alegria no hospital? A sala da brinquedoteca é um espaço propício para a promoção do brincar. Na entrada fazemos o controle das crianças com seus nomes, idades e higienizamos as suas mãos com álcool. E neste mesmo momento pego a minha varinha “mágica” e digo: “— Pirlimpimpim aqueça esse álcool para mim, plim, e dou um toque sutil com a varinha no borrifador!”

Em seguida, borrifo o álcool nas palmas das mãos das crianças, olho nos seus olhos, e pergunto se o álcool está quente. É encantador ver o olhar, a reação de cada criança quando o álcool gelado entra em contato com suas mãos. Algumas crianças pulam, tiram as mãos, enquanto outras dão gritinhos, e tem outras crianças que caem na gargalhada...

Algumas delas nos dizem: “— sim, o álcool está quente!”

E outras falam que “não” e, para essas crianças, falo que alguma coisa saiu

errado, e como em um conto de mágicas coloco a culpa na minha varinha, e damos risadas. Essa é uma das maneiras do nosso contato inicial, o acolhimento, buscando envolvê-las, provocando a brincadeira, instigando a imaginação, colorindo e encantando seus momentos difíceis em meio a rotina hospitalar e tudo que ela representa.

Sabe de uma coisa? Nesse espaço de encontros, de olhares, vidas se conectam, e é nesse entrelaçamento e conexão que os medos são superados e

¹ Licenciada em Pedagogia pela FAECAD. Formada em Brinquedista Hospitalar pelo HUPE. Formada na Escola de Palhaço Trupe Miolo Mole. Membro da Trupe Lelé da Cuca, como palhaça voluntária. cursando Psicopedagogia na Unisuam. E-mail: adriananunes561@gmail.com.

esquecidos. No momento em que são chamados para a consulta parece que o encantamento se rompe e a criança se dá conta que está num hospital. Na maioria das vezes não querem sair dali, querem brincar!

Neste tempo do brincar, crianças entram, crianças saem e, momentos depois, novas crianças me solicitaram para jogar Uno, um jogo de cartas. Iniciamos o jogo e, logo em seguida, dois irmãos juntaram-se ao nosso grupo, um parecia ter dez e o outro entre sete e oito anos de idade, mas apenas o mais velho quis jogar. Observei que éramos uns seis ou sete jogando na mesa, e eu já conhecia algumas crianças de outros encontros na brinquedoteca. A cada jogada uma risada. Você acredita que eles não queriam que eu ganhasse?! Juntos, divertiam-se e tramavam contra mim, falavam que a jogada estava anulada, criavam novas regras, formavam motim, tentavam a todo custo me ganhar, mas eu me mantinha invicta. A cada rodada as crianças se envolviam mais umas com as outras, pareciam que já eram colegas há tempos. A partida seguia nesse ambiente alegre e envolvente; brincávamos e nos divertíamos muito. Enquanto jogava, observava o movimento de cada participante, suas expressões, suas palavras, seus gestos, quando eu dizia: “— Bati!”.

Ao mesmo tempo sentia que estava sendo observada, que alguém me acompanhava com olhar, observava a cada movimento, a cada brincadeira que fazia com as crianças, e a cada risada delas e expressões de felicidades, aqueles olhos brilhantes me seguiam mas não fixavam-se em mim.

Na verdade, eu tentava fugir daquele olhar, pois sabia que outras crianças desejavam falar algo e eu sabia que não poderia dar a atenção que desejava naquele momento em respeito às outras crianças. Por um tempo, consegui mas, de repente, os nossos olhos se encontraram. Humm... Não teve jeito, aquele olhar aproveitou a oportunidade e me capturou por uns momentos, e, fitando em mim, fez o silêncio naquela atmosfera de falas, jogadas e gargalhadas com uma pergunta: “— Como você consegue ser tão alegre em um hospital?”

Obs.: Os olhos que me seguiam eram do irmão mais novo, que chegou depois.

P(OEMA)ENSATA DO BRINQUEDISTA

Matheus do Valle G. Ferreira¹



Desde quando? Desde que me tornei um brinquedista e comecei a exercer o meu trabalho dentro da brinquedoteca do HUPE! Assim, eu comecei a observar os ecos do brincar em todos aqueles os quais eu tinha o privilégio de observar; fossem crianças, adolescentes, adultos ou idosos, era possível reparar em cada um deles comportamentos e olhares diferentes.

Logo, ao ouvir tais ecos me perguntei, afinal, o que é o brincar aos olhos de cada um? E, para tentar responder a essa pergunta, resolvi evocar as palavras que se mostravam certas para serem a resposta e colocá-las na forma de poema:

¹ Bacharel em Psicologia pelo Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação (IBMR) e Especialista em Saúde Mental pela Universidade Católica Dom Bosco. Brinquedista concursado da Brinquedoteca do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE/UERJ). E-mail: dovallematheus@outlook.com.

Nas asas da imaginação, voamos sem limites,
No mundo do brincar, encontramos os convites.
Um jogo de esconde-esconde com a realidade,
O brincar nos leva a uma eterna felicidade.

Na infância, o brincar é um aprendizado,
Exploramos o mundo com os olhos encantados.
Corremos, pulamos, criamos com fervor,
Cada brincadeira é um tesouro de valor.

Na adolescência, o brincar ganha novas cores,
Descobrimos os desafios e as paixões ardentes.
Jogos de competição, risos compartilhados,
O brincar nos conecta, nos mantém apaixonados.

Na idade adulta, o brincar é um refúgio,
Uma pausa na rotina, um momento de extravio.
Escondemos a seriedade, soltamos a imaginação,
No brincar encontramos nossa libertação.

E na velhice, o brincar nos rejuvenesce,
Um retorno às memórias que o tempo esquece.
Reencontramos a criança que vive em nós,
No brincar, a vida encontra um sentido após a voz.

O brincar nos une, atravessa gerações,
É uma linguagem universal de emoções.
Não importa a fase da vida em que estejamos,
O brincar nos lembra que ainda sonhamos.

Então, que jamais esqueçamos da importância,
Do brincar que nos preenche com abundância.
Em todas as fases da vida, é um presente a celebrar,
O brincar nos conecta e nos ajuda a navegar.

Então, permita-se brincar, sorrir e se encantar,
Abra as portas do coração e deixe a criança despertar.
Em cada fase da vida, o brincar é um tesouro,
Que nos acompanha e nos enche de amor puro.

JUGAR NO ES UN DESCANSO ES LA PUERTA AL CORAZÓN DE UN NIÑO

Mireyda Medina¹



Cuando decimos la palabra niño, imaginamos alegría, sonrisas, picardía. Pero sabes que no siempre es así, ¿verdad? La enfermedad de un niño, cuando es grave, crónica o deja secuelas, es de gran impacto emocional para toda la familia, la forma de vivenciar una enfermedad va a ser única para cada persona, suelen darse los sentimientos comunes a todo proceso de duelo. Los aspectos emocionales tienen gran influencia en el afrontamiento y evolución de la enfermedad.

¿De qué estamos hablando? Más que una simple oportunidad para la diversión, el juego es vital para la salud y el desarrollo de un niño desde el (donde está bebe.... aquí esta bebe) hacer tortillas con las manos las escondidas y muchas formas de jugar enriquece el cerebro el cuerpo y la vida del niño, el juego ayuda a los niños a mejorar las capacidades sociales y emocionales además el juego ayuda al lenguaje y las destrezas y poder sobrellevar cualquier

tipo de enfermedad.

El aprendizaje se estimula mejor al utilizar los instintos naturales del niño al jugar, de esta manera que nuestros pequeños pueden crear vínculos afectivos que genera en ellos seguridad y estabilidad, lo cual los protege contra el estrés y los ayuda a generar resiliencia emocional. ¿Como así?

El juego es el primer escalón del desarrollo de la creatividad de manera general. Nacemos creativos juguetones, pero la vida, las circunstancias las

¹ Psicóloga - Trabajo Independiente. E-mail: mireydale1985@gmail.com.

enfermedades, nos van imponiendo una forma de actuar que bloquea este espíritu (jugar es experimentar), el juego adviene como un modo de comunicación y expresión desde un punto de vista psicoanalítico, forma parte de la evolución psíquica del niño.

Los niños y niñas son expertos en el juego y no requiere invertir dinero y fácil de incorporar en la rutinas familiares, se pueden incorporar mediante actividades sencillas que se pueden realizar en un hospital, clínica y en el hogar, la cual sería una dimensión normalizadora en la vida de un niño/niña en situación de enfermedad. Creando eventos imaginarios que pueden controlar y que les permiten expresar emociones negativas y positivas libremente, mejorando su estado de ánimo y reduciendo la ansiedad comprender sus experiencias y encontrar formas novedosas de enfrentar situaciones difíciles siendo una actividad inherente al ser humano que debe estar presente en cada etapa de su vida que permita el bienestar integral ya que potencia la salud física, psíquica y social.

Hoy nadie duda de la capacidad del niño para sentir dolor y se ha demostrado científicamente la necesidad de analgesias pediátricas pero sigue siendo difícil su evaluación, junto a la terapia farmacológica se ha introducido terapias alternativas efectivas y sin efectos secundarios una de estas terapias es en juego es esencial para el desarrollo del niño, es más eficaz para comunicarse con él y tiene valor educativo el juego favorece la humanización de los cuidados, incentiva la cooperación y adaptación del niño y puede cumplir la atención terapéutica de disminuir la intensidad del dolor, la angustia la ansiedad y el miedo esto permite disminuir la medicación con técnicas asociadas la juego y la distracción en intervenciones que provocan dolor o estrés y, apesar que el juego proporciona muchas ventajas terapéuticas, los profesionales lo utilizan muy poco.

El juego es una actividad propia del ser humano presente y necesaria en la infancia... ¡La puerta al corazón de un niño!

La principal misión es recrear, divertir, estimular, descubrir y socializar. Desarrollando en el niño a través del juego transformando la realidad con su imaginación y expresar lo que no puede decirlo en palabras.

El juego en el espacio clínico infantil es un aporte a la humanización en la atención en salud al considerar al niño/a en todo integral y no solamente un enfermo al cual hay que aplicarle medicinas y procedimientos clínicos

Podemos concluir diciendo que la utilización de técnicas de juego de distracción se han demostrado positivamente en los dolores pediátricos.

Recomienda a los médicos realizar recetas que indiquen más tiempo para jugar.

Pasar tiempo jugando con niños, nunca será tiempo perdido. ¿Estas de acuerdo conmigo?

R Paciente _____
Dirección _____

RECETA:

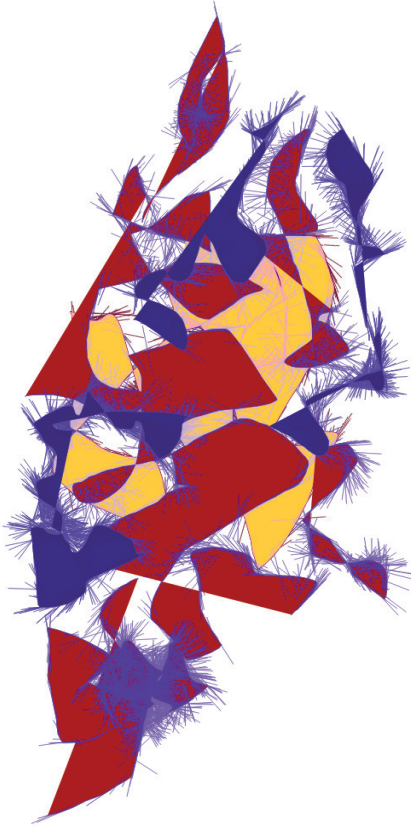
Más tiempo para jugar

Firma: *Su pediatra* _____
Fecha: _____

Un fuerte abrazo desde el corazón de Centroamérica, Honduras, su amiga Mireyda Medina.

BRINQUEDOTECA HOSPITALAR

Jacqueline Cecilia Bandera de Ávila¹



¿Qué es una ludoteca de hospital? Una brinquedoteca es un espacio lúdico como instrumento de mediación y recuperación de los niños(as) enfermos. ¿Déjame decirte algo? Existen algunos documentos que nos muestran la importancia de los espacios lúdicos. Uno de ellos es la Convención de los Derechos de los Niños(as) en el artículo 31 se declara que “los estados reconocen el derecho del niño y la niña al descanso y al esparcimiento, al juego y a las actividades recreativas propias de la edad y a participar libremente en la vida cultural y en las artes”. En Brasil, la ley N° 11.104 del 21 de marzo del 2005 dice que los hospitales que ofrecen atención pediátrica deben tener ludotecas en sus instalaciones.

Jugando, jugando, jugando... ¡regalos de la infancia! Jugando, jugando, jugando... ¡presente en la educación! ¿Sabías que por Vygotsky el juego es una actividad social, en la cual, gracias a la cooperación con otros niños, se logran adquirir papeles

o roles que son complementarios al propio?

¿Como así? En primer lugar, se debe tener en cuenta el reconocimiento de las ludotecas como espacios de aprendizaje, y la importancia que tiene el juego en el proceso de enseñanza, siendo este considerado como un derecho que promueve la mejora de las condiciones de la vida de los niños internados

¹ Licenciada en ciencias de la educación. Especialidad en Matemáticas y Física por la Universidad del Atlántico, Colombia. Docente de Aulas Hospitalarias en la Clínica CAFAM. Correo electrónico: jackebandera@hotmail.com.

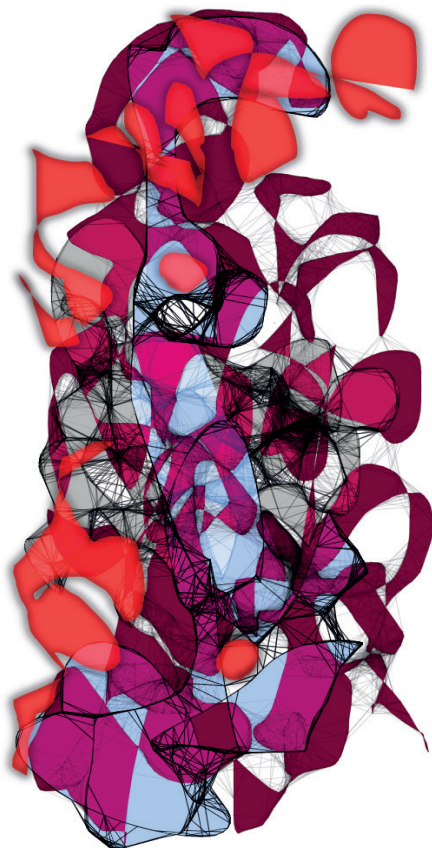
y sus familias. Para comenzar se debe promover actividades lúdicas, atención a sus emociones y sentimientos, desarrollo físico, social y de relaciones con otros.

¿Relacionarse sólo con otras personas? ¡Creo que no! ¡Contigo mismo! Se debe promover la lectura donde el niño puede sentirse protagonista de su propia historia, logrando calmarse y olvidarse de su sufrimiento por la enfermedad proporcionando bienestar lo cual se va a notar en el comportamiento, ánimo y sus relaciones contigo mismo!, llegando a pasar un momento feliz y dejando atrás los momentos críticos.

¿Sabes de una cosa? Este curso nos proporcionó una ampliación de los conocimientos sobre la importancia de incluir el juego en los espacios hospitalarios donde solo se respira tensión tanto para el paciente y su acompañante, pondré en práctica todo lo aprendido en este curso por medio de los videos, lecturas, experiencias, clases, bibliografías y profesores. Agradezco por la oportunidad de realizar este curso que aporta mucho a nuestro conocimiento y a esta profesión. Y tú, lector, ¿conoces una ludoteca de hospital?

QUE TIPO DE INFÂNCIA EU TENHO MOSTRADO AOS MEUS ALUNOS?

Hevilyn Rodrigues de Carvalho¹



Eu tenho algo para te contar, você pode me escutar? Você sabe o que é o brincar? O brincar é um direito de toda criança. Por meio dele, o indivíduo se desenvolve socialmente, aumenta seu capital cultural e diversifica suas experiências enquanto ser social. É também pelo brincar que a criança aprende a resolver problemas e aproxima-se da realidade que a cerca, aprendendo sobre papéis sociais e internalizando a cultura na qual está inserida.

Neste tempo vivido, de escrita e de retorno ao passado, refleti sobre a minha infância e nesse ponto, o traço mais marcante dela foi o fato de eu ter, na maior parte do tempo, brincado sozinha. Eu sou a mais nova de três filhas, e a diferença de idade entre elas e eu, é grande. Nesse sentido, reflito não por um viés solitário, até porque não me senti assim, mas pensando no tipo de brincadeira que eu tinha. Sendo a única criança da casa, minhas brincadeiras eram, majoritariamente, norteadas por papéis sociais. Eu brincava de

professora, cozinheira, costureira, empresária, entre outros. Penso também no quanto desenvolvia minha criatividade dentro destas brincadeiras!

Os chamados “hormônios da felicidade” não se limitam apenas à alterações cerebrais, mas se estendem para o corpo, através dos receptores celulares.

¹ Estudante de educação física pela Universidade Federal do Espírito Santo. Atualmente (julho de 2023), integra a equipe do LAEFA (Laboratório de Educação Física Adaptada) da mesma instituição, atuando com crianças com e sem deficiência. E-mail: hevilyn133@gmail.com.

Nesse sentido, aumentar estímulos aos hormônios do prazer, é atingir, diretamente, o funcionamento do corpo. Daí vem a importância do brincar com essas crianças. Você já parou para refletir sobre isto?

Posso te dizer que além de tornar o tratamento mais leve, menos doloroso, o brincar assume a função fisiológica citada acima. Mas é importante entender qual a colaboração social e pessoal que envolve a ação em uma brinquedoteca hospitalar. Primeiramente, proporcionar um ambiente adequado para esta ação é de extrema importância, pois um ambiente rico em possibilidades, também se torna um ambiente rico em experiências. É lógico que todo lugar pode se tornar um espaço de brincadeira, recreação e interação social. No entanto, proporcionar um ambiente diversificado colabora para uma aprendizagem facilitada?

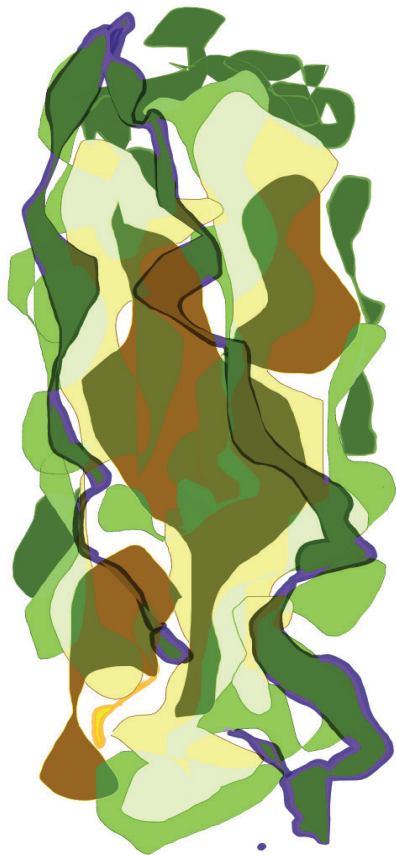
E como seres humanos, aprendemos no decorrer da vida, nesse espaço tênue entre o nascer e o morrer, e é por isso que ao mesmo tempo em que a criança passa pelo tratamento e brinca, ela também aprende sobre a vida na sociedade, resolução de problemas e papéis sociais, que são aspectos importantes da brincadeira, já citados anteriormente.

Hoje, no contato com as crianças que fazem parte de minha vida, percebo e penso no quanto resgatar essa “criança interior” é importante. No entanto, nas aulas de Educação Física, pouco abordam brincadeiras de papéis sociais; então, me pergunto, que tipo de infância eu tenho mostrado aos meus alunos? A resposta está na alegria e empolgação de criar uma brincadeira junto com elas, com a mesma criatividade que eu usava para criar uma comida inusitada com barro, ou um vestido lindíssimo, com sobreposições das minhas próprias roupas. Hoje, no entanto, crio “piques” e outras brincadeiras, com a mesma animação, criatividade e imaginação.

No momento em que eu lido com as crianças, eu me renovo, me transformo e esqueço de todas as questões pessoais e as deixo bem ali, do lado de fora da aula. Eita que momento mágico! É onde o corpo se cansa, mas a mente se alegra e descansa. O brincar cura, ou, muitas vezes, ajuda a curar. Nesse caso, como não falar do brincar com crianças em situação de tratamento de saúde?

UN VIAJE MÁGICO AL MUNDO DE LA SALA DE PEDIATRÍA ENTRE LA FANTASÍA Y LA REALIDAD

Jenny Orozco Acosta¹



¿Hospital? que es un hospital... Un concepto un poco amplio va depender desde que postura lo preguntes... y cómo lo mires.

Existen dos formas de verlo desde la perspectiva del equipo de salud y desde la posición del niño en condición de enfermedad.

Nos vamos a unir en un viaje maravilloso al mundo de la sala de pediatría donde ambos equipos van a tener su participación, donde la magia, el amor y la empatía serán los tripulantes más importantes. ¿Ven conmigo?

El viaje inicia cuando Jaden es ingresado al hospital, por estar en condición de enfermedad. Su madre le dice que van a realizar un viaje al hospital. Adivina lo que dice?: “— No me gusta este viaje expreso Jaden los viajes deben de ser a lugares bonitos y divertidos aquí nada es divertido. Yo quiero estar en mi casa con mi hermano, mis mascotas, mis juguetes, mi escuela no aquí en este lugar tan feo y lejos de todo lo que me gusta hacer. Además, tengo partido de fútbol este fin de semana”.

¡Creo que nosotros también! Por cierto, ¿no preferirías quedarte en tu casa también? ¡Imagínense para este niño... El hospital es un lugar frío y sombrío para él, siente miedo, estrés, confusión, asombro muchos sentimientos afloran en él. Su madre de igual forma se siente estresada, confundida triste porque su niño tuvo

1 Licenciada en Educación Preescolar graduada de la U.N.A. Posgrado en Pedagogía Hospitalaria y domiciliaria Universidad Santa Paula. Certificada internacional en Masaje Infantil. Correo electrónico: jennyoro74@gmail.com.

que ser hospitalizado, se siente culpable por que su hijo está en el hospital cuestionando: “— ¿si lo hubiese cuidado más, tal vez si hubiera hecho algo diferente mi niño no estuviera en esta posición de ser hospitalizado?” No tenemos esa respuesta. Una pregunta que quizás nunca será respondida, ¡solo sentida!

Y en este viaje... Jaden pasa de una sala de emergencias un poco sombría a la sala pediátrica esta sala bien decorada con personajes infantiles, el personal de ese servicio se había esmerado en crear un ambiente agradable y divertido para recibir los niños hospitalizados, su primera reacción es: “— Waoooooo! mire que bonito todo esta diferente a la otra sala! Viste, mami, que bonito lugar, aunque te cuento mami todavía tengo miedo!”

Y están surgiendo nuevos miembros de la tripulación... Lo recibe el personal de enfermería, estos con sus ropas de colores, narices de payaso, anteojos chistosos y sus sombreros locos nos dan la bienvenida a la Sala de Pediatría, no sin antes habernos obsequiado una tortuguita hecha de globo. “— Waoooooo! ¡Qué asombro!” Jaden hacen magia con los globos también!

Y en la sala de pediatría... Se disponen a ubicarlo en su camita le explican a Jaden y a mamá todas las rutinas y normas que existen en el servicio se le ofrece por parte del personal de enfermería todas las comodidades para su estancia en el hospital.

Ahora si hay que cumplir indicaciones médicas, Jaden un poco más aliviado, pero siempre con aquel miedo que no desaparecía y su madre de la misma manera.

Llega la hora de ponerle una vía para sus medicamentos. En ese momento entra la Doctora Risitas con su paciente el conejo asustadizo que pronto perderá su miedo. A conejo asustadizo se le pondrá la vía, los sensores y monitores, el personal le dará la oportunidad a Jaden de realizar el mismo los procedimientos al muñeco. Para luego poder realizarle todos sus procedimientos a él y cumplir con todo para poder restablecer su salud.

El personal sabe que, aunque juegue con el muñeco estos procedimientos son invasivos y dolorosos por estos realizan todo su acompañamiento se le pone música y videos. El personal le canta y hacen mímicas de la canción para poder desviar su atención y reducir su miedo. Y no dejan de lado aquí a Oso Empatía que es mejor que esté presente en estos momentos.

Se logran hacer todos los procedimientos. Jaden dice que, si sintió dolor y que se quiere ir a su casa, el personal lo invita a las salas a compartir con los demás niños, este se siente frustrado y no acepta nada. Hasta que...

De repente llega el Perro Diversión a invitar a Jaden a jugar. Este le explica que fuera de esa cama hay un mundo mágico y lleno de diversión que se va sentir mejor y más aliviado si juega. Que le juego y la diversión lo esperan.

Sabía usted que además, el Perro Diversión no se va, aunque dice tiene que ir a visitar otros hospitales sin antes darles una Charla a los enfermeros y personal de este hospital?

Primeros que todo les voy a decir que trabajan con la población más vulnerable que tienen en sus manos la salud de la población infantil, es por eso que deben hacer su trabajo con toda dedicación esmero y amor. Hoy voy a compartir con ustedes... Escuchen atentos con base el efecto inherente que genera el juego en el momento en que se realiza y basado en su poder curativo, es posible aceptar que tiene una función valiosa en el medio hospitalario!

Y hay más... Son valiosos los buenos efectos psicológicos que tiene el juego. Reduce la angustia del niño durante su tratamiento médico, disminuye las situaciones emocionalmente penosas y normaliza la toma de signos vitales en los niños que juegan antes y después.

¿Y sabes qué? El juego permite que los niños cumplan con sus tratamientos y, al mismo tiempo, puede ser la causa de transformación del hospital en escenario de juego. Al jugar el niño comprende que su estancia lúdicamente incluye códigos mentales y transforma su estado de enfermedad a través de las relaciones sociales con otros niños y con el personal médico y de enfermería.

Teniendo en cuenta los beneficios del juego, es indispensable que los hospitales donde existen servicios de pediatría cuenten con espacios lúdicos asimismo recordar que la finalidad los recursos y los tratamientos deben ser profundamente humanos. Solo así se liberan quienes están enfermos. Solo jugando a vivir aprendiendo a jugar como debe hacerlo un niño hospitalizado se estará dándole un trato íntegro y genuinamente humano.

Retomo las palabras de María Colomer Pache: "Los hospitales [...], demasiados espacios públicos y sociales siguen siendo inadecuados para responder a las necesidades de niños y niñas. Se les sigue negando el derecho a ser niños, negándose el juego y la risa...". Parecería que cuesta comprender el jugar de los niños en su verdadera dimensión, con la importancia que ello tiene en el desarrollo de un niño sano; aún hoy, el jugar del niño es visto como una forma de recreación propia de la infancia y no como la base de la construcción de la subjetividad de la persona.

Es por lo expuesto, que considero una necesidad promover y ampliar distintos espacios de juego para los niños que se encuentran hospitalizados, porque es una necesidad para ellos, para continuar su proceso de crecimiento en forma saludable, y porque es un derecho que está contemplado en nuestra Constitución y que debería ser cumplido en la realidad efectiva

Jaden decide hacerle caso a Perro divertido y se integra a jugar y descubre un espacio maravilloso lleno de alegría, colores, juguetes y actividades por

realizar que lo motivan a participar y disfrutar.

Este viaje nos lleva a pensar en lo importante que es juego en todos los ámbitos, su importancia que existan ludotecas o espacios lúdicos en los centros donde existe pediatría, que es de suma importancia que volvamos al juego y brindemos estos espacios a los niños. Y lo más importante es no tenga pena, jugar no cuenta nada, salga despierte su niño interior, brinqué, imite canciones. Salte la cuerda, siéntese en el piso a jugar y armar legos acompañemos a nuestros niños que merecen una estadía en los hospitales, pero de calidad y eficacia, enfocada en sus necesidades e intereses. ¿O no está de acuerdo con que todos los días se lleve a cabo un viaje mágico en el mundo de la sala de pediatría?

BRINQUEDOTECA, BRINCAR, BRINQUEDOTECA!

Brenna da Silva de Castro¹



Olá, convido você leitor a refletir comigo, você aceita? Vamos lá!

“O brincar é uma necessidade básica e um direito de todos. O brincar é uma experiência humana, rica e complexa” (ALMEIDA, 2000).

Essa citação te diz algo? De fato, ela expressa a ideia de que (brin)car é uma necessidade básica, é um direito de todos. Ela destaca que o brincar é uma experiência humana rica e complexa. Essa afirmação enfatiza a importância do brincar como algo essencial para o desenvolvimento e o bem-estar das pessoas e assim... Brincamos! Vivendo, seguimos brincando! Brincando, seguimos vivendo!

Nesse caminhar, recordo-me das brincadeiras que fazia quando criança enquanto vivenciava a formação de Brinquedista e o conteúdo que foi apresentado durante o curso.

Lembro-me da vida como Brinquedoteca em forma de memória, tempo vivido em num faz de conta, eu podia utilizar o tijolo como fogão para brincar de casinha,

as folhas da mangueira como dinheiro (sempre usadas no nosso mercadinho).

Eita, recordo-me... A folha da amendoeira, por ser grande, era o nosso cachorro-quente (que também era vendido no mercadinho). Lembro-me de usar

¹ Graduanda em Pedagogia e Bolsista do projeto Classe Hospitalar do Hospital Universitário Pedro Ernesto: Encontro da Educação junto a Saúde, na modalidade de Iniciação à docência, vinculado a Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, coordenado pela Professora Dra. Edicléa Mascarenhas Fernandes. E-mail: brennacastro7@gmail.com.

o compartimento que tinha na máquina de lavar (parte em que colocamos o sabão e o amaciante) que ficava parada no quintal para colocar o “dinheiro” e ali era o nosso caixa eletrônico. Saudade?

Rememoro que brincava muito de escolinha, e usava uma madeira de cor branca e bem velha como quadro escolar, e com um pincel piloto passava algumas atividades “básicas” que aprendia na escola.

Claro, eu era a professora! Corrigia os trabalhos, e desenhava cuidadosamente carinhas/emojis de felicidade ou de tristeza quando o “aluno” não ia muito bem (igual minhas professoras da época faziam), brigava em tom excessivo quando falavam muito durante a “aula”, levava “meus alunos” para a Educação Física, recreios etc.

Atualmente, depois de alguns anos, essa vivência de brincadeiras e imaginação estão mais presentes na minha vida quando estou junto a meus primos e meu afilhado ou no espaço da Classe Hospitalar enquanto estagiária bolsista do NEEI/UERJ.

Todas as vezes que trago meu afilhado para minha casa, brincamos com as almofadas do sofá (que para ele, são a ponte para não cairmos no fogo). Brincamos de esconde-esconde, desenhamos, contamos histórias, cantamos etc. Tento sempre fazer alguma atividade com ele para estimular a sua imaginação e a criatividade. Deixo-o escolher as brincadeiras, acredito ser importante a criança ter essa autonomia, sentindo-se importante e dona de seu próprio destino. Afinal de contas, o brincar é dela, não é mesmo?!

Ah... Esta sensação de alegria, esta condição de estar presente, também acontece quando estou no espaço da Classe Hospitalar. Brincar com as crianças traz uma leveza no meu dia que não há como explicar. Mesmo em um momento de fragilidade, eles chegam à classe com uma alegria imensurável. Com uma sede de participar da brincadeira, da aprendizagem, que motiva qualquer um!

É notório como esse curso de brinquedista é fundamental para o nosso crescimento acadêmico e, acima de tudo, humano! Visto que nos faz refletir como a imaginação e a brincadeira nos levam para um mundo além do que entendemos como necessário, e nos faz enxergar como podemos crescer e evoluir com o “simples”.

Simples simplicidade das coisas e aqui cabe a presença, o afeto e o cuidado. Percebemos nos indivíduos suas limitações, suas capacidades, e suas evoluções. Estimulamos seus gostos, o interesse pelo “novo”, a curiosidade e acima de tudo a empatia, pois conseguimos juntar todos, mesmo com suas diversidades. Na brincadeira todos se tornam um só, e com a imaginação podemos ser tudo o que quisermos?

A imaginação é para a criança um espaço de liberdade e de decolagem em direção ao possível, quer realizável ou não. A imaginação da criança move-se junto — comove-se — com o novo que ela vê por todo o lado no mundo. Sensível ao novo, a imaginação é também uma dimensão em que a criança vislumbra coisas novas, presente ou esboça futuros possíveis (GIRARDELLO, 2011, p. 2).

E tem mais....

Brincar é visto como um mecanismo psicológico que garante ao sujeito manter uma certa distância em relação ao real, fiel, na concepção de Freud, que vê no brincar o modelo do princípio de prazer oposto ao princípio de realidade. Brincar torna-se o arquétipo de toda atividade cultural que, como a arte, não se limita a uma relação simples com o real (GILLES BROUGÈRE, 1998, p.1).

Penso a partir desses estudiosos que tanto me ensinam e convido você a vir comigo nesta reflexão! De fato, o brincar desempenha um papel fundamental em todas as fases da vida, independentemente da idade? Através do brincar, as crianças exploram o mundo ao seu redor? Através do brincar, as crianças desenvolvem habilidades motoras, sociais e cognitivas? Através do brincar, as crianças expressam sua criatividade e imaginação? Através do brincar, as crianças constroem relações com os outros?

De fato, o brincar que une-se a tantas outras possibilidades, desempenha um papel importante no desenvolvimento da resiliência em todas as fases da vida!

Ao enfrentar desafios e problemas durante o brincar, as pessoas aprendem a lidar com a frustração, a buscar soluções, a persistir diante de obstáculos e a desenvolver habilidades de resolução de problemas. Além disso, o brincar também promove a resiliência emocional, permitindo que as pessoas expressem e processem suas emoções de forma saudável. Por isso, o papel do brinquedista é de suma importância. Eu sou uma brinquedista e comigo tantos “Brins” vão surgindo! E você, quer brincar comigo?

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Edicléa Mascarenhas; ISSA, Renata Marques. Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: um estudo da arte no Rio de Janeiro. *In*: FERNANDES, E. M.; ORRICO, H.; ISSA, R. M. (2014). **Pedagogia hospitalar: princípios, políticas e práticas de uma educação para todos**. Curitiba: CRV, 2014.

ALMEIDA, A. M. R. O brincar é uma necessidade básica e um direito de todos. **Revista de Psicologia**, 12(3), 45-60, 2000.

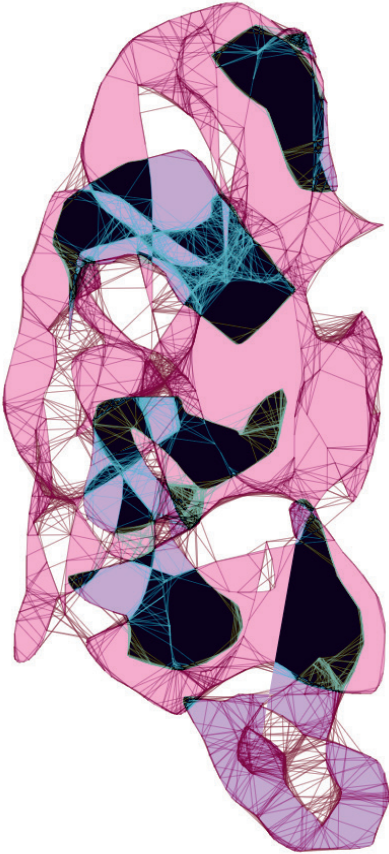
BROUGERE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 103-116, July 1998.

GIRARDELLO, Gilka. Imaginação: arte e ciência na infância. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 72-92, agosto 2011.

GOMES, Vitor. **Fenomenologia da resiliência**: teorias e histórias de vida. Curitiba: CRV, 2015.

A VIDA POR UM FIO

Suzana Azevedo Feltmann Silva¹



Contas coloridas, brilhantes, reluzentes e cintilantes. Fio... Fio de vida?!

Recebo Ana, adolescente bonita com trejeitos típicos da idade.

Carrega no corpo marcas de autoria do Criador e tantas outras de sua autoria – a criatura. Desejos de vida apesar de enxergar na morte o que procura (ou seria “cura”?). Cura para a dor e sofrimento que a amargura?

Esboço um sorriso e exclamo uma saudação! Em troca, um silêncio invade a sala. Um silêncio ensurdecedor. Como pode o silêncio dizer tanto? Mas o da menina adolescente grita e perturba a sua mente. Em seu rosto correm lágrimas tal qual um rio e refletem o brilho das contas expostas na mesa.

Oferto escuta e fio... Enquanto escolhe as contas, em meio a milhares delas, de diversas formas e cores, Ana me conta sua história e o que lhe causa tanta tristeza.

De conta em conta, selecionadas com cautela, capricho e critério, observo uma luz

em seus olhos, agora enxutos e vibrantes.

A voz, que há pouco falava de seus sentimentos, dores e mazelas, agora alegre-se ao confidenciar o ganhador da pulseira de contas e do seu coração: motivo de um sorriso singelo.

Luciano tem a mesma idade que Ana. É amigo do seu irmão. Se conhecem há um bom tempo e se gostam desde então.

¹ Licenciada em Educação Física, Esporte e Lazer pela Universidade Vila Velha. Pós-graduada em Fisiologia do Exercício pela UVA-RJ. Especialização em Saúde Mental e Atenção Psicossocial pela FIOCRUZ-RJ. Profissional de Educação Física na Saúde na Prefeitura Municipal de Vitória. E-mail: sfeltmann@gmail.com.

Mas Ana, tihosa que só, largou a Igreja, causando tumulto na família e sendo malvista pelos amigos da religião.

Sem poder contar com muita gente, ou quase ninguém, tenta manter seu romance em segredo, confiando somente em seu bem. Mas esse segredo em questão, ela não suporta, não sustenta, o que lhe causa bastante aflição.

Sente-se então insegura e pressionada por sua consciência, levanta um questionamento, uma dúvida, uma incerteza: será que existe dor do outro lado da imensidão?

A tentativa, ela alega, foi apenas para serenar a angústia e acalmar seu coração!

Olho para a Ana, que agora observa com doçura sua pulseira de contas finalizada. Ela sorri com os olhos. Está com o semblante mais tranquilo e parece relaxada.

Ao final do atendimento recebo um abraço apertado, demorado, forte e carinhoso, seguido de um agradecimento.

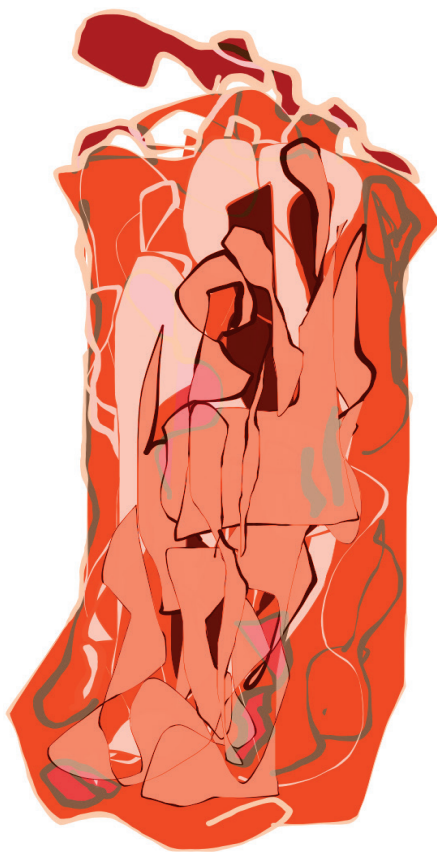
Refletindo minha prática, avalio minha escuta sensível como eficiente e eficaz do momento em que Ana, a menina adolescente vivendo os sabores e dissabores do primeiro amor, me pergunta: “— Que dia posso voltar?” E mostrando a pulseira de contas coloridas, a sacudir no ar, afirma: “Preciso fazer algumas mais!!”

Então me pego a refletir: “A vida por um fio ou um fio de vida?”

SOU FEITA DE RETALHOS COM O CÂNCER

Monica Frigini Siqueira¹

[...] Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...
Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.
E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes
que vão se tornando parte da gente também [...]
(PIZZIMENTI, 2017)



Sou feita? Nesse fazimento, a vida se faz! O poema de Cris Pizzimenti (2017) “Sou feita de retalhos” dá um sentido especial à minha formação humana. Minha história de vida é constituída de vários retalhos, alguns muito coloridos e outros sem cor, que representam alegrias, tristezas, realizações, frustrações, perdas, ganhos, saúde, doenças, morte, luto e vida.

Entre esses pedacinhos de panos que formam a colcha da minha existência um, particularmente, foi costurado com muito sofrimento, a perda de entes queridos para o câncer. A dor de estar com uma irmã quando recebeu o diagnóstico de uma leucemia ainda dói na alma. Acompanhar a alteração radical da sua rotina durante um ano de enfrentamento contra a doença e seu falecimento em 2016 são momentos que jamais serão esquecidos. Naquele mesmo ano, um tio recebeu diagnóstico oncológico e veio a óbito três dias antes do falecimento da minha irmã e está entre outros parentes

que já perdi para essa enfermidade.

No ano de 2020, durante a Covid-19, marcas e pedacinhos de retalhos a

¹ Doutoranda em Educação Física - PPGEF/UFES. Mestra em Educação Física - PPGEF/UFES. Professora de Educação Física da PMV. E-mail: friginister@gmail.com.

serem novamente costurados em meio a dor que a finitude da vida nos revela abruptamente, a luta de uma tia com câncer de mama. Acompanhei o processo de internação e tratamento em plena pandemia. Esses fragmentos de tecidos foram entrelaçados de forma singular, provocando um processo de conscientização da nossa mortalidade, agregada ao medo e muita tristeza. Processos naturais que me constituem como Ser Humano.

E essas vivências constituíram a Mônica que permite revelar-se para você que lê este pequeno texto. Seguindo o percurso da vida num contínuo caminhar e na busca de realização de sentidos de vida participei do curso de extensão “Brinquedoteca hospitalar: formação educacional humanista-existencial em brinquedista hospitalar”. Ao longo dos módulos, fui compreendendo que é necessário/imprescindível haver sensibilidade e coragem de pensar outras novas formas de ser e estar no mundo por meio do brincar, quando há o carimbo de uma enfermidade como o câncer em uma criança.

Refletindo com Pinel, no ano de 2023, me recorda que com o brincar, podemos, por meio de uma escuta empática, interpretar cada expressão corporal de medo, dor, cansaço, desejo, alegria, silêncio, necessidades e condições que as ações corporais na brincadeira revelam. E, assim, conhecer a preciosidade do dia de hoje e de todas as oportunidades que o brincar fomenta, mesmo em uma situação de internação para um tratamento oncológico.

Tais afirmações não são utópicas, mas fruto de estudos científicos que foram muito bem partilhados por pesquisadores da área e colegas do curso nos fóruns. Ao estudá-las, pude ampliar meu horizonte e perceber que há infinitas possibilidades de resiliência (GOMES, 2020), de resignificação em um período da vida em que a morte bate constantemente à porta.

Pude compreender que o Ser Humano em situações de extremo estresse tem a capacidade de se reinventar, descobrir e revelar potencialidades desconhecidas em momentos comuns do cotidiano. Passei a entender que, mesmo diante de uma doença tão agressiva como o câncer infantil, devemos defender o brincar no sentido pleno, literal e libertário com/para a criança como nos inspira Tolocka *et al.* (2019).

O encontro com a produção acadêmica e colegas despertou a necessidade de alçar novos e profundos voos a partir dessa temática. Em Macedo (2012) compreendo o que sinto, pois estou implicada, como professora de Educação Física e doutoranda, a contribuir para que as crianças tenham o direito ao brincar garantido em uma brinquedoteca hospitalar (FURLEY; PINEL, 2020). Afinal, o câncer não é a criança! Assim, o curso de “Brinquedista Hospitalar” proporcionou-me a vontade de trilhar caminhos totalmente desconhecidos, pois experimentei em minha história de vida só os efeitos colaterais incapacitantes e

da metástase com meus entes queridos. Se a vida pode ser percebida como uma colcha de retalhos... Que não nos falte, nem agulha, nem linha e bons olhos para passar o fio. Me diga uma coisa, como tens costurado a sua colcha de retalhos?

REFERÊNCIAS

FURLEY, Ana Karyne Loureiro; PINEL, Hiran. **Por uma fenomenologia do brincar**. Curitiba: Appris, 2020.

GOMES, V. (2020). Ensaio sobre uma fenomenologia da resiliência em Charlie Brown: contextos interrelacionais em Peanuts. **REVISTA INTERSABERES**, 15(36), 764–784. <https://doi.org/10.22169/revint.v15i36.1953>.

MACEDO, R. S. **A pesquisa implicada: pertencimento, criação de saberes e afirmação**. Brasília: Liber Livro, 2012.

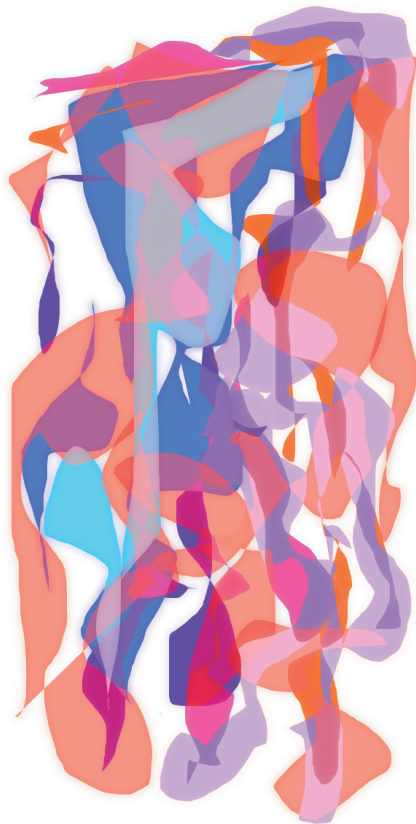
PIZZIMENTI, Cris. Sou feita de retalhos. **Revista Consciência**. 6 de agosto de 2017. Disponível em: <https://revistaconsciencia.com/sou-feita-de-retalhos> . Acesso em 16 jun. 2023.

PINEL, Hiran. **A escuta empática**. *In*: Curso de Extensão Brinquedoteca hospitalar: formação educacional humanista existencial em brinquedista hospitalar. 2023. Disponível em: <https://ava.ufes.br>.

TOLOCKA, R. E.; CORRÊA, R. E.; LIMA, M. M. de; COLOMBO, C. E. M.; POLETTI, J. E. Brincar e crianças com câncer: Que relação é esta?. **LICERE** - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 421-444, 2019. DOI: 10.35699/1981-3171.2019.12327.

UMA ALUNA HOSPITALIZADA E AS BRINCADEIRAS DE SAUDE

Fabiola Alves Coutinho Gava¹



Como a distância de uma criança devido a um problema de saúde, mobiliza os afetos e brincadeiras das crianças da turma? No dia a dia das instituições escolares, a vida corre, flui e nos escapa das mãos. O planejamento para um dia, uma semana, um mês, modifica-se a cada momento no fluir e acontecimentos da vida cotidiana da escola. E foi isso que aconteceu no ano de 2022, com uma turma de crianças de 4 anos, que precisou conhecer o afastamento de uma de suas coleguinhas devido a um problema de saúde, onde foi necessária a internação da criança para tratamento hospitalar.

Certo dia, recebemos na porta da escola, a visita de um senhor, um avô de uma aluna que queria nos informar que sua neta não iria comparecer a aula no dia seguinte pois, estaria em consulta médica devido a pequenos ferimentos que apareceram em seu couro cabeludo. Essa situação já estava sendo acompanhada por todos nós, equipe escolar e família. A criança, uma linda menina, muito amada por toda a sua família, muito querida pelas educadoras! De início mostrou-se muito tímida, mas, aos poucos, se soltava e ampliava as suas interações com os coleguinhas, brincando e estando junto, e, por vezes, apresentou alguns episódios de febre, sem motivo aparente, o que trouxe grande preocupação a todos, aos colegas, aos professores, a toda a comunidade escolar.

¹ Licenciatura em Pedagogia pela Ufes. Mestrado Profissional em Educação, Gestão e Desenvolvimento Regional pela Faculdade Vale do Cricaré. Professora do Ensino Básico Técnico e Tecnológico, atuando no CAP Criarte. Atuando no Projeto Brinquedoteca - LAEFA/UFES. Email: fabiola.acg@gmail.com.

A notícia da consulta, nos trouxe, de certa forma, um alívio já que estaria com um profissional da saúde e receberia atenção necessária. Desejávamos recebê-la no dia seguinte à visita de seu avô e saber das boas novas! No entanto, após a consulta, a criança não retornou a escola, e a família, sempre parceira e responsável, nos informou que a criança não iria para a escola por alguns uns dias devido a necessidade de uso de antibióticos e que ela apresentava um tipo de bactéria no couro cabeludo, que provavelmente era do contato com areia, e que precisaria ser tratada com repouso e com mais atenção.

Sabe de uma coisa? Nosso coração, o meu e de todos, ficou apertadinho! Acho que se fosse com você, o seu também ficaria. Estou certa? Já não teríamos a estudante conosco por alguns dias, mas, em parte, algo nos tranquilizava, sabíamos que ela estava sendo medicada e teria a atenção da sua família.

Sendo assim, comunicamos aos coleguinhas da sua turma o motivo que a faria faltar por alguns dias e aproveitamos para explicar os cuidados que deveríamos ter com o outro durante as brincadeiras, evitando jogar terra e areia para cima, pois poderia atingir algum colega nos olhos ou cabelos. De certa forma, falar sobre esse assunto, era uma das maneiras de tê-la por perto, de tê-la conosco em nossas relações de afeto e de cuidado!

Porém, algo inesperado e preocupante aconteceu, fomos informados que a criança não estava respondendo bem à medicação receitada e os episódios de febre e as feridas no couro cabeludo aumentaram, sendo necessária a internação da criança para exames mais complexos e troca de medicação. Como relatar isso para os coleguinhas? Imagine como todos nós ficamos? Esta notícia entristeceu a escola, ficamos muito preocupados e resolvemos entrar em contato com a família para saber se precisavam de algum tipo de ajuda. Fomos informados que não tínhamos o que fazer. Não apenas nós, mas a família também estava de mãos atadas, e que no momento deveríamos aguardar os exames para a verificação do estado de saúde clínico e assim a escolha e prescrição da melhor medicação a ser utilizada no caso.

Uma aluna hospitalizada? Muito mais que isto! Uma criança, uma coleguinha, uma garotinha... E mesmo sem muito o que poder fazer, desejávamos visitá-la, porém não houve autorização do hospital, visto ao quadro de saúde. Você acha que demos o assunto por encerrado? Claro que não! Pensamos em fazer uma chamada de vídeo pelo celular com a criança e sua mãe, e esta possibilidade alegrou a todos. Estávamos ali, conectados novamente e podemos nos rever e receber um lindo sorriso em seu rostinho ao nos ver, mesmo que pela tela do celular.

Após a chamada de vídeo, sua mãe entrou em contato conosco e nos relatou que ela precisaria cortar os cabelos bem curtos para o tratamento, o

que estava a deixando triste. De fato, ela sempre se mostrou vaidosa e sua mãe sempre foi caprichosa e lhe fazia lindos penteados para ir à escola. Assim, os dias iam passando e nada de seu retorno para a escola.

As crianças da turma, logo sentiram a ausência mais prolongada da colega e incansavelmente perguntavam por ela. Cuidadosamente contamos o que havia acontecido, tentando de certa forma, explicar que a coleguinha precisaria ficar por um maior tempo no hospital e que precisou cortar os cabelos para que conseguisse ficar boa mais rápido. Era nítido o sentimento de ausência, o sentimento de preocupação por parte dos alunos e sugerimos que as crianças fizessem desenhos para enviar para o hospital, pois nos foi informado que ela poderia receber cartinhas. Você consegue imaginar a alegria que esta notícia foi recebida por todos?

A proposta foi muito bem aceita pelas crianças, que fizeram desenhos cheios de coração, flores, desenhos da criança com lacinhos na cabeça, após explicarmos que ela precisou cortar os cabelos e que, por um tempo, até que o cabelo crescesse, ela não iria mais usar tranças, sua linda marca registrada. Posteriormente, também fizemos um pequeno vídeo na sala junto às crianças, para encaminhar para ela. Todo este material foi entregue e a mãe dela nos informou que ao rever os colegas pelo vídeo e ao receber as cartinhas, ficou muito feliz.

Todo esse processo de criação, demorou uma semana e ao longo daqueles dias que noticiamos o fato as crianças, as brincadeiras da sala envolviam bonecas e cuidados como injeção, troca de roupinhas e acessórios, preparação de comidinhas, entre outras brincadeiras que demonstravam um carinho com as bonecas da sala, bonecas que eram o brinquedo preferido da criança hospitalizada. Como se brincar fosse uma brincadeira de saudade!

Passado o período hospitalar, a criança retornou e foi um grande motivo de alegria para toda escola, para sua família e para ela, que se percebeu amada e acolhida pelo grupo que a aguardava com carinho e saudade. Desse modo, podemos verificar que a distância de uma criança devido a um problema de saúde, mobiliza os afetos e brincadeiras das demais crianças do grupo que conviviam com ela, nos fazendo perceber que as interações entre as crianças e adultos que convivem juntos em espaços coletivos são importantes e que a brincadeira se torna uma ponte para essas interações e afetos.

Assim, podemos acreditar que conviver a brincadeira nos espaços coletivos pode ser um modo de deixar a vida fluir com a leveza necessária que muitas vezes o planejamento do trabalho ou da vida, nos leva a enrijecer? Ao pensar o brincar... Acho que senti saudades de brincar! Ou seria brincar de saudade?

CUANDO UNA CICATRIZ CAMBIA EL RUMBO DE LA VIDA...

María Eugenia Núñez¹



En el transcurso de la vida, ¿qué nos marca? Corrían los últimos días del mes de febrero, recién estábamos tomando los ingresos a nuestra escuela hospitalaria, cuando subí a relevar la pastilla 200, donde se alojan la mayoría de nuestros estudiantes, cada uno con su situación de enfermedad, acompañados de sus progenitores, otros durmiéndose, otros tomando ya su tan anhelada alta provisoria, ya que deben de volver a realizar su tratamiento en este centro de salud.

¿Cuándo? Cuando la vi por primera vez... a través del vidrio de la puerta de su habitación, ahí estaba ella, tan llena de ilusiones, de esperanza, pero perdida en su atril, dibujando a lo mejor un mundo diferente lleno de colores, arcoíris, flores, unicornios, que no se observaban en la apariencia de su cuarto tan pulcro, me llamo mucho la atención su inspiración en el arte y la música, aparentemente eran su sostén en ese cuarto frío, blanco, pulcro, con poca luz, una niña, a la cual debía asistir por un determinado tiempo en su trayectoria escolar, y fue así que la conocí, ya su nombre demostraba valentía...

“— Victoria me llamo..., y vos?” Me dijo, “¿tengo cáncer sabias?, esta acá”. Y mira en mi cara. Fueron las primeras palabras que cruzamos, al margen de su situación de enfermedad, estaba re contenta de poder tener clases en su habitación del hospital de niños.

¿Sorpresaaaa? ¡Pequeña sorpresa la que yo me lleve!, La sorprendí, poniendo música, no cualquier música, la que ella me conto que le gustaba,

¹ Docente Hospitalaria y Domiciliara. E- mail: mariaeugeniannunez12639@gmail.com; euge_santi09@hotmail.com.

acompañada de un títere Facundo, que fue nuestro compañero de clases, así paso nuestro primer encuentro de muchoooooossss, si de muchos encuentros en diversas situaciones de enfermedad que ella tubo, pero siempre con una gran sonrisa de por medio, con mucha ilusión de recibir su clase, las que también fueron domiciliarias, en donde tuvimos todo un living, improvisado de aula de escuela, con afiches colgados para realizar nuestras clases, grillas de números decoradas con flores, su andador decorado, al igual que su varilla que sostiene su alimentación gástrica, como si fuese una gran enredadera que da vida a su alimento, el que pasa a su cuerpo mientras tenemos nuestra clase, en las cuales a veces el sonido del goteo, el sensor, de las teclas de este dichoso aparato ya forman parte de nuestra rutina, primero nos conectamos dice ella, después volamos en nuestra clase, donde Facundo nos presentaba un abanico de sin fin de posibles actividades, y que decir del juego, nuestro disparador, nuestro iniciador de maravillosas clases, mediante las cuales nos pasábamos el tiempo como si fueran segundos, el juego nuestro conector, los juguetes nuestros acompañantes de clase, todos y cada uno tenían una función en esa hora.

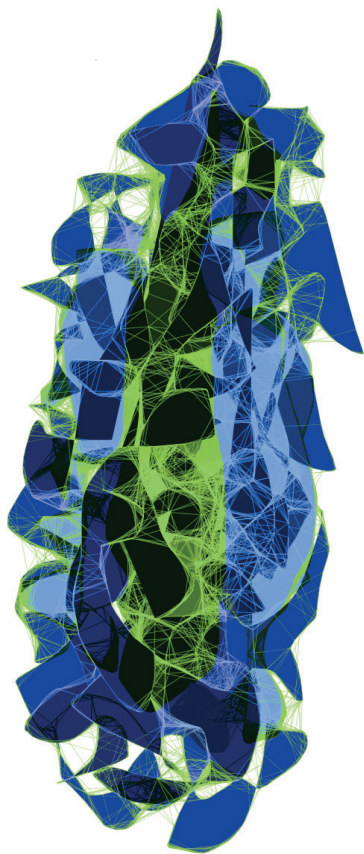
Después de un tiempo apareció una gran cicatriz, una marca, había algo nuevo en su rostro, que había cambiado su mirada, sus ganas, ya no era la misma de antes, el tumor ya no estaba, pero le dejo una gran cicatriz que la iba a acompañar por el resto de su vida, debía comenzar a verse otra vez en un espejo, poder reencontrarse con ella misma, con tan solo siete años, otra vez la música, la pintura y nuestro gran Facundo, fueron los encargados de darle ganas, fuerzas, confianza, para volver a mirar la vida con más ganas.

¿Cuándo una cicatriz cambia el curso de la vida?

¿Por qué una cicatriz nos debería cambiar la vida? ¡más bien la vida debería ser quien cambiará hacia nosotros!

EL JUEGO EN MI VIDA, EN NUESTRAS VIDAS

Mariana Galeano¹



¿Memorias? ¿En mi vida? ¿En nuestras vidas?

Todavía recuerdo como si estuviera tallada en mi alma, aquellos momentos de mi infancia, hermanos y primos corriendo por los pastizales de aquel pequeño campo de mis abuelos. La pobreza extrema, pero los niños felices.

El rancho que albergaba los fines de semana a toda la nietada, tenía desde temprano olor a mate cocido y reviro, porque las raíces guaraníes brotaban por aquellos lares. Después del succulento desayuno, la abuela nos daba corrida al patio, entre gallinas, chanchos y el perro que no dejaba de saltar y ladrar de la felicidad que sentía al vernos correr y llamarlo alocadamente.

Las rondas, las manchas, el fútbol y la comida de mentira, no faltaban en nuestros días. Pero un día mientras jugábamos en la hamaca, que nos había hecho el abuelo, Juancito el más pequeño cayó al suelo. No paraba de llorar, y gritar que le dolía su brazo, papá lo subió al carro y lo llevó a la sala más cercana, de ahí lo trasladaron al Hospital Mariano Moreno. Cuando volvió al atardecer, ya casi de noche, Juan tenía

un yeso blanco que le cubría todo el brazo.

Fueron cuarenta y cinco días de reposo, sin asistir a su escuela, mi pequeño hermano, aprendía lo poco que le enseñamos nosotros. La maestra jamás se acercó a nuestro humilde hogar y cuando él volvió, casi al fin de clases. Le dijo a mamá que así no podía hacerlo pasar de grado, que lo mejor sería que repita el año. Y así no solo perdió un año escolar, sino que las ganas también se fueron perdiendo.

¹ Profesora de Nivel Primario. Diplomada en Pedagogía Hospitalaria . Directora de la Escuela Hospitalaria y Domiciliaria N° 3 Chaco- Argentina Email: marianagaleano@live.com.ar.

Lo lindo que sí tuvo esto de la enfermedad, por decirlo así, fue que la abuela y el abuelo nos llevaban más seguido al campo, para que mamá se ocupe de Juan.

Hay días en los que la nostalgia se apodera de mi ser. Y como por arte de magia, aparecen esos aromas de la infancia, de guisos camperos, de sopa, de reviro y del mate cocido, ¿Acaso será la única?

Durante todo este curso he tenido un dejavu. Será casualidad o causalidad de la vida, la que me trajo hasta aquí y viera lo que ha causado en mí. Durante este tiempo fui realizando una introspección profunda de lo que significa el juego en nuestras vidas, en mi vida y en la de mis alumnos y alumnas en situación de enfermedad, internados o en sus domicilios.

Todos y todas tienen derecho al juego, una parte fundamental de nuestras infancias y de nuestras vidas, que nos estimula, nos introduce a mundos maravillosos, imaginarios y sumamente recreativos. Llenos de enseñanzas, aprendizajes e interacción.

En las infancias que transcurren con problemas de salud, se genera una ruptura en su vida cotidiana, esta se ve interrumpida, dejando sus escuelas y sus pares. Dejando sin querer todo lo que hace bien. Es aquí donde la ingresamos los docentes hospitalarios y domiciliarios, garantizando no solo el derecho a educación, sino también tanto otros derechos, como el juego. Con diversas propuestas lúdicas atractivas y flexibles que posibilitan jugar, sanar y aprender.

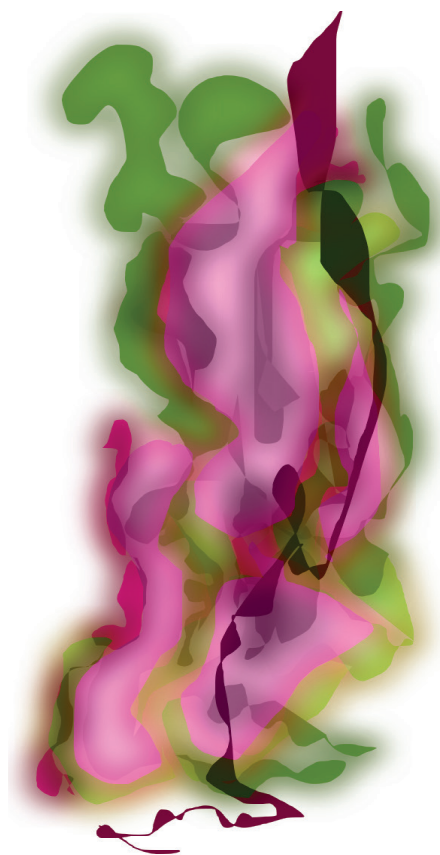
El juego, es en tanto un contenido a enseñar, es espontáneo, surge naturalmente, se disfruta y es una gran oportunidad de un encuentro divertido y amoroso entre quienes lo llevamos a cabo (docentes-estudiantes-familias) todos nos sentimos cómodos y confiados. Fortalecemos los vínculos.

Con las actividades lúdicas y recreativas rompemos el aislamiento hospitalario y eso es emocionalmente muy importante. Los niños se divierten, aprenden, juegan. Con ello pareciera que la estancia es más rápida, se desconectan de ella y para mí es un gran premio poder asistirlos y ser parte de ese proceso. Y sobre todo haberlos sacado un rato de todo lo doloroso y traumático. Aprendo de ellos y ellos nos llenan de energía.

Es algo inexplicable lo que siente el maestro hospitalario y domiciliario, cuando ve a su alumno al día siguiente del primer encuentro. El alumno espera la hora de clase, con ánimo y esperanza. Ellos saben que es una escuela distinta, en un contexto diverso. A pie de cama o en el patio de sus hogares, con un maestro únicamente, para ellos. Un maestro que se acerca, que los guía y sobre todo los invita a seguir creyendo en sí mismos. Creer, crear, soñar y seguir jugando.

DA RESSIGNIFICAÇÃO AO ATO DE BRINCAR

Kezia Graziela de Queiroz¹



Por acaso, você já parou para pensar sobre o brincar na infância? Não da sua infância, mas na infância de crianças? Já parou para pensar acerca do brincar na infância a partir da plataforma de comunicação da criança, de cada uma delas?

Partilho aqui, a experiência da internação e o pós-cirúrgico da minha filha, uma criança autista nível 3 de suporte não verbal, que ficou por uma semana internada no hospital.

Logo depois da operação percebi uma mudança na expressão do comportamento da Luísa, ela parecia não ser mais autista. Deixa eu explicar melhor...

Antes da cirurgia, a pequena menina de 5 anos se balançava, mexia as mãos, fazia seus sons, girava a cabeça. Depois da operação tudo foi embora, se desfez. Um susto. A sensação de desconhecimento. A recusa a se alimentar. Percebendo que algo estava errado, parecia que ela não sabia mais existir pela sua própria existência.

Na busca por encontrar uma solução, explicação, notei que ela não tinha mais nenhum de seus peculiares brinquedos por perto. Prontamente revirei o quarto do hospital buscando encontrar canudos, fios, qualquer tampinha que fosse.

Encontrei, entreguei em suas mãos e, como em um passe de mágica, ela voltou a se balançar!

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Pesquisadora. Mestranda UERJ. Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação Especial e Inclusiva - NEEI/UER. E-mail: kezia.g.queiroz@gmail.com.

A doce Luísa encontrou em seus brinquedos o amparo para sua compreensão de mundo!

Enquanto ela rodava o canudo com seus dedinhos a sua cabecinha girava, enquanto ela balançava a pequena tampinha de garrafa o corpo seguia o mesmo movimento.

Quando caíam ao chão, se levantava para buscá-los.

Na busca por si mesma!

A alimentação veio por conseguinte e logo depois a alta. E nos indagamos sobre a ressignificação do ato do brincar e da compreensão que temos do que é um brinquedo. O que é um brinquedo? Apenas um brinquedo ou ato de brincar?

É através do brincar que a criança demonstra sentimentos que ainda não conseguiu definir e oralizar. Nesse sentido Winnicott (1975) nos afirma que, através do ato do brincar, as experiências dos indivíduos e dos objetos por ele percebidos é fundamental para a construção da sua identidade pessoal. Pois é “brincando e somente brincando que o indivíduo, criança ou adulto é capaz de ser criativo e usar completamente sua personalidade” (WINNICOTT, 1975).

Uma criança autista hospitalizada no Rio de Janeiro, um simples canudo e uma tampa de garrafa?

De volta ao eixo de sua existência!

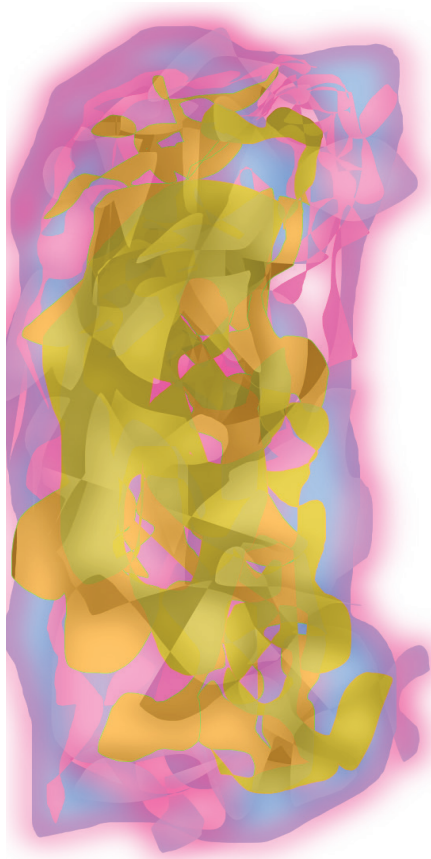
Seu corpo voltou a ser autista, voltou a ser seu!

REFERÊNCIAS

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

LOGRAR UNA SONRISA ENCANTADORA DE LOS QUE PADECEN

Cesia Méndez¹



¿Qué sentirá? Es lo que me pregunto cada vez que camino en medio de las cunas o lugar de tratamiento en la sala de diálisis, ellos me responden en la mayoría de veces “— Bien!”, pero esa palabra con la voz quebrantada o con muchos ánimos, no podré saber puntualmente lo que en realidad sienten porque empática me puedo mostrar, pero su experiencia solo la he imaginado.

Veo la angustia y la desesperación por terminar sus tratamientos, los ojos cansados de los familiares, esos pequeñitos gigantes en valentía, convirtiéndose en super héroes para defender la vida; que se enfrentan al dolor, al miedo, la ansiedad, falta de apetito, náuseas y vómitos producidos por el tratamiento y rebeldía por la modificación en su vida cotidiana.

Siendo sincera, a veces, me es complejo encontrar las palabras adecuadas para animarlos, sin embargo, no es una tarea imposible. Una de las herramientas que utilizo es sacar mi niña interior y rea-

lizar lo que me hacía sentir feliz, para que ellos también puedan sentir y recordar lo niños que fueron antes de su enfermedad y lo niños que siguen siendo.

¡Entonces por qué no seguir jugando!, llenándonos de imaginación, hacer amigos, riéndonos de lo que causa diversión, algo muy normal para los niños.

¿Qué le gustaría hacer? Eso me pregunto cada vez que conozco un nuevo

¹ Maestra de Educación Primaria, pasante de profesora en Ciencias Naturales, Universidad Pedagógica Nacional Francisco Morazán. Me desempeño como maestra de aula hospitalaria en Hospital María, en salas de diálisis y hemodiálisis. E-mail: cesiabigailm@yahoo.com.

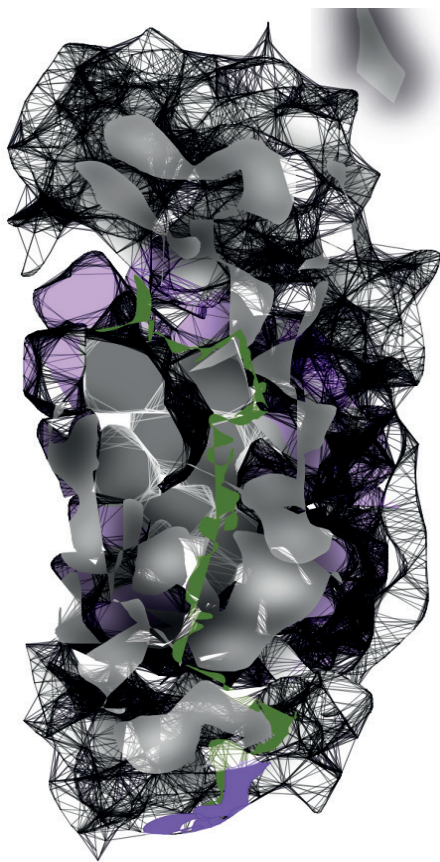
ingreso a la sala, quizás le guste le gusten actividades al aire libre como el fútbol, pero tal vez no es la adecuada para realizar en aquel ambiente, sin embargo, no es una tarea imposible. Cualquier ocurrencia que mi corazón de niña me diga, lo haré por lograr sacar sonrisas a esos que padecen.

¿A quién le sonreíste hoy?

Las sonrisas curan el alma y sus rostros cambian reflejando felicidad ¡vamos! Crea espacios con ambientes amenos, ilusión y esperanzas, para reducir el miedo al que se enfrentan, para que vivan mejor con su enfermedad pero sobre todo porque son niños y se lo merecen, así como lo fuimos nosotros en la infancia.

EDUCAÇÃO PARA TODOS: A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA INCLUSIVA, É DE FATO INCLUSIVA?

Rosemeire Machado¹



A educação inclusiva é aquela que inclui a todos ou segrega aqueles que mais precisam? Não trabalho na área hospitalar, portanto não tenho experiência como brinquedista hospitalar para contar ou pensar em algo, embora deseje muito adquirir essa experiência. No entanto, quero refletir um pouco da minha vivência na educação especial. A minha experiência com a educação foi no ambiente escolar, acompanhando crianças atípicas como mediadora no atendimento educacional especializado. São crianças de diversas especificidades como autismo, síndrome de down, dificuldades de mobilidade, deficiência intelectual, tdha, cegueira ou baixa visão.

Fiquei por dois anos convivendo com elas, e como foi lindo e difícil. Lindo não apenas por serem crianças com necessidades especiais, mas por serem de fato especiais, pois me ensinaram tanto. Ao mesmo tempo tenho a convicção que falta muito o que aprender, visto a complexidade

diante de suas especificidades e diante de tantas adversidades no âmbito escolar. Foram vários momentos vividos que não caberia aqui mencioná-los todos, alguns bons outros nem tanto!

¹ Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Grande Rio-Unigranrio-RJ, pós-graduada em Alfabetização e Letramento na Educação Infantil pelo Instituto de Educação Rhema-PR. E-mail: rosemeiremachado2017@gmail.com.

Foram aprendizados, tarefas, leituras, brincadeiras! Porém, houve momentos de crises e risos! Enfim, tantas “provas” para quem está estagiando e iniciando uma caminhada na educação, ainda mais na perspectiva inclusiva.

E com eles aprendi e muito, e sabe de uma coisa? Cada um deles está aqui, e com eles tantos outros, um pouco de mim, um pouco de você que assim como eu, continua caminhando nesta jornada chamado ser educador, ser professor para todos eles!

Estamos falando de estudantes, no plural!

Do estudante RN, autista, 14 anos, 6º ano, com ecolalias e quando entrava em crise nervosa mordia os dedos, com problemas na comunicação e não sabia ler. Apesar destas dificuldades, um desenhista nato! Sua mãe professora da rede, muito participativa e sempre presente no que precisássemos.

AP e BM, ambas adolescentes de 15 anos, com deficiência intelectual, 6º ano, não sabiam ler e tinham vergonha que os colegas soubessem desta dificuldade. Elas apenas copiavam do quadro, reproduziam a escrita e não gostavam de serem acompanhadas por professores e mediadores.

Nesta mesma sala tinha a NC, uma garotinha de 11 anos, com deficiência intelectual e física, ela desenhava muito bem e adorava desenhar bonecas tipo mangá. Um fato chamava minha atenção, ela sabia ler e escrever mas não gostava. O caderno dela todo desenhado e chegou a me desenhar como um personagem de mangá e que guardo com muito carinho.

O que falar de MA? Uma pré-adolescente de 13 anos, com síndrome de down, no 7º ano, muito amorosa e muito delicada, não sabia ler, nem escrever e passava o dia escolar rabiscando o caderno.

E o que dizer do KM? Um jovem autista de 15 anos, que adorava os números, e fazia cálculos de cabeça, calculava a idade de todos que se aproximavam dele perguntando o ano de nascimento, chegava a ser engraçado. Falo engraçado, pois a rapidez que efetuava estas “contas” fazia com que todos nós não conseguíssemos dar conta nem da metade da agilidade com que ele fazia.

Sabe de uma coisa? Certo dia, eu estava acompanhando o 6º ano e fui chamada para aplicar uma prova para um estudante do 7º ano. De início, entreguei a prova para ele e pedi que escrevesse o seu nome, percebi que não sabia ler nem escrever e não identificava os números. Reportei-me ao professor regular, regente de sala que seria impossível que aquele estudante fosse avaliado, afinal o aluno não sabia nada. O professor respondeu pra eu dar um jeito!

Mas como assim, dar um jeito? Fiquei estarelecida, voltei e tentei ajudar o aluno a completar a prova, mal sabia escrever o próprio nome... Quanto mais fazer uma prova de matemática com equação e outros cálculos? Tentei ajudá-lo, mas foi impossível, meus olhos encheram de lágrimas, segurei-me para não

chorar naquele momento, para não chorar na frente dele. Simplesmente, fizemos a prova “daquele jeito” e entregamos...

Voltei para a outra sala e indagações vieram à minha mente, à minha consciência enquanto ser humano que deseja caminhar como professora: como este estudante chegou no 7º ano? Conversei com a coordenadora e com outros professores sobre a situação dele. Para você ter uma noção do que estou falando, ele chegava na sala de aula e ficava sem fazer nada, nem tirava a mochila das costas, não conversava com ninguém e ficava em silêncio. Essa situação me incomodava!

Este estudante, em um “canto da sala qualquer” apenas sorria pra gente. E o que aquele sorriso queria nos mostrar? E será que a escola estava pronta para saber? Um estudante duplamente excluído, visto que devido a não ter um laudo, não poderia ser acompanhado pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Sabe de uma coisa? A história desse aluno mexeu muito comigo! Não sabemos se esta situação de descaso, de abandono escolar foi negligenciada pela escola ou pela família e nesse percurso ele foi avançando automaticamente pelas séries sem ser avaliado, ou, às vezes, nem percebido.

Não era apenas este estudante, da mesma forma eu me preocupava com as duas adolescentes que estavam ali, inseridas como estudantes e que não sabiam ler. Não sabiam porque? O que aconteceu para continuarem sem saber? Será que elas tiveram acesso ao letramento? Como seria a vida delas sem o acesso à leitura? Como seria a vida delas sendo mulheres e não alfabetizadas? Você consegue me compreender?

Tendo em vista esses casos apresentados, estamos falando de vidas! Percebo que precisamos urgentemente dirigir nosso olhar para a educação enquanto direito para todos! A começar, no atendimento de uma educação inclusiva para todos os estudantes. Mais, precisamos, além de um especialista em Educação Especial, de especialistas/professores, todos juntos em prol de uma comunidade escolar.

Comunidade enquanto família, enquanto lugar de pertencimento, baseada no acolhimento, pois cada criança vem de um núcleo familiar e com ele uma história de vida, com suas diferenças e vivências. Cada estudante é único! Cada história também! Individualmente e coletivamente merecem respeito e garantia de atendimento em suas necessidades e direitos no processo do ensino aprendizagem apesar de suas condições físicas, mentais ou cognitivas.

Assim sendo, será que a educação inclusiva acolhe a todos? Será que a “educação para todos” viabiliza, de fato, a construção do conhecimento e a transmissão de saberes a todas as crianças sendo especiais ou não?

CIENCIA EN TODOS LOS ESCENARIOS POSIBLES DE LA VIDA

William Mauricio Reyes Contreras¹



¿Puede desarrollarse el componente práctico de las ciencias naturales en ambientes virtuales de hospitalidad? Durante un seminario complementario de mi formación como licenciado tuve la oportunidad de realizar prácticas en educación hospitalaria mediada por ambientes virtuales de aprendizaje. Esta experiencia además contaba con la particularidad de una inmersión en un contexto educativo ajeno al de Colombia: El IE 7215 ubicado en la provincia de Salta Argentina me permitió realizar la experiencia. La metodología de la institución permite brindar apoyo académico por medio del uso de las tecnologías de la información y comunicación.

Fue hasta mi tercera clase donde realice el acompañamiento a un joven que había sido impactado por un proyectil y tenía limitaciones en la movilidad, dejando a un lado el tema de la movilidad me resultó interesante los métodos de la docente del instituto para abordar el tema, porque po-

sibilita abordar los tres niveles de comprensión de la química, sin embargo, para un nivel en específico (macromolecular) generalmente se hace necesario el uso de sustancias químicas que varían en densidad y otras propiedades físicas.

En ese momento me cuestioné sobre las estrategias que implementan los docentes hospitalarios en las ciencias experimentales, fue motivo de sorpresa porque cercano a esas fechas asistí virtualmente al V congreso internacional de la

¹ Estudiante de licenciatura en química por la universidad Distrital Francisco José de Caldas Bogotá, Colombia. Email: wmreyesc@udistrital.edu.com.

REDLACEH y, particularmente, capto mi atención una experiencia pedagógica hospitalaria donde una docente de ciencias naturales brindaba la posibilidad a sus estudiantes pacientes de realizar ciencia experimental en un contexto no convencional.

Hasta ese momento, a pesar de mi formación como licenciado y posterior a la pandemia, pensaba que había dos tipos de ciencia, las experiencias científicas que carecían de un valor científico y los protocolos establecidos, propios de laboratorios equipados debidamente, sin embargo, esta percepción ha cambiado a partir de determinadas prácticas pedagógicas en las que me he desempeñado y de la formación que me ha brindado el curso de la brincadoteca.

Esta apreciación ahora ha cambiado, puedo identificar como experiencias pequeñas, que no necesariamente deben de ser ejecutadas en un laboratorio, responden a postulados establecidos de la química y a continuación quisiera compartir una de esas experiencias con ustedes.

Durante el seminario complementario descrito anteriormente, acompañe una clase de mezclas químicas y la metodología empleada por la docente a cargo me sorprendió, debido a que al ser virtual solicito al estudiante materiales con los que generalmente una persona cuenta en casa y a partir de la mezcla de los mismos abordó el tema prevista, al ver esto pensaba en cuántas veces durante mi formación como licenciado había realizado ejercicios de lápiz y papel para solucionar problemas de este tema, revisando formulas, balanceando primero las ecuaciones químicas y posteriormente identificar las moles y hacer el despeje de las unidades. Era consiente de los tres niveles de representación de la química, pero no como este tema podría ser visto desde una manera práctica virtualmente.

Considero que en este momento de mi formación, aún con muchas cosas por descubrir, porque aún estoy terminando mis estudios de pregrado, el reto consiste en involucrar el juego, incentivar a mis estudiantes y a todas las personas que puedan aprende algo de mí a conocer a partir del juego, porque este curso me permitió reflexionar sobre el papel de este en la educación, me permitió ser más consiente que estoy trabajando con personas, que tienen sentimientos, emociones, que tienen problemas en su diario vivir y que no son maquinas que simplemente ven las lecciones para absorber conocimiento.

Finalmente, quisiera terminar describiendo como el juego puede suponer una estrategia metodológica no solo en la educación sino en la vida, el papel que tiene para hacernos olvidar situaciones que generan tristeza, dolor y la sensación de renunciar; es el juego esa herramienta que como seres humanos podemos utilizar en nuestro diario vivir para tener una realidad más amena y hacer que otras personas también la tengan. ¿De acuerdo?

BRINCAR PARA RECORDAR: QUANDO NÓS VOLTAMOS NO TEMPO E REVIVEMOS NOSSA INFÂNCIA ATRAVÉS DAS CRIANÇAS

Viviane Lima Silva¹



Será que recordações são acionadas quando vemos outras pessoas brincando como nós brincávamos na infância?

Em um fim de tarde, como todos os outros, resolvendo os afazeres de casa ouço vozes de crianças brincando, cantando e batendo mãos. O ritmo e a música me chamaram atenção, algo me parecia familiar. Chego mais perto para ver se a melodia era conhecida e me deparo com a seguinte música: “Babalu, babalu é Califórnia, Califórnia é babalu. Estados Unidos balance o seu vestido, pra frente pra trás, assim é bom demais”.

Quando ouvi aquele trecho me veio à memória lembranças de quando brincava destas brincadeiras com minhas amigas na vila onde minha avó morava. Uma grande nostalgia tomou conta daquele momento, uma sensação de querer voltar no tempo e reviver aquele instante de brincadeiras sem preocupações, somente a felicidade de estar podendo me divertir com quem gostava. Bons momentos estes, concorda?

Passado este primeiro flash de recordações tive uma ideia, pensei em ensinar uma das músicas que eu cantava e fazia os jogos de mãos. Chamei as crianças e falei:

— Eu também brincava disso quando pequena sabiam?

Elas um pouco surpresas responderam:

— Sério, tia?

Então confirmei e fiz uma proposta:

— Sim! Querem aprender outra brincadeira dessa?

¹ Técnica administrativa Brinquedista. E-mail: vivi_lima_23@hotmail.com.

Prontamente elas responderam que sim e me propus a ensinar. Ensinei uma a uma, retomando um tempo de brincar não tão distante assim e me permitir ser equipe pra elas treinarem juntas. Mas como ainda não haviam decorado nem a letra e nem todos os movimentos, estavam com dúvidas e me perguntavam alguns detalhes que tinham esquecido.

Diante desta dificuldade inicial de decorar a letra e a brincadeira em si, pedi que filmasse com o celular eu brincando com uma delas. Gravamos o vídeo e falei que a partir daquele momento, sempre que esquecessem ou tivessem alguma dúvida poderiam voltar a olhar o vídeo. Que maravilha, essa tal tecnologia!

O tempo passou... Esqueci que tinha ensinado essa música de brincar a elas, mas fui surpreendida com uma cantoria ao fundo, bem baixinha, parecia estar vindo de longe. Aproximei-me da janela para ver se conseguia identificar, mas ainda estava difícil. Por fim, não me contive e resolvi sair de casa e tentar chegar mais perto, aproximar-me da direção do som, para ouvir melhor.

Eis que vejo ao fundo da vila as mesmas meninas brincando e cantarolando:

— Parara parati parara, parati parara, parati parara...

No momento fiquei surpresa e emocionei-me, visto que já havia passado um tempo e, agora, naquele tempo vivido de brincar na rua estavam brincando e tirando de letra, dominando cada estrofe, cada ritmo corporal como se não apenas tivessem decorado a letra toda e todos os movimentos, mas internalizado o sentido da infância, o brincar com o outro!

Você acredita que elas, de longe, me avistaram? Pois é! “— Tia, nós aprendemos a brincadeira toda, está vendo?”

Mais que depressa e tomada por uma sensação de euforia, respondo:

— Claro, vocês estão fazendo certinho e estão até fazendo rápido!

Nesse momento, volto a ser criança pois sou acolhida como sendo uma delas, partilham comigo as novidades do que lhes é caro, a infância e o brincar. Elas estavam felizes com o elogio recebido e, mais que depressa, contaram-me mais uma novidade. Adivinhem só?

Desta vez, estavam ensinando para uma outra amiguinha da vila a brincadeira que ensinei. Sabe de uma coisa? Fiquei com um sentimento de dever cumprido e certeza de que as brincadeiras continuam vivas. Às vezes, só é necessário perpetuá-las. Como assim, perpetuá-las? Me diga uma coisa, quando foi a última vez que você voltou no tempo e reviveu sua infância através das crianças?

O LIVRO REMÉDIO? REMEDIAR MOMENTOS DIFÍCEIS COM O LIVRO COMO REMÉDIO?

Leticia Ferreira Gomes¹



O livro também pode ser remédio? Passando por um momento difícil percebi o potencial do livro como remédio, de remediar momentos difíceis. Um momento recente na nossa sociedade, em nível mundial, afetou muitas pessoas de diferentes formas, o isolamento social, decorrente da Pandemia de covid-19. O isolamento social afetou nosso cotidiano, mudou nossa rotina, estávamos isolados para nosso bem, para nossa proteção. Apesar disso, foi difícil aceitar o isolamento, vivemos momentos difíceis que afetaram o emocional e o espiritual. Penso que em todos nós!

Vou te contar um fato que marcou. No início do ano de 2020, antes do caos se generalizar no Brasil, havia uma jovem empolgada com a comemoração do seu aniversário de dezoito anos, apesar de nunca ter gostado de comemorar aniversário. Ela estava empolgada por ter passado no vestibular para cursar Pedagogia. O assunto faculdade foi motivo de muita ansiedade no último

ano escolar, visto que, em sua percepção, não passar para uma faculdade seria decepcionar as pessoas que acreditavam que a sua aprovação era um fato consumado, já que ela era estudante e esse é o *grand finale* de um estudante. Então,

¹ Graduanda em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Baixada Fluminense-FEBF, unidade acadêmica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ. Bolsista de Iniciação à Docência do Núcleo de Educação Especial e Inclusiva (NEEI-UERJ). E-mail: leticia30ferreira@gmail.com.

essa jovem estava muito empolgada para viver esse novo ano.

Contudo, com a generalização do Covid-19, o viver foi diferente de tudo já vivenciado. Não apenas para ela, mas para mim e para você. Tivemos que reaprender a viver, aprender a viver em isolamento. Famílias isoladas do mundo externo, dentro de casa, com medo e ansiosos sem saber se tudo ficaria bem. Para que isso? Para que nos isolarmos? O isolamento, por vezes exigido, por vezes sugerido, intencionalmente, nos resguardou do contato com o vírus e pelo bem de nossa saúde, o afastamento social. Porém, esse isolamento ou mudanças abruptas da rotina diária nos afetou de outras formas. E, os momentos de fuga dessa realidade difícil foram necessários. E quando essa realidade está para além do ambiente familiar? Quando o isolamento acontece duplamente? Isolado por estar doente, sendo hospitalizado e agora, em meio a pandemia mundial, sem receber visitas? Você já refletiu sobre isso?

Uma jovem em isolamento, uma mãe ou responsável com seu filho ou filha no hospital, uma criança ou jovem internada no hospital. Essas pessoas têm algo em comum, a necessidade da fuga momentânea da realidade. Um livro pode ser essa fuga bem-vinda. Ler um livro sozinha ou acompanhada no leito hospitalar é, de certa forma, distanciar-se e permitir-se conhecer e vivenciar novos mundos e novas realidades. Os leitores e ouvintes estão criando sonhos e possibilidades de melhora por meio da arte!

Veja só o que nos diz o dicionário Oxford Languages, para as definições para a palavra remediar: “dar remédio a” e “tornar mais suportável ou aceitável; atenuar, minorar”. Dito isso, o livro pode ser remédio, o livro pode remediar situações? Tornar suportável o isolamento seja em casa ou no hospital? Minorar o sofrimento emocional e espiritual com o livro como remédio? Ajudando na cura da mente de crianças e jovens com os corpos doentes, dos pais acompanhantes e de uma jovem isolada em casa com a sua família?

O livro pode ser objeto de fuga da realidade, remédio para ansiedade e calmante quase imediato. Um objeto com tamanho poder de melhora, sendo aos descrentes, difícil de acreditar. E digo mais, pode acreditar nisso, pois foi isso que uma jovem que buscava alívio em momentos complicados fez. Ela tomou para si, o livro e a esperança, e, eu lendo; assim ela conheceu lugares incríveis, aprendeu lições para levar para a vida e o mais importante, conseguiu superar momentos difíceis. Não foram poucos!

Pensando no potencial do livro enquanto remédio, enquanto cura, o que pode ser feito pelas crianças e jovens, em regime de internação, e suas famílias? No papel de voluntários ou profissionais podemos ajudar essas famílias? De fato, só quem lê um livro em momentos ruins sabe. Devemos levar esse alívio para quem precisa? É possível se perder e se encontrar nas páginas de um livro

ou de vários livros? Para aquela jovem os livros trouxeram muitos amigos. Você já pensou que podemos proporcionar essa integração aos que estão frágeis, mesmo que por um momento passageiro?

Não estamos sozinhos no mundo mesmo que, por vezes, nos sentimos sozinhos e solitários ou, até mesmo, quando em situações de vulnerabilidade somos afastados de quem amamos. Nesse existir percebemos o quanto precisamos das relações, do outro, de estar com o outro! Há momentos que precisamos ficar sozinhos pela nossa própria saúde, tempo de cura, cura do corpo. Apesar de ser difícil, esses momentos são necessários.

Ah, hoje posso te garantir que esses momentos podem ser remediados e quem me ensinou isso foi aquela jovem que conheceu o livro e o tomou para si como quem toma um remédio em busca de cura. E a pensar nesses momentos difíceis, vou encerrando nossa conversa e convido você a responder a esta pergunta aqui no final: Como posso ser remédio na vida de quem precisa?

O BRINCAR TRANSFORMA RELAÇÕES FAMILIARES!

Emilly Martinelli Rossi¹



Como ensinar uma criança a brincar? Este foi o questionamento de uma mãe em desespero por não saber participar do desenvolvimento de seu filho. É uma família recém chegada de Minas de Gerais que procura a Unidade de Saúde para solicitar uma consulta com o pediatra, a mãe alega estar com dificuldades de lidar com o filho.

Na consulta com o médico, a mãe explica que trabalha o dia todo, as crianças estudam no turno da manhã e o pai que fica com os 3 filhos. O pai não tem muita paciência e a maior parte do tempo as crianças ficam no celular ou vendo televisão. Nas falas percebe-se um sentimento de angústia e um pedido de socorro.

A mãe relata uma preocupação maior com o filho mais novo que tem o diagnóstico de autismo e TDAH. A comunicação verbal é restritiva. Quando quer algo, a criança costuma apontar ou levar os pais até o objeto que deseja. Quando é negado algo, joga-se no chão e grita. Relatou que a professora da creche disse que ele não consegue acompa-

nhar as atividades e interage pouco com os colegas da sala.

Essa criança chegou até mim para participar da Oficina do Brincar, que consiste em um grupo para crianças com autismo da Unidade de Saúde. E o

¹ Licenciatura em Educação Física pela Faculdade Salesiana de Vitória. Bacharel em Educação Física pela Faculdade Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Residência em Saúde da Família pelo Instituto Capixaba de Ensino, Pesquisa e Inovação (ICEPi). Mestrado e Doutorado em Ciências Fisiológicas pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: emillyrossi@hotmail.com.

objetivo é trabalhar o desenvolvimento motor, cognitivo e social através de atividades lúdicas com uma equipe multiprofissional. No primeiro dia na oficina, deixamos a criança solta, livre.

Queríamos criar vínculos e conhecer os gostos dele. Mas confesso que o desespero veio logo nos primeiros vinte minutos da oficina. Se mostrou muito agitado, corria pela sala gritando, jogava os brinquedos longe, em um momento de distração ele abriu a porta e saiu correndo pela Unidade de Saúde.

Neste cenário de gritarias e correria atrás da criança, no fundo a voz da mãe: “— Esse comportamento é todo dia assim! Eu já não sei o que fazer!” Ela apresentava um semblante de cansaço e com os olhos cheios de água, aparentemente de quem queria agir igual a criança: sair correndo gritando e chorando!

Marcamos uma reunião com a mãe para conhecer melhor sobre a história da criança e sua rotina. Durante a conversa ficaram destacadas as seguintes falas: “não sei o que fazer”; “como posso fazer”; “eu preciso de ajuda”.

A aflição era evidente e percebemos que o que faltava na vida daquelas crianças e dos pais era um momento juntos, um momento para os pais darem atenção aos filhos, seja de carinho e, até mesmo, de brincadeiras entre eles. Ou seja, não era a questão do autismo o problema da dificuldade de relacionamento e sim a falta de um vínculo mais afetivo. E propomos a ela ir mudando os hábitos aos poucos: reduzir o tempo no celular, da televisão, descer com as crianças para brincar no parquinho, por exemplo. Criar situações para ela e o marido dedicarem um tempo junto aos filhos.

Na semana seguinte, na Oficina, fui observando o comportamento daquela criança durante as atividades. Ele não fazia questão dos brinquedos, do lápis de cor e papel, das músicas, apenas o que lhe chamava atenção era o celular, que foi utilizado para colocar as músicas. Os encontros na oficina foram passando e fomos apresentando a ele os brinquedos, as tintas para pintar, lápis de cor, as brincadeiras de correr, de pique e entre outras.

E com o passar das sessões era visível a mudança de comportamento da criança e dos pais. Aquele semblante de desespero e angústia, já não se via mais. Era um clima de entusiasmo e um vínculo reconstruído. A criança participava das atividades, do modo dele, mas mostrava-se interessado nos brinquedos, nas pinturas, nas cantigas e histórias contadas. E o aparelho celular? Já nem era mais um objeto cobiçado por ele.

E o mais gratificante deste período foi observar e vivenciar um vínculo familiar ser fortalecido por simples atitudes: “brincar com os filhos”. Brincar em família pode transformar essa instituição?

EM UM CURSO/EM CURSO SENDO BRINQUEDISTA HOSPITALAR

Sandra Conceição dos Santos¹



Vou começar nossa conversa contando um pouco sobre mim... Por ter formação em Pedagogia, em 2005, iniciei como responsável pela coordenação da brinquedoteca hospitalar, na ala de internação pediátrica, visto que a instituição hospitalar estava atendendo ao cumprimento da Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005, que dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação.

Inquietações? Foram muitas! Iniciar esse trabalho foi um momento de muita reflexão, expectativas e angústias, pois, ao meu olhar, quando o trabalho é realizado com crianças saudáveis sua dinâmica de trabalho é proporcionalmente diferenciado quando é realizado com crianças com qualquer tipo de doença, e se tratando de doença crônica é desafiador, triste e, ao mesmo tempo, gratificante.

As dificuldades estavam postas, bem ali frente a mim: trabalhar o lúdico com crianças com acessos venosos, cadeirantes, dificuldades respiratória e de locomoção... E claro, as crianças com limitação de liberdade também eram contempladas com atendimento em seus leitos.

No primeiro dia me deparei com situações dolorosas que me levaram às lágrimas, uma difícil tarefa para enfrentar e quase não pude ter sob controle. Mas como vivemos em constante resiliência, fui para casa pensando em estratégias

¹ Licenciada em Pedagogia. Pedagoga Hospitalar contratada pela Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo- Instituto de Infectologia Emílio Ribas. E-mail: sandra.santos@emilioribas.sp.gov.br.

de como resolver aquela situação onde a criança implorava para ficar na brinquedoteca e não ir para o leito tomar medicação.

Sinceramente, se eu pudesse escolher, com certeza desejaria o mesmo que aquela criança, ficar na brinquedoteca e não tomar a medicação. E você?

A realidade nos apresentava a 4ª unidade de internação Pediátrica no qual são atendidas crianças/adolescentes de 0 a 18 anos. Possui 32 leitos distribuídos em 16 enfermarias, sendo que mais de 80% dos menores atendidos são portadores do vírus de imunodeficiência adquirida (HIV). O que fazer? Como fazer? Quando fazer?

Analisando essa demanda e todo aquele estresse no contexto hospitalar, entre profissionais, pacientes mirins e familiares acompanhantes, surgiu a ideia de criar um projeto que atendesse tais conflitos, a saber: a criança saindo da enfermaria sem querer tomar o medicamento; o enfermeiro que se recusava a medicar a criança na brinquedoteca; o médico que não encontrava o paciente em seu leito.

E sem sair do contexto da pediatria, decidimos em reunião de equipe como seria efetivado o trabalho multidisciplinar onde as especialidades, profissionais, pacientes e familiares fizessem parte da dinâmica diária e que todos pudessem dar sua contribuição para evolução dos trabalhos sem sair da rotina do dia a dia.

Assim, a partir de muitas mãos, muitas cabeças pensantes e muitos desejos de sucesso, surgiu o projeto intitulado BRINQUEDOTECA HOSPITALAR E CLASSE HOSPITALAR: UMA ABORDAGEM MULTIDISCIPLINAR, LÚDICA E PEDAGÓGICA, que tinha como objetivo principal, através da política de humanização, desenvolver atividades que pudessem, de certa forma, minimizar o sofrimento e estresse causado pela ruptura social e emocional da internação hospitalar em pacientes menores de 18 anos no Instituto de Infectologia Emílio Ribas, reforçando assim, a ação multidisciplinar lúdica e pedagógica,

Este trabalho multidisciplinar no âmbito hospitalar, realizado no espaço da brinquedoteca e sala dos médicos, coloca em evidência a ludicidade enquanto complementação do fazer pedagógico utilizando da formação dos diferentes profissionais: da equipe médica; nutrição; enfermagem; assistente social e voluntários.

Nesse caminhar, enquanto ser brinquedista em recente formação em Pedagogia Hospitalar pela PUC-SP/2008, pude perceber a importância da união dos profissionais fortalecendo e enriquecendo esta ação multidisciplinar potencializando e promovendo um ambiente acolhedor e alegre para todos. E assim, diminuindo o estresse do paciente, de seus acompanhantes e consequentemente estimulando uma recuperação mais rápida do menor hospitalizado.

Acreditamos que a criança e adolescente hospitalizado deve ser atendida de modo integral, no desenvolvimento da aprendizagem e no desejo de cura, acrescidos de valores da cidadania e da ética. Em outras palavras, a criança doente não tem direito apenas à saúde, mas também ao lazer e educação, pois

seus interesses e necessidades intelectuais e sócio interativos também estão presentes no ambiente hospitalar.

Nesse sentido, o projeto foi desenvolvido no período de três meses com temática escolhida pelas crianças e adolescentes e desenvolvido com toda a equipe hospitalar. Foram três meses de muita interação e ao final, foi finalizado com um almoço temático, onde transformamos a sala dos médicos em um restaurante e em parceria com a nutrição do hospital que preparava um cardápio especial para o nosso “grande encontro”.

Em um curso, como um caminhar em busca de algo, seguimos e colocamos em prática o que nos propomos, fazendo dar certo um projeto idealizado por muitas mãos. E como servir essa refeição? O que faria dela tão especial? Não era apenas uma refeição! Assim, utilizamos as mesinhas da brinquedoteca e organizamos a decoração a partir do tema trabalhado no trimestre.

Sabe quantos atendimentos eram realizados por essa equipe? Aproximadamente 9.216 atendimentos de atividades lúdicas e pedagógicas em crianças e adolescentes anualmente. Uma quantidade considerável, concorda? Agora imagine só, pensar atividades... Aliás, não parar de pensar durante um ano inteiro!

A formação em Pedagogia Hospitalar certifica um especialista, mas, acima de tudo, potencializa uma equipe envolvida. Nesse liame, o trabalho na ala da pediatria se solidificou e novos desafios surgiram. Isto posto, paralelo ao trabalho na brinquedoteca, temos utilizado desta experiência para implantação da sala multidisciplinar para o adolescente, pensando no momento lúdico de acordo com a sua faixa etária, bem como, um espaço onde cada um deles possa sentir-se representado e contemplado para uma boa socialização entre pares. Estamos em curso, melhor, em curso!

*“Quando eu tiver setenta anos
então vai acabar esta adolescência
vou largar da vida louca
e terminar minha livre docência”*

Paulo Leminski

REFERÊNCIAS

LEMINSKI, Paulo. **Caprichos e relaxos**. Prefácio de Haroldo de Campos. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MINHA INFÂNCIA: DESCOBRINDO O MUNDO ATRAVÉS DA IMAGINAÇÃO

Jessica Costa do Nascimento¹



Ah! Quando paro para lembrar da minha infância... Já parou para lembrar das brincadeiras de antigamente da época da sua tenra idade?

Ah, o brincar... Que lembrança maravilhosa! Lembro-me dos dias ensolarados no terraço de casa, correndo descalço e deixando minha imaginação voar. Eu era uma aventureira destemida, pronta para enfrentar qualquer desafio que minha mente inventasse. Quer saber como?

As brincadeiras eram um portal para um mundo mágico. Com apenas alguns objetos simples, como caixas de papelão, eu construía fortalezas inexpugnáveis ou naves espaciais velozes. Posso até imaginar, que eu não era a única! Cada brincadeira era uma nova história a ser contada, e eu era o protagonista, vivendo cada momento com emoção e alegria.

Mas não era só diversão! Brincar era também um aprendizado disfarçado.

Construindo castelos de areia na praia, eu desenvolvia minha habilidade de construção e aprendia a importância da persistência. Brincando de esconde-esconde com os amigos, aprendia também sobre a importância de esperar minha vez e respeitar as regras do jogo. Cada brincadeira trazia uma lição valiosa, mesmo que eu não percebesse na época.

E as brincadeiras ao ar livre? Recordo-me bem! E você?

Ah, como eram revigorantes! Subir em árvores, sentir o vento no rosto

¹ Licenciada em pedagogia. Pedagoga. Brinquedista. E-mail: jessica_cn1@hotmail.com.

enquanto usufruía do balanço e explorar os segredos do jardim eram experiências que me conectavam com a natureza e me faziam sentir vivo. A alegria de correr livremente, sem limitações, era indescritível.

Mas hoje vejo que as coisas estão mudando. As crianças passam menos tempo brincando, substituindo as brincadeiras tradicionais por telas digitais e atividades estruturadas. É triste pensar que muitos pequenos estão perdendo essa oportunidade única de explorar sua imaginação e desenvolver habilidades essenciais.

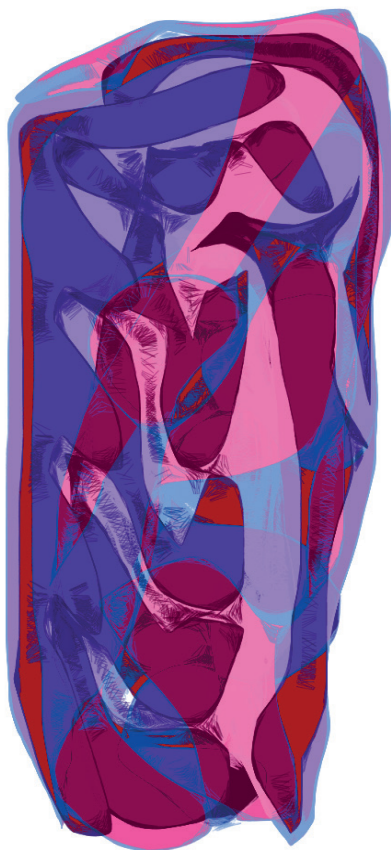
Como adultos, temos a responsabilidade de resgatar o valor do brincar. Devemos abrir espaço para as crianças se divertirem, criarem, interagirem e explorarem o mundo ao seu redor. Precisamos proporcionar a elas momentos de liberdade e alegria, onde possam deixar de lado as preocupações e simplesmente ser crianças.

Brincar na infância é um tesouro que guardamos para sempre! As memórias das brincadeiras nos acompanham ao longo da vida, trazendo sorrisos e saudade. Então, vamos abraçar essa fase tão especial e permitir que nossas crianças tenham a oportunidade de viver plenamente o encanto das brincadeiras?

Dessa forma, me pego a refletir... Como podemos resgatar o valor do brincar na infância e proporcionar às crianças de hoje momentos de liberdade, criatividade e alegria?

AINDA BEM QUE NÃO DESISTIMOS, NÃO É MAMÃE?!

Cláudia Aparecida Lopes¹



Quanta lição podemos passar ao sermos persistentes frente às situações da vida, não é mesmo? No penúltimo sábado de maio houve a gravação do programa da TV Cultura, Brasil Jazz Sinfônica, no projeto Música no Museu, com os ingressos gratuitos e conforme anunciados, seriam distribuídos uma hora antes do evento.

Como moramos próximos ao lugar do evento, fomos fazer, como de costume, a nossa caminhada no parque da Independência. Este parque fica nas imediações do Museu do Ipiranga, então aproveitamos para darmos uma olhada no local do evento e verificarmos se já tinha alguma fila e tal.

Observamos que ainda não havia nenhuma movimentação de pessoas ou distribuição dos ingressos, e faltavam umas três horas e meia, mais ou menos, para o evento. Muito tempo ou pouco tempo? Poderia ser uma eternidade ou poderia ser um tempo “logo ali”?

Fomos para casa almoçar e, em seguida, voltamos ao parque e, já de longe, vimos uma “muvuca”. Quando chegamos na fila, ficamos sabendo que já haviam se esgotado todos os 200 ingressos.

Meu filho me perguntou: “— E agora mamãe?”

Confesso que se fosse eu sozinha ali, querendo assistir, teria ido embora

1 Cláudia Aparecida Lopes, Brinquedista Hospitalar no Instituto de Infectologia Emílio Ribas pós-graduada em Ludopedagogia IBRA, extensão em Pedagogia Hospitalar PUC SP. E-mail: claudia.lopes@emilioribas.sp.gov.br.

esbravejando morar numa cidade como São Paulo, mas quando a gente é mãe penso que temos, meio que por obrigação, que passar certos valores para nossos filhos. Ah claro, também acabamos fazendo de tudo para conseguirmos realizar alguns desejos dos nossos pequenos.

Peguei na mão dele e fomos juntos, dialogar com a equipe, com um e com outro da organização do evento que ali estavam e estes a todo o momento tentavam dispersar as mais ou menos 20 pessoas que ali se encontravam na esperança de poder entrar no auditório.

Passados mais ou menos 35 minutos do começo da gravação pergunto para meu filho se ele gostaria de ir embora. Ele me responde que gostaria de ficar mais um pouco, pois gostaria, pelo menos, de ver como é o auditório do lado de dentro. De mãos dadas, permanecemos!

Uma funcionária do museu vem e diz para o pequeno grupo de 5 pessoas (contando comigo e meu filho) “— Gente, é melhor vocês irem embora, em julho haverá outra gravação”. Assim, as três senhoras então resolvem desistir e se despedem de nós.

Ficamos nós dois somente, e eis que um tempo depois, a porta é aberta, acredito pela vigésima vez, talvez, e a produtora do evento vem em nossa direção com um sorriso e nos indaga “— Onde está todo mundo?” e respondo que só ficamos nós dois.

Explico a ela que vamos ficar porque meu filho quer pelo menos ver como é do lado de dentro do auditório, ao final da gravação. Neste momento, ela então nos diz bem baixinho que tem um assento para obeso que está vazio e se nós nos importávamos de sentarmos juntos pois ainda faltava uma hora e meia de gravação.

Meu filho fica com um brilho nos olhos e sorri. Eu digo que tudo bem. Somos então colocados para dentro.

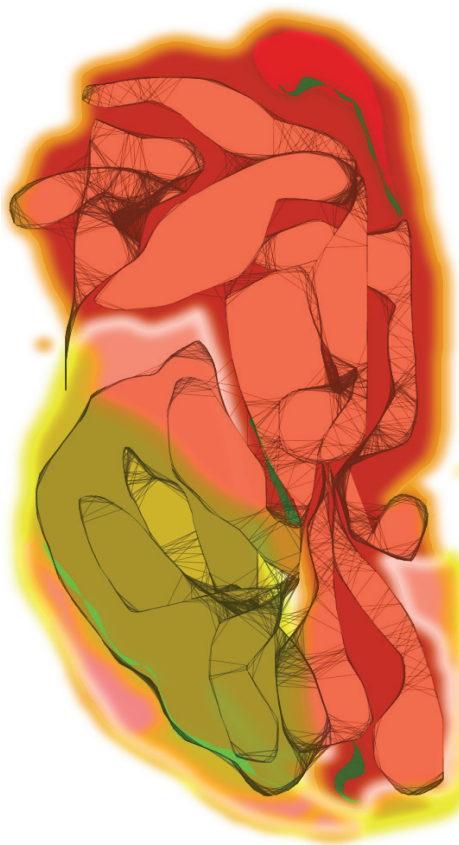
“— Conseguimos mamãe!”, ele me diz bem baixinho e fico emocionada. De mãos dadas, seguimos até o assento, e durante todo o tempo restante da gravação eu o observo Lindo de ver, no auge dos seus somente 08 anos, compenetrado assistindo e aplaudindo maravilhado.

Ao final de toda a gravação saímos e fomos agradecer à produtora da TV Cultura e ela perguntou a ele se tinha gostado. Surpreendo-me, pois ele lhe dá um abraço apertado e em forma de agradecimento, fala: “— Obrigado”.

Caminhando para a saída ele olhou para mim sorrindo e falou “— Que bom que não desistimos não é mamãe?!”

JÁ REFLETIU SOBRE O BRINCAR NA CULTURA RACISTA?

Luciene Sales Sena¹



Você já refletiu sobre o brincar na cultura racista? O tema racismo há muito me intriga, sob diversos aspectos, a saber: será que as pessoas têm noção do mal que propagam quando qualificam as pessoas a partir da cor de pele, tipo de cabelo, formato de nariz, espessura de lábios, entre outros? Será a cor da pele, crenças e manifestações culturais e religiosas expressões a serem julgadas? Será o cabelo bom ou ruim?

Quem define isto? Quem disse isto? Quem propaga isto? Como se propaga isto? Quem ganha com esta propagação? Em quem e como repercutem tais efeitos? Já parou para pensar que provoca graves efeitos sociais, educacionais, emocionais, econômicos na vida de pessoas?

Ichi, vou parar por aqui pois, são muitas as indagações, reflexões, reposicionamentos de falas, de atitudes, de olhares. Processo dinâmico, vivo!

1 Luciene Sales Sena - Mulher preta, resistente e insistente com esperançar. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo... "(FREIRE,P 1992). Mestre em Desenvolvimento e Gestão Social na Universidade Federal da Bahia, Especialista em Gestão do Desenvolvimento Local, Investimento Social Privado, Responsabilidade Social. Pós- graduada em Teoria Psicanalítica e Práticas Educacionais e em Gestão da Qualidade em Administração e Serviços. Certificação em Estudos Afro-Latino-Americano – Afro-Latin American Research Institute at the Hutehins Center – Harvard University, Formação em Direitos Humanos, Democracia e Mulheres Negras e em Promotora Legal Popular de Mulheres Pretas - Rede Nacional de Mulheres Pretas no Combate à Violência, Certificação Internacional Master Umanitar Gestão de Projetos (GP) Agile, Certificação Internacional Master Umanitar Impact. Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Espírito Santo. Email: luciene.sena@acacci.org.br.

Estamos falando de “vida” enquanto verbo e de “vida” enquanto pessoas, a partir daí, crianças, adolescentes e o brincar. O brincar na cultura racista!

Bom, quando pensamos no racismo, é importante pensar nele em três perspectivas: o racismo individual, o racismo institucional e o racismo estrutural. Assim descritos na obra *Racismo Estrutural*, do escritor brasileiro Silvio Almeida.

O racismo individual se manifesta através de falas ofensivas e comportamentos contra uma pessoa no dia a dia. O racismo institucional é quando existe a presença massiva de um determinado grupo em posições de poder, como por exemplo no Legislativo, o Judiciário, o Executivo, nas universidades e nas grandes corporações. Além disso, ele pode se manifestar por regras, normas e condutas discriminatórias que promovem exclusão e violências e são baseadas na cor.

Por fim, Silvio Almeida esclarece que as instituições são racistas, porque a sociedade também é. Logo, o racismo estrutural é quando a ordem jurídica, política e econômica preserva os privilégios brancos e criam condições de prosperidade para apenas um grupo.

Portanto, as marcas da escravidão ainda são visíveis na nossa sociedade. Das senzalas, a população negra foi para os subúrbios procurando formas de subsistência e até os dias atuais os negros são maioria nas favelas brasileiras.

Almeida afirma que o racismo estrutural justifica a escravidão naquela época, da mesma maneira que justifica a desigualdade social atualmente.

Hoje, o Brasil tem a maior população negra fora da África e a segunda maior do planeta. Ainda assim, as pessoas negras (pretas e pardas) são as principais vítimas das desigualdades sociais do país, desde as oportunidades de emprego até o acesso à educação e saúde.

Você já deve ter percebido que as perguntas que abriram este texto fazem referência a manifestações racistas, sempre justificadas como: “era só uma brincadeira”, “não quis ofender”, “desculpa, não falei por mal”... e por aí vai.

Conversa longa, não é gente? Ou papo chato de gente que se faz de vítima, dirão outros e outras, né?

Pois é, sendo longa, antiga, vitimismo ou qualquer outra denominação que se queira dar e/ou expressões oriundas da cultura racista que, infelizmente, fortemente impera no Brasil e em outros países, o fato é que mazelas seguem sendo fortalecidas e recriadas contextualmente, claro.

Para ir fechando por aqui, me pergunto, como brinca uma criança negra sozinha e em grupo?

O que é brincar para uma criança negra? Já pensou sobre o direito de brincar nas favelas? Quais brinquedos e brincadeiras fortalecem a cultura negra? E o brincar para uma criança negra e em tratamento de uma doença crônica? E uma criança com deficiência?

Que outras perguntas você faria a si mesmo sobre este assunto? Eu tenho ainda muitas indagações, indignações, reflexões, revisões de atitudes.... Que bom, que deu para compartilhar um pouquinho de minhas inquietações com vocês.

Ah, se te interessar ver algo mais sobre este assunto, abaixo cito umas dicas:

TOLENTINO, Luana. **Sobrevivendo ao Racismo**: memórias, cartas e o cotidiano da discriminação no Brasil. Campinas: Papirus 7 Mares, 2023.

GOMES, Flávio dos S.; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lilia. **Enciclopédia Negra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Sílvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

Campanha contra o racismo idealizada junto ao “Criança Esperança 2016” exibida no programa Fantástico da Rede Globo de Televisão no dia 03 de julho de 2016. Vídeo - https://youtu.be/kSxfom_eRYk.

Um abraço!

O BRINCAR ENQUANTO DESENVOLVIMENTO E CURA: UM OLHAR SOBRE A INFÂNCIA

Joyce Kelly Wanzeler Freitas¹



O que é um hospital infantil? Ao surgir a possibilidade de ser uma futura Brinquedista ainda na graduação de Pedagogia, debruicei-me sobre pesquisas com o intuito de entender esse diferencial, e uma das definições que trago é o hospital infantil como um espaço que pense exclusivamente nas crianças.

Sei que pode parecer um tanto óbvio, global, porém sobretudo abrangente ao ter a oportunidade de vivenciar a teoria da graduação na prática.

Há quase três anos junto a equipe de humanização hospitalar, fazemos, para além, dos coloridos das paredes! Nós todos, procuramos junto a um grupo de trabalho humanizado, que abrange todos os setores do hospital, conscientizar os colaboradores de que a humanização não é um setor isolado, mas que todos precisamos participar. Até mesmo porque esse é o princípio orientador da Política de

Humanização Hospitalar, a transversalização!

Assim, conseguimos em conjunto desenvolver inúmeros projetos que têm feito dos espaços de ações, um lugar de acolhida, escuta, aprendizagem e sobretudo de garantias de direitos às crianças.

O que posso dizer a partir de um olhar pedagógico? Que sempre será

¹ Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário FIBRA, Pós graduanda em AEE, Professora da Educação Infantil no CEAS e Brinquedista no Hospital Público Referência em Tratamento Oncológico Infante Juvenil no Pará. E-mail: joycekellywanzeler@outlook.com.

possível, nesse processo de relação, explorar possibilidades a fim de contribuir com o desenvolvimento psicomotor, cognitivo e socioafetivo do paciente, sejam eles dentro das brinquedotecas, nos leitos ou em outros espaços.

É possível caminhar? Sim! No ano de 2021 inauguramos um ateliê sustentável, e um tempo depois foi criado o projeto Aprendizagem Criativa, objetivando proporcionar a aprendizagem através da construção de brinquedos e jogos educativos a partir de materiais não estruturados. Nesse projeto, os pacientes participam da construção do seu próprio jogo ou brinquedo, é sem dúvida um momento de brincar criando e criar brincando!

E digo mais, tempo de construir e fortalecer vínculos afetivos ao explorar o colorido das tintas, ao escolher os materiais. De fato, momento único para todos nós!

Costumo dizer que por aqui estamos em uma constante brincadeira, e que, às sextas, é comum ver os colaboradores vestidos de heróis. Você consegue imaginar? Agora, são “homens aranhas” e são o personagem preferido das crianças e eles desfilam pelos corredores e adentram os leitos. Heróis da ficção sendo heróis na vida real!

E quem são esses personagens? Não é todo o dia e nem em todo o lugar, nem em todo o hospital, que você pode encontrar os colaboradores trocando o uniforme pela fantasia, sabia disso? A brincadeira faz parte do projeto “Sou Super Herói” e faz parte de uma das ações de humanização realizadas.

E tem mais! Também buscamos acompanhar o calendário escolar, já que as crianças estão, na maioria, impossibilitadas de frequentar a escola. Assim, de forma lúdica, trabalhamos o dia mundial da água, dos animais, da família, do indígena, festa junina, entre outros. Ainda, temos até colônia de férias, uma semana recheada de intensa diversão.

Nesse sentido, muitas coisas “próprias”, “pertencentes” do universo infantil acontecem e são acolhidas como necessárias. É acolher a criança e respeitar o direito que ela tem... Imagine só, durante o percurso para cirurgias, o lúdico está presente nas ações da equipe multidisciplinar. Você consegue imaginar o paciente ir dirigindo um carrinho elétrico até o centro cirúrgico? E ainda por cima tocando a música da fórmula 1? E digo mais, bandeiras e plaquinhas com frases de incentivo compõem o trajeto.

É perceptível o quanto esse ambiente acolhedor, com uma linguagem própria, que acolhe a infância tem contribuído para uma internação e/ou tratamento mais leve e, conseqüentemente, evoluindo para uma cura mais rápida.

Você já imaginou o poder de uma simples atividade de recorte e colagem ou de pintura? E como podem transformar um dia, uma vida?

Sabe de uma coisa? O bom mesmo é estar em um espaço de troca de amor

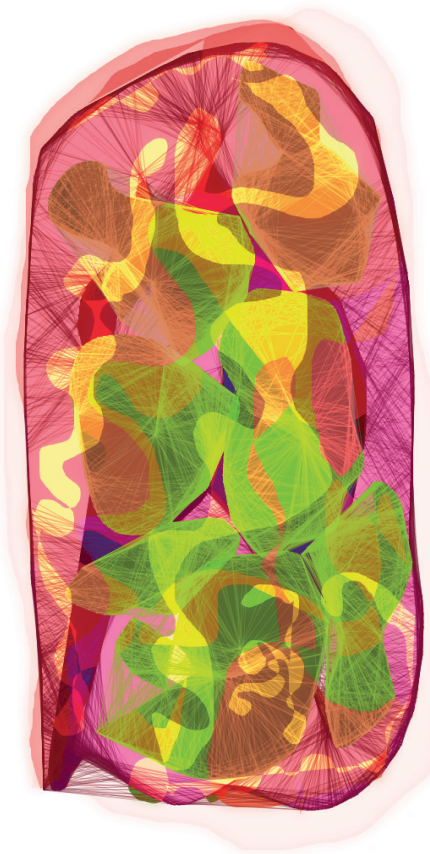
e amizade! É poder chegar, se fazer presente e arrancar um sorriso bem grande, simplesmente pelo fato que a “tia da brinquedoteca chegou”.

Os olhos brilham, o humor se transforma, e a pergunta: “— O que vamos fazer hoje?”.

Limitações físicas não impedem a alegria, e algumas crianças, mesmo em meio a limitações, nos alcançam em corrida buscando um abraço! Você consegue imaginar quantas coisas lindas podemos fazer para ajudar alguém, que na sua inocência, só quer se divertir, viver e ser feliz?

MEMÓRIAS DE UM BRINCAR NO HOSPITAL

Brunella Poltronieri Miguez¹



“— Tia, senta aqui; você pode pintar comigo?”. Recordo-me, como se fosse hoje, das minhas idas ao Hospital Infantil Nossa Senhora da Glória (HINSG). A Classe Hospitalar “Canto do Encanto” foi o meu objeto de estudo no mestrado em Políticas Públicas e, por isso, passei a frequentá-la para, então, buscar respostas ao meu problema de pesquisa.

Certa vez, uma menina, aluna da classe hospitalar, fez-me esse convite. Ora, confesso que, em um primeiro momento, fiquei surpresa, pois antes nenhuma criança havia buscado aproximação. As crianças da classe se entretinham por si sós; seja nas brincadeiras, seja nas tarefas. Vem-me à memória que as crianças desenvolviam essas atividades com certa autonomia; ainda que a maior parte das vezes fossem mediadas pelos professores. A bem da verdade, as crianças pouco dialogavam, pois estavam minuciosamente

concentradas, conectadas com aquele presente. E isso talvez possa explicar a minha explosão de sentimentos, diante daquele singelo convite. Enfatizo: naquele momento, senti-me emocionada e um tanto desconcertada.

Em meio à afetuosa investida, tentei me recompor, ainda com os olhos marejados; afinal, estava ali como pesquisadora, com papel e caneta, para observar,

¹ Doutoranda em Direito pelo Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP). Mestre em Políticas Públicas pela Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia e em Direitos Fundamentais pela Universidad Carlos III de Madrid. Especialista em Direitos Humanos pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-MG). E-mail: advbrunellamiguez@gmail.com.

vivenciar, desvendar aquela realidade; em especial, descrever a estrutura educacional e o modo como ocorria o processo de ensino e aprendizagem naquele espaço. Mas, como já era de se esperar, não hesitei em aceitar o convite. Prontamente, arrastei uma cadeira e pinteí por horas a fio, em companhia da garotinha, que estava ali para acompanhamento oncológico. Confesso que não a poupei de abraços. E, ainda, sem titubear, ofereci uma contação de histórias com um dos livros da estante, que escolhi aleatoriamente. Aqui-agora, escrevendo, recordo-me do seu meigo rosto, que na época, infelizmente não escondia o adoecimento.

Após alguns anos, por vezes, rememorei e refleti sobre o que ocorrera naquele período de pesquisa e, especialmente, naquele dia. Estaria ali o brincar flagrantemente presente, mesmo não sendo um espaço típico de brinquedoteca? Estaria o brincar pulsando em uma criança em condição de adoecimento? Ora, busquei educação (e, de fato, encontrei); mas também encontrei o brincar e a ludicidade. Aquela garotinha, por horas, esqueceu-se da mãe, que lhe aguardava fora da classe; esqueceu-se da doença e do tratamento a que iria se submeter nas horas seguintes. O que lhe importava era a cor do vestido da camponesa que estava no livro de colorir. “— Tia, qual a cor que você quer para o vestido”? Essa era a inquietude no momento. Nada mais.

Percebi, pelo olhar retrovisor, que é impossível pensar em criança sem o brincar. O brincar é o enredo, é o colorido, é a forma, é o conteúdo... O brincar é da essência da criança. Ainda que se busque educação, essa estará, de alguma forma, intrincada ao brincar e ao lúdico. O brincar não dá trégua, o brincar não se despede. Onde tem criança, tem brincadeira.

Paulo Freire vem-me à cabeça... não posso deixar de registrar. A educação é o ato pelo qual nos tornamos “ser com o mundo”. E o brincar faz parte desse processo, ao conduzir a criança a um conhecimento melhor de si e do mundo que a rodeia. Então, indago-me e, ao mesmo tempo, questiono você, caro leitor: como o brincar pode contribuir no processo de “ser com o mundo” de uma criança em situação de adoecimento?

TRABALHAR PARA PRODUZIR ALEGRIA

Débora de Souza Ferreira Ramos¹



É possível conciliar trabalho com alegria? Lembro-me de ouvir de uma amiga docente que seu objetivo de trabalho era produzir alegria nos estudantes. Esse relato nunca me escapou. Pelo contrário, ficou guardado e registrado em mim como um novo jeito de olhar o universo do trabalho. Trabalhar para, de algum modo, produzir alegria; afinal de contas, isso não se distancia tanto dos objetivos do trabalho de qualquer profissional da área de Psicologia. A gente quer mesmo diminuir o sofrimento.

Olhar a prática do brincar como possibilidade de produzir essa tal alegria foi um presente-privilégio que recebi ao começar, neste ano, a atuar em um hospital oncológico e ao iniciar o curso de brinquedista hospitalar. E o pensamento foi expansivo por me oportunizar refletir não só sobre como posso ser agente de produção de ale-

gria no encontro com pacientes, familiares e equipe, mas também sobre como posso produzir alegria, em minha pessoa, no decorrer de meu trabalho.

Dessa mesma amiga docente, ouvi também sobre a necessidade de pensarmos estratégias para descansar trabalhando, pois, caso contrário, seremos engolidos por uma ótica produtivista mercadológica. E daí, que poder brincar

¹ Psicóloga pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES e Residente Multiprofissional em Cuidados Paliativos pelo Instituto Capixaba de Ensino, Pesquisa e inovação em saúde – ICEPi, alocada no cenário de prática ambulatório e enfermaria da Hemato-oncologia pediátrica no Hospital Infantil Nossa Senhora da Glória - HINSG. E-mail: deborasframos@gmail.com.

no hospital é também para mim, enquanto profissional, a possibilidade de descansar trabalhando? E quando digo que é descanso no labor, não digo que não há labor. Mas que é um exercício outro.

O brincar para produzir alegria dá muito trabalho também. É preciso cultivar a presença, o acolhimento, a escuta e a disposição. Disposição tanto no sentido afetivo-emocional, quanto no corpo físico. E podemos até dizer que o brincar cansa. Mas cansa de outro modo. O brincar quando mecanizado, esvaziado de sentido e intenção, pode ser nomeado outra coisa: atividade, tarefa, dinâmica... outra coisa qualquer. Mas o brincar mesmo, esse que dizemos que produz alívio do sofrimento e gera resiliência, é uma ação possível somente a partir de um profundo interesse em viver a experiência.

Quando falo de experiência aqui, refiro-me ao sentido dessa palavra delineado por Jorge Larrosa (2002). É aquilo que nos perpassa, acontece em nós e nos toca. O cultivo desse modo de experiência exige tempo e disposição para afetação. Duas coisas tão raras no dia a dia de qualquer adulto e, por isso, tão preciosas. Para brincar desse jeito, experimentando e experienciando, é preciso proteger certo tempo e certa dedicação.

E aí, quando pensamos no brincar no hospital, quem é que terá tempo? Qual profissional no hospital está isento de cair em imenso trefismo, com rotinas lotadas, de modo que sequer consegue pausas para beber água e ir ao banheiro. A lógica produtivista de trabalho e consumo nos rouba a possibilidade de construir na atuação profissional estratégias que demandem tempo, dedicação e afetação, porque, afinal de contas, é preciso entregar os resultados que se esperam de cada um. Daí podemos afirmar que para pensar em uma experiência de hospitalização pediátrica (e quem sabe também na hospitalização adulta, senil) em que o brincar tenha espaço, é preciso estarmos alinhados a um outro modo de fazer saúde, que faça, de fato, rompimentos com a lógica biomédica ainda hegemônica.

Voltando então, ao fio condutor desta reflexão, proponho que pensar a atuação na saúde para além de exclusivamente fins curativistas; para além de um olhar biologizante sobre a vida; para além da exclusão do sujeito em detrimento da doença, é a pista mais concreta na direção de se trilhar um caminho em que seja possível produzir alegria com as pessoas hospitalizadas. Você ainda duvida que é preciso poder brincar no hospital?

REFERÊNCIAS

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, p. 20-28.

BRINCADEIRA DE CRIANÇA: COMO É BOM!

Mayara Garbini Lemos Bitti¹



A infância não é a melhor parte da vida?! Não é à toa que todo mundo diz, e eu também confirmo, a melhor fase da nossa vida é quando somos crianças. Nessa fase, tudo é uma surpresa, uma festa, uma novidade, além de ser um período em que temos mais tranquilidade e regalias. Em meio à muita diversão e brincadeiras da época, eu cresci em uma família simples, que usava a criatividade para criar brinquedos e diferentes formas de brincar. Desde o litro amassado para descer de bunda no morro até as cabaninhas de lençol presas na grade da varanda. A minha infância foi muito bem aproveitada. Eu brinquei muito!

Nessa época da minha vida, a interação com a família contribuiu para a formação do meu caráter e isso tem grande reflexo positivo no que sou hoje. Sei que tenho a oportunidade de ser melhor um pouquinho todos os dias e me sinto um tanto privilegiada, just-

tamente porque consigo praticar essa condição de “ser melhor a cada dia”, no meu atual ambiente de trabalho. Sou formada em Publicidade e Propaganda e trabalho em uma instituição que pertence ao Terceiro Setor e assiste crianças e adolescentes em tratamento de câncer infantojuvenil.

Diariamente, lido com famílias que passam por momento delicado e acabam se encontrando em um estado de angústia e fragilidade, porém,

¹ Publicitária, graduada pelo Centro Universitário FAESA. Pós-graduanda em LIBRAS pelo Centro Universitário FAESA. Atuando como Analista Júnior de Comunicação na Associação Capixaba Contra o Câncer Infantil - Acacci. E-mail: mamagarbini@gmail.com.

independente do momento, uma criança jamais deixa de ser criança, elas não perdem a sua doce essência. Isso traz muito aprendizado para todos que por ali trabalham, inclusive para mim, que tenho contato diariamente com todas essas famílias.

Certa vez, lembro-me que estava em um dia muito atarefado, com várias demandas e precisei realizar um trabalho próximo ao local onde as famílias ficam, quando, de repente, uma criança me chamou no cantinho do pátio e pediu para que eu brincasse com ela, pois não havia mais nenhuma criança ali no momento. Eu parei, pensei e a minha reação na hora foi de desaceleração. Parei o que estava fazendo e dediquei o meu tempo para aquela criança que queria apenas algo simples, sem muita elaboração ou que custasse caro. Ela queria uma coisa que podemos oferecer o quanto ela quisesse, que é a oportunidade de brincar e fazer o dia dela mais leve e feliz, e foi isso que fiz, respeitando todas as suas limitações. Com muita cautela e cuidado, conseguimos fazer com que aquele momento se tornasse único na vida dela e foi uma troca muito bacana, que me possibilitou crescer mais um pouquinho como ser humano.

Na vida, adquirimos experiências e passamos para frente. Toda criança tem o direito de brincar e o melhor: brincar livremente, sem pressa ou preocupações. Na atualidade, as brincadeiras estão se tornando cada vez mais virtuais e não há mais espaço para o tato, o sentimental e o sensorial. A nova geração está sendo induzida a brincar com as telas de celular, de TV, bem como com tablets e videogames, e muitas delas já não se sentem motivadas a brincar se não for dessa forma, conectadas.

Isso nos faz refletir o quanto devemos tornar o momento do brincar um momento único. Não é necessário haver objetos caros para tornar um momento alegre, somos responsáveis por tornar o lúdico, o alegre e colorido mais atraente do que as telas e fazer com que o momento da brincadeira seja leve e divertido, nunca nos esquecendo de oportunizar que eles usem a imaginação e criem as suas próprias maneiras de brincar e se divertir, afinal, brincar é um direito que toda criança tem, independente do momento que esteja passando. Vamos brincar mais?

O COLORIDO EM MEIO ÀS BRANCAS PAREDES HOSPITALARES: O PAPEL DO BRINCAR PARA O ALÍVIO DOS SOFRIMENTOS

Vitor Sérgio Borges¹



O hospital pode ser colorido? Imagine um grande quadro em branco, onde a ausência de cores preenche o espaço. Essa tela em branco representa os momentos difíceis vivenciados em um ambiente hospitalar, onde o sofrimento, muitas vezes, parece ocupar todos os cantos. No entanto, assim como um artista habilidoso, podemos trazer pinceladas de cores vibrantes que vão contrastar com esse cenário monocromático.

Essas cores, vívidas e alegres, representam as intervenções lúdicas e humanizadas que podemos oferecer. São as brinquedotecas hospitalares, os momentos de recreação e as atividades terapêuticas que contribuem para ressignificação dos sofrimentos de tantas crianças que enfrentam diagnósticos difíceis. O colorido tra-

zido por essas práticas não apenas preenche o espaço vazio, pelo contrário, o transforma, trazendo alegria, esperança e alívio.

Imagine Helena, uma criança de três anos com uma personalidade radiante, que enfrenta uma batalha incansável contra um câncer. O lúdico se torna uma ferramenta valiosa para suavizar o peso do sofrimento que acompanhará

1 Fonoaudiólogo pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Residente Multiprofissional em Cuidados Paliativos pelo Instituto Capixaba de Ensino Pesquisa e Extensão (ICEPi/SESA). E-mail: vitorsergio.borg@gmail.com.

sua jornada de vida. Em um contexto onde a dor muitas vezes domina, o brincar é a fagulha que acende uma centelha de alegria.

Assim como um quadro ganha vida quando recebe os traços de diferentes cores, o alívio do sofrimento se manifesta quando o lúdico entra em cena. As risadas contagiantes, os sorrisos genuínos e a expressão de emoções positivas são como tintas que gradualmente preenchem o quadro em branco, trazendo um novo significado para o espaço hospitalar. O brincar e a ludicidade não eliminam o sofrimento, mas oferecem uma perspectiva diferente, um refúgio onde é possível encontrar conforto e respiro, um local onde a imaginação nos transporta e, quando bem mediada, uma estratégia para elaborar novos olhares sobre o próprio contexto de vida.

É por meio desse contraste entre o branco e o colorido que entendemos a importância do lúdico no alívio dos sofrimentos e significamos também nossas práticas de cuidado. Ele nos recorda que mesmo em momentos difíceis, é possível encontrar beleza, alegria e a conexão humana. Assim como as cores que dão vida e expressão a um quadro, o lúdico traz vitalidade e transforma o ambiente hospitalar, proporcionando momentos de alívio e esperança para todos aqueles que necessitam de cuidados. E quem disse que o hospital não pode ser um espaço de esperar?

ATOS E AÇÕES QUE TRANSFORMAM VIDAS

Daianne Carla S. de M. Marchesi¹



O que te move? O que te transforma? A vida pode ser bem mais leve, independente do que estamos passando. A forma com que levamos o nosso dia a dia e como lidamos com as situações podem tornar os momentos ou as dificuldades mais fáceis. Trabalhar na área da saúde significa muito mais do que imaginamos, pois podemos transformar os momentos difíceis com pequenos gestos e até salvar vidas com pequenas ações.

Sou nutricionista e trabalho com crianças e adolescentes que estão em tratamento de câncer ou com alguma doença hematológica. Quando um paciente entra na minha sala, eu faço questão de que ele seja atendido da melhor forma possível, independente de cor, raça, faixa etária, se tem ou não cabelo. A meu ver, são todos iguais, mas a partir do momento que um paciente cruza aquela porta de entrada, ele está prestes a mudar de cenário.

Não quero que ele passe por mais uma nutricionista, ele está conhecendo a nutricionista dele. Vamos nos alimentar da melhor forma possível sim, mas lembrando que acima de tudo são crianças e adolescentes e que, com certeza, não estão ali por sua escolha. Mas eu sim, escolhi estar junto deles. Dessa forma, escolho, diariamente, fazer o melhor por eles.

A sala de atendimento é linda e super lúdica, isso ajuda a criança a não

¹ Bacharel em Nutrição pelo Centro Universitário UNIEURO-DF. Pós-graduada em Vigilância e Qualidade dos Alimentos pela Faculdade UNYLEYA. MBA em Gestão Empresarial pela Fundação Getúlio Vargas. Nutricionista da ACACCI. E-mail: daiannecarla@gmail.com.

lembrar que está ali para uma consulta. Temos jogos, brinquedos e um mural que foi improvisado com desenhos feitos por eles durante o atendimento. A reação deles ao ver o desenho exposto é gratificante.

Às vezes, tenho que jogar um jogo da memória para obter algumas respostas, faço brincadeiras ou crio cenários para descobrir como estão as fezes deles. Ao pesar ou tirar as medidas antropométricas, a dona aranha passeia para me ajudar a tirar as dobras cutâneas. Sorrisos são invadidos pela pequena e acolhedora sala. Sorrisos que muitas vezes acolhem os acompanhantes, que estão na luta com os tratamentos diários desses pequenos. Com dias longos e cansativos, cheios de efeitos colaterais e surgem, muitas vezes, algumas surpresas com as intercorrências...

Penso que não podemos enxergar só as crianças e adolescentes que entram na sala de atendimento. Tento ter um olhar para cada família. Quando conseguimos melhorar a alimentação de um paciente, então conseguimos alcançar muito mais do que uma vida, já que, muitas vezes, reeducamos a família por completo.

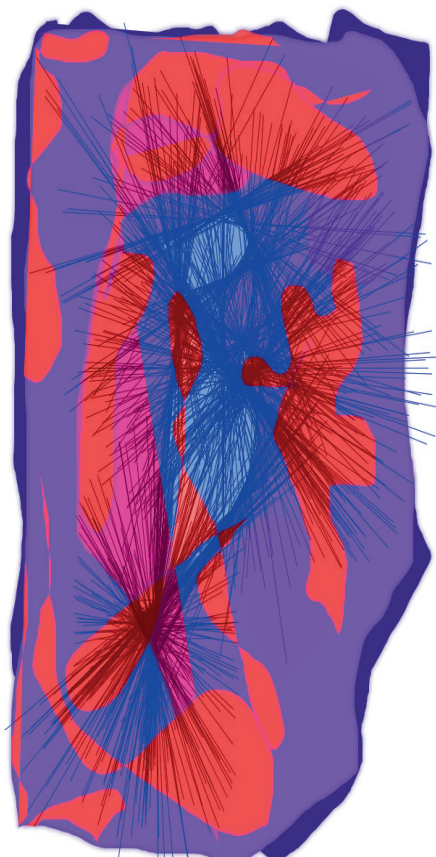
Eu com certeza sou conhecida como a “tia da comida”, mas confesso: faço o meu melhor para ser conhecida como a “tia fada” e não a “tia bruxa”, pois todos nós, lá no fundo, sempre esperamos encontrar aquela fada madrinha para nos ajudar. Assim, busco mostrar a importância da alimentação saudável e os seus benefícios de uma forma sutil e agradável. Aproveito para tentar desmistificar que nenhuma comida é ruim, sem ao menos que provem. Não importam os “nãos” que possamos receber, espero, com bastante paciência, o dia em que a curiosidade e o novo possa ser atraente.

Nem sempre é fácil, pois não recebemos só sorrisos, uma vez que as lutas desses pacientes são diárias. Sei que as dores são grandes, e, muitas vezes, não consigo obter resultado em um atendimento, mas durante o tratamento vamos colhendo frutos do trabalho e ganhando confiança.

Pequenos gestos não têm preço, por isso todos os dias faço o meu melhor por eles, buscando sempre melhorar a saúde alimentar de cada um. Uma pequena melhora é tão gratificante que enche a minha vida de alegria. Na realidade, seja um sorriso, um abraço, ou desenhos, até mesmo ganhos ou perdas de peso, enfim, qualquer resultado atingido é, a meu ver, um grande presente. Em minha vida, eles são meu tratamento diário, na verdade, eles são o cuidado daquele que cuida. E quem disse que nutricionista não cuida?

CONHECENDO-SE PARA ALÉM DA DOENÇA

Gilceli Miossi Poloni¹



O que leva um adolescente de apenas 13 anos buscar entender tanto sobre sua doença e condição de saúde? Curiosidade? Medo?

Ao acompanhar o dia a dia das crianças e adolescentes internados na enfermaria de onco-hematologia do Hospital Infantil Nossa Senhora da Glória – HINSG, deparei-me com um adolescente, do sexo masculino, de apenas 13 anos de idade com tanto conhecimento sobre sua doença – osteossarcoma de fêmur esquerdo –, o que não se apresenta tão comum entre os adolescentes dessa idade atendidos na instituição.

Esse conhecimento me chamou atenção, era o nosso primeiro contato, então me apresentei, falei o meu nome e apelido (sempre faço uma piadinha para descontrair com o meu nome), e depois perguntei se poderiam (já que o adolescente estava acompanhado por sua mãe)

me falar um pouquinho sobre ele/paciente, pois à medida que os conheço, que conheço a história de vida de cada um, posso informar/orientar sobre o acesso a direitos sociais e outros, para o bem-estar do paciente e de sua família.

Ao realizar então o atendimento beira leito, ele começou me explicando acerca de todo o processo da doença, desde o início do diagnóstico (2021) até os dias atuais, de quantas quimioterapias já havia feito, dos ciclos e blocos que

¹ Assistente Social, graduada pela Faculdade Salesiana de Vitória/ES. Pós-graduada em Políticas Públicas pelo IFES. Pós-graduada em Saúde Pública pela Secretaria de Estado de Saúde do ES. Atuando como assistente social no Hospital Infantil Nossa Senhora da Glória – HINSG, no Ambulatório de Onco-hematologia. E-mail: gilceli@live.com.

ainda faltavam e os nomes das medicações e procedimentos, que eram totalmente novos para mim. Na verdade, não entendia o que ele me explicava, mas me comprometi a buscar entender. Ele então abriu um sorriso e me disse para não me preocupar, pois logo, logo, eu estaria sabendo/aprendendo sobre tudo que envolvia a oncologia e ainda disse: “— Não se preocupe, eu te ensino!”.

Foi amor à primeira vista, ou melhor, no primeiro atendimento. Mesmo me deixando preocupada, pois é apenas um menino, ainda criança passando por tudo isso (quimioterapias, amputação de parte da perna esquerda, internações prolongadas), ele trazia leveza ao processo. Ele gostava de brincar, adorava lego, jogar UNO, dominó e era torcedor do flamengo. Em todos os meus atendimentos, reforçava e apoiava o uso dos brinquedos e jogos de que ele tanto gostava. Entendo que esses momentos foram importantes para continuar garantindo o alto astral dele, condição que tanto o ajudou a enfrentar o processo de tratamento.

Com o passar dos dias, ele recebeu alta do hospital, com retorno agendado no ambulatório de onco-hematologia semanalmente, para passar por uma equipe multiprofissional (médicos, fisioterapeutas, nutricionistas, dentre outros). Nesses retornos ele sempre vem ao serviço social para falar comigo, me dá um abraço e fala das suas peripécias em casa. Eu sempre pergunto como ele está, se continua montando os legos, que tanto gosta, e ele sempre conta uma experiência vivida nestes dias em que sua rotina começou a voltar ao que era antes do diagnóstico.

Diante de tantas lutas que ele passou e ainda tem para passar, percebo o quanto é importante para ele saber de tudo que está em sua volta e quais os caminhos que ainda têm para percorrer no combate ao câncer que o acomete. Mas, por mais duro e cruel que seja o caminho a percorrer ele não deixa de planejar o seu futuro, de quando completar 16 anos ser adolescente aprendiz; de já ir treinando para colocar sua prótese de perna esquerda; das idas à Bahia para passar temporadas com sua avó que tanto ama; dos medos e das perdas dos amigos que fez no hospital; do quanto é bom estar em casa em vez de estar hospitalizado, mesmo que às vezes a internação se faça necessária.

Diante de tanta vida a ser vivida e vontade de vivê-la, como nós adultos podemos aprender a sermos melhores? E por que não mais confiantes na vida, assim como esse adolescente é?

A PARTE DA INFÂNCIA QUE BASEIA A VERSÃO DE SI MESMO NA FASE ADULTA

Victória Botassi Duarte Amaral¹



Você acredita que as bruxas más podem ser boas? Eu não tinha parado para pensar sobre isso, até os 8 anos de idade. Minha mãezinha, desde que me entendo por gente, trabalha em ambiente hospitalar, como Técnica em Enfermagem e realizou diversos plantões (diurnos e noturnos) para bancar uma vida tranquila e acessos seguros para mim, por isso, grande parte dos meus dias eram passados em sua ausência. Por esse motivo, me lembro com apego dos momentos em sua companhia, como o que irei relatar aqui com palavras de afeto.

Quando chegou a fase de alfabetização, mamãe que bem conhecia a filha que tinha, comprava livros infanto-juvenis em sebos, me colocava sentada em uma cadeira perto ao tanque de nossa casa, e pedia para que eu lesse em voz alta, enquanto ela lavava roupas. Que baita saco que era, ler um livro inteirinho, com letrinhas bem pequenas, durante o tempo interminável da lavagem de roupas!

O pior era quando, bem esperta, eu pulava algumas páginas da leitura, querendo acabar bem rapidinho para poder ir brincar na rua.

Ah! Esperteza, eu não tinha nenhuma!

Isso de ser esperta ficava mesmo com mamãe que, prontamente, reparava algo de errado no enredo da história, e logo dizia: “— Não faz sentido, esse

¹ Bacharel em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES e Residente Multiprofissional em Cuidados Paliativos pelo Instituto Capixaba de Ensino, Pesquisa e Inovação em Saúde - ICEPi. Terapeuta Ocupacional Residente em Cuidados Paliativos atuante na Hemato-oncologia pediátrica no Hospital Infantil Nossa Senhora da Glória - HINSG - Milena Gottard. E-mail: victoriabotassito@gmail.com.

personagem estava em outro momento agorinha mesmo. Leia de novo, do começo, por favor”. Sabia de tudo essa mulher, e prestava mais atenção que eu. Por resumo da ópera, já li várias e várias vezes, muitos e muitos capítulos de “A ilha perdida”, “O pequeno príncipe”, “A girafa”, e por aí foi...

Aos 8 anos passei por terríveis dores, que acabaram por sinalizar pedras nos rins, necessitei de hospitalização por um período prolongado. Foram momentos de muito sofrimento, e mamãe, minha fiel escudeira, foi minha acompanhante nesse martírio. Por vezes, ela chorava escondidinha no banheiro, e eu chorava escondidinha embaixo do lençol no leito, até que em um dia, uma enfermeira bem entendida, cantou todo o caminho de pedras, contou-nos que havia uma biblioteca no hospital onde seria possível pegar livros emprestados. Assim, quem diria que algo chato poderia se tornar uma ótima ideia em minutos?

O problema era que eu não poderia ir até lá, por causa das medicações que tomava direto na veia, então a salvadora foi mesmo mamãe, que, prontamente, se colocou a buscar livros para lermos.

De salvadora à leitora em questão de minutos, mamãe passou a ler dia e noite sobre uma bruxa má que não gostava de fazer maldades; ela gostava mesmo de admirar estrelas e conversar com astros. Ah, essa bruxa era demais... E não fazia sentido para mim que ela não gostasse de fazer as coisas que as bruxas fazem, sabe? Levando em consideração que o meu exemplo de bruxa sempre foi a Cuca do Sítio do Pica-Pau Amarelo e a Úrsula da Pequena Sereia.

O fato é, me lembro direitinho de ler sobre uma ilha perdida que foi desbravada por dois meninos nada corajosos, mas sequer lembro da agonia que sentia por ter que repetir os capítulos; lembro da bruxa bem maluca que não era nada má, e das vozes engraçadas que mamãe fazia para imitar, mas não lembro da dor danada nos rins que me fazia vomitar o dia inteiro... Acho que por conta das leituras durante esse período, das letras pequenas, das imagens imaginadas, da voz de mamãe imitando a bruxa, que o amor pela leitura se desenvolveu em mim.

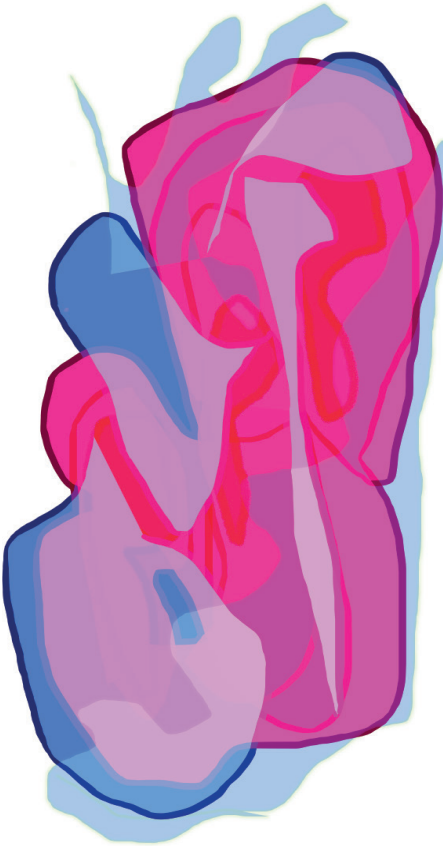
O meu brincar favorito se tornou ler livros de fantasia, que me transportam para mundos repletos de bruxas más de verdade, dragões enormes, príncipes sem graça e princesas fortes e corajosas... Livros de romance que deixam o meu dia mais calmo, mantêm o meu coração acreditando em amores bobos e minha conta bancária um pouco reduzida. Ah, adoro descobrir um autor novo, apaixonar-me pela escrita e descrição de mundo de alguém diferente. Essa minha mania de ler me levou a minha profissão, bem como conferiu base para o meu trabalho. Ser terapeuta ocupacional é andar por corredores imensos dos hospitais, levando o brincar e a qualidade de vida para crianças em cuidados

paliativos e, é claro, sempre na companhia de um livro!

Tudo isso graças à mamãe, que me pegava no “pulo” passando pelas páginas. Dá para acreditar que os momentos da infância, especialmente, as brincadeiras, nos tornaram os adultos que somos hoje?

UM BREVE RELATO SOBRE O BRINCAR

Isabella Vasconcellos Barbosa¹



Vamos falar sobre as nuances do brincar? O brincar sempre esteve presente na minha vida. Tenho certeza de que ele fez muita diferença e contribuiu demais para minha constante formação como pessoa. Venho de uma família que sempre brincou, principalmente com jogos de cartas e de tabuleiro. Sempre foram brincadeiras em que interagiam crianças e adultos. Desde pequena isso me proporcionou o aprendizado de saber ganhar e perder, a habilidade de pensar, de solucionar problemas, de desenvolver estratégias e de interagir com grupo.

No meu ambiente de trabalho também tenho a oportunidade de brincar e vejo como essa prática transforma e traz leveza para o processo saúde/doença das crianças e adolescentes que são atendidos. Durante o brincar livre é possível trabalhar e conhecer a criança e o adolescente de diversas formas, identificar possíveis dificuldades, problemas, realidades que esses indivíduos estão vivenciando. O brincar acabou se tornando uma importante ferramenta na minha atuação profissional junto às famílias atendidas.

Atualmente, sou mãe de um bebê de 5 meses e, como mãe de primeira viagem, a gente quer dar e fazer o melhor. No início caí no erro de comprar os brinquedos mais caros, mais bonitos e mais famosos. Mas durante a convivência

¹ Assistente Social graduada pela UFES. Pós-Graduada em Projetos Sociais e Políticas Públicas pela FAVENI. Atuando como Assistente Social na ACACCI. E-mail: isabellavbp@gmail.com.

com o bebê pude perceber que um simples pano colorido, uma tampa de vasilha, as próprias mãos ou simplesmente a mãe e o bebê já são elementos que podem proporcionar o brincar. Afinal, para brincar não é preciso de muito.

O acesso ao brincar precisa ser para todos, principalmente, para as crianças que estão em processo de formação. O brincar deve ser um momento primordial e indispensável no dia a dia deles. Porém, no meu ambiente de trabalho é possível perceber que devido ao processo saúde/doença muitas crianças se distanciam da prática do brincar e acabam ficando sujeitas a eletrônicos, que tem os seus benefícios, mas precisam ser utilizados com cautela e sob supervisão. Inclusive, é possível perceber regressões ou até mesmo um afastamento da criança no relacionamento com o cuidador.

Recentemente, tive acesso a um estudo que afirma que como cada vez mais as crianças e até mesmo os bebês estão tendo acesso mais cedo a “telas” e a tecnologia, além disso o índice de pessoas, cada vez mais jovens, com problemas de vista (astigmatismo, miopia, etc.) tem aumentado em grande proporção, sendo esse somente um dos malefícios desse uso indevido. Em um ambiente hospitalar, por exemplo, onde é necessário que a criança fique em macas, deitada ou sentada, confinada em um ambiente, é tentador sim tentar distraí-la com o uso do celular, é fácil e prático, porém com consequências tardias.

Penso que até para brincar exige responsabilidade. Nós como adultos, precisamos proporcionar às crianças um brincar adequado e responsável, visando sempre a ludicidade como caminho para essa aprendizagem. Somos agentes importantes no processo de formação dos pequenos e precisamos cada vez mais de conhecimento, como proporcionado por esse curso, para transmitirmos e aplicarmos toda a riqueza do brincar.

Acredito que nunca é tarde para voltar a brincar e mergulhar novamente no mundo da imaginação, seja sozinho ou na presença de outras pessoas, seja no brincar livre ou no brincar dirigido. É importante nos munirmos de todo conhecimento disponível sobre essa temática para conseguirmos explorar grande parte do conteúdo. E foi com esse sentimento que finalizei o curso. Grata por todo conhecimento adquirido, afinal, aprender nunca é demais, não é mesmo?

CONHECENDO A SI MESMA: A CRIANÇA QUE BRINCA, SE DESENVOLVE, PENSA E FILOSOFA

Ricardo Batista Simão¹



Brincando a criança conhece-se a si mesma? “Conhece-te a ti mesmo” é o aforismo inscrito nas ruínas do templo de Apolo em Delfos, na Grécia, que nos exorta a engajarmos na empreitada no autoconhecimento como premissa básica para aquisição de domínio sobre os demais saberes do mundo. Imprecisamente atribuída a Sócrates, por na verdade se tratar de uma ideia sem um autor definido, a frase é um resumo do escopo de pensamento antropológico na filosofia grega. E no que poderia um conceito filosófico remoto se relacionar com o brincar, a rigor? Estou inclinado a responder: tudo.

Uma das disciplinas fundacionais da graduação em Fisioterapia, minha formação, é a Cinesiologia, que é precedida por outra, esta intitulada movimento e desenvolvimento humano. Nesta cadeira, o objeto de estudo é exatamente o desenvolvimento neuropsicomotor da criança, etapa por etapa, semana por semana, mês a mês, até a completa aquisição das habilidades motoras

que a permitem adquirir a plena capacidade para se locomover e executar suas atividades com independência. Das reações e reflexos mais primordiais a elaboração de movimentos finos e delicados, uma série de fatores exercem influência sobre o desempenho e execução das atividades esperadas para determinada época, e é curioso observar como o brincar está presente em todas as fases, seja

¹ Fisioterapeuta do Hospital Universitário Cassiano Antônio de Moraes – Universidade Federal do Espírito Santo- Vitória/ ES. E-mail: ricbsimao@gmail.com.

com experimentação dos próprios dedos na boca, a interação visual com os pais (ainda que no seu campo rudimentar dos primeiros dias de vida eles não passem de vultos) ou na apreensão de objetos e brinquedos com formas, tamanhos e texturas diferentes.

Pode-se dizer que é brincando que a criança conhece o mundo, e como sugerem os gregos, inicialmente a si mesma. É explorando seu próprio corpo que ela inicia esta trajetória de aprendizado motor. E é a partir da aquisição de posturas novas, que a criança vai alcançando, à medida que se desenvolve, a possibilidade de se reconhecer, a si, ao outro e ao mundo em seu entorno. As conexões sinápticas se formam de maneira exponencial na infância, o que explica a grande neuroplasticidade inerente a esta fase da vida. Seria plausível dizer então que existe uma relação de causa e efeito tácita entre a exposição da criança ao brinquedo e um desenvolvimento neuropsicomotor saudável.

Poderíamos dizer assim por analogia, que ao possibilitar que a criança, quintessencialmente criança, brinque, formaremos cidadãos que pensam, agem e reproduzem padrões de comportamento socialmente responsáveis quando se tornam adultos?

MINHA EXPERIÊNCIA COM O BRINCAR

Marlene Schade Queiroz¹



Eu brinquei de ser professora e você brincou de que? Contarei um pouco sobre minha trajetória e de como o brincar influenciou e ainda influencia a minha atual profissão. Trabalho, hoje, no espaço da brinquedoteca e tenho a possibilidade de vivenciar um lindo brilho no olhar de cada criança que chega pela primeira vez no espaço. É como se estivessem num lugar mágico e encantado, num verdadeiro mundo de faz de conta. Essas crianças com as quais trabalho vivenciam um momento muito desafiador, o processo de um tratamento oncológico.

No meu ambiente de trabalho, o espaço da brinquedoteca é utilizado para desfocar os momentos de dor, tristeza e angústia pelos quais as crianças passam, possibilitando que tenham um processo de tratamento e de intercorrências (que envolvem até mesmo mudanças físicas) de forma mais leve.

O lúdico é uma ferramenta fundamental nesse espaço para proporcionar momentos de prazer, divertimento e de aprendizagem para as crianças e adolescentes e seus acompanhantes, que em sua grande maioria, são as mães. Nesse espaço também é possível proporcionar que as mães se envolvam na brincadeira, recordando a infância e usando do momento lúdico para tentar desmistificar o momento que estão vivendo. Portanto, o lúdico deve ser visto como ferramenta favorável e imprescindível na vida dessas famílias.

¹ Graduada em Pedagogia pela Doctum Vitória – ES. Pós-graduada em Arte e Educação: Alfabetização e letramento – FAFIA. E-mail: marlenschade12@gmail.com.

Na brincadeira é possível perceber que a criança consegue representar suas ideias e construir seu próprio pensamento, desenvolvendo, assim, suas potencialidades. Eu sou um grande exemplo dos benefícios da brincadeira. Na minha infância tínhamos poucos recursos e, por isso, criávamos e inventávamos nossos brinquedos e brincadeiras. Eu gostava muito de brincar de escolinha com o meu irmão e com alguns vizinhos. Quando tinha 12 anos, convenci a minha mãe a deixar eu dar aula na garagem de nossa casa, para ensinar as crianças mais novas que apresentavam dificuldades escolares. Assim, montei uma salinha de aula e comecei a cobrar um valor simbólico que as mães estipularam. Tornei-me uma professora de reforço escolar, que ajudava as crianças nas atividades de dever de casa. Desse modo, fui me apaixonando pela minha profissão, sonhava em ser professora, hoje sou pedagoga.

Vejo a brincadeira como algo que está presente em todo processo de desenvolvimento infantil. É importante que a criança possa, ao longo do seu desenvolvimento, vivenciar diversas experiências que lhe darão a oportunidade de passar por todas as fases de desenvolvimento de forma tranquila e progressiva, pois por meio da brincadeira a criança tem a possibilidade de reconstruir e construir conhecimento e de expressar sentimentos.

Brincar é uma importante forma de intervenção para crianças hospitalizadas, contribuindo de maneira significativa para o desenvolvimento da cognição, da linguagem, das habilidades motoras e sociais. As atividades lúdicas e o brincar para as crianças em tratamento hospitalar contribuem para diminuição dos efeitos negativos, como tensão, raiva, frustração, conflito, ansiedade, bem como contribuem para terapêutica fundamental no processo de cuidar.

Atualmente, não me vejo fora do ambiente de aprendizado e de brincadeiras. Percebo que quando a criança brinca consegue se expressar através da fala e, no momento que ela está com o brinquedo na mão, é quando faz a representatividade do seu dia a dia, da vivência familiar. E ali também surgem as angústias, as frustrações e os sonhos. Na minha vida foi muito maravilhoso viver esse mundo da fantasia, da brincadeira e do faz de conta. Não é que se tornou realidade o meu sonho da brincadeira?

EM UM QUARTO DE HOSPITAL TUDO PODE ACONTECER: UMA BRINCADEIRA QUE TRAZ ALEGRIA

Andreza Mourão Lopes Bacellar¹



Existem limites para a imaginação? Para um garoto de 8 anos, que adora inventar histórias, não! Por diversas vezes internado em uma enfermaria pediátrica, um menino encantador, cheio de sonhos, novos enredos e um desejo: ser policial. Uma das vezes que adentrei o seu quarto, ouvi um convite: que tal sermos policiais e salvarmos o mundo do mal? E lá fomos nós, equipados com os materiais que confeccionamos, distintivo, armas de brinquedo, quepe de policial, tudo pronto para a brincadeira acontecer.

Para Pedrinho, inventar e escolher essa ação, ser o protagonista, era tudo o que ele precisava naquele momento. No seu cotidiano estar hospitalizado era muito constante, estava, na maior parte das vezes, recebendo cuidados, tendo sua rotina ditada pelas regras da instituição.

Vivenciar essa cena me fez pensar nas crianças que possuem algum diagnóstico e que conhecem a internação hospitalar durante a primeira infância, quantos desdobramentos essas vivências trazem para o desenvolvimento infantil? Nesse lugar, o brincar torna-se indispensável não só para estimular as habilidades esperadas para cada faixa etária, mas para tornar possível o experienciar a infância, apesar das adversidades.

O brincar é algo intrínseco à criança, através dele o pequeno se passa a conhecer os elementos a sua volta, a testar a sua criatividade, a sentir-se

¹ Graduada em Terapia Ocupacional pela Universidade do Estado do Pará. Mestrado em Psicologia pelo PPGP-UFPA e Doutorado em Psicologia pelo PPGP-UFES. Terapeuta Ocupacional no Hospital das Clínicas – HUCAM. E-mail: andreza.bacellar@ebserh.gov.br.

pertencente ao mundo novo que está conhecendo. Assim como passa a conhecer os seus sentimentos quando se vê em situações de estresse, dentre elas podemos citar a hospitalização.

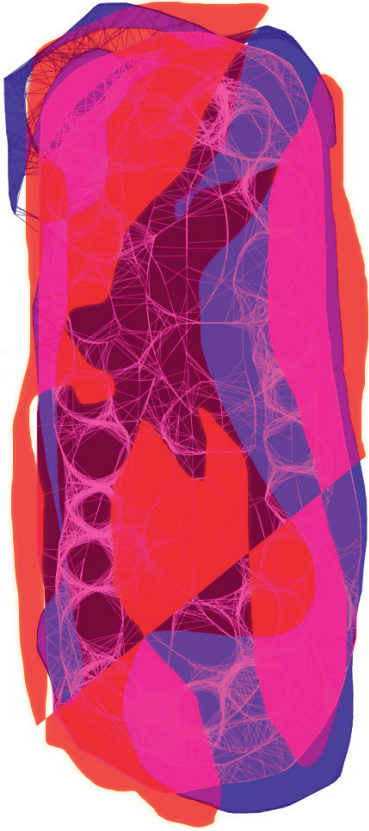
O espaço da brinquedoteca hospitalar pode ser um laboratório de muitas experiências, de trocas, de reconhecimento, de afeto e, principalmente, de acolhimento. Pedrinho, o nosso menino policial, sentia-se muito à vontade nesse lugar, já conhecia os brinquedos, trazia a sua mãe junto para fazer algumas atividades e, por muitas vezes, até esquecia o porquê de estar internado.

Ao final da nossa brincadeira, pude perceber o quanto Pedrinho e sua mãe ficaram agradecidos e felizes, acredito que pela oportunidade do brincar livre. A criança que escolheu o tema da brincadeira, os personagens, direcionou as ações, inclusive, envolveu os profissionais de saúde. Lembro-me também, que nessa internação, uma dupla de policiais o visitou e a alegria do Pedrinho ao vê-los foi contagiante.

Para Pedrinho, o estar internado foi ressignificado por meio das oportunidades de brincar, pelas experiências que pôde vivenciar e que podem ter possibilitado a diminuição de fatores de estresse. A hospitalização pode trazer muitas rupturas, incertezas, dor e sofrimento, mas quem disse que também não pode ser um cenário de uma história policial?

BRINQUEDOTECA, ESPAÇO DE ESPERANÇAS

Eliania Pereira da Silva¹



Onde brincar? Brincar, aqui, ali e acolá, na escola, em casa, no hospital, em todo lugar. Brincar só por brincar.

É comprovado que o brincar auxilia na socialização, na saúde física, cognitiva e emocional da criança e, por isso, deve acontecer onde for necessário, sendo um dos locais mais indicados, as instituições de saúde com internação pediátrica.

R.S., menina, prematura, com enterocolite, viveu seus 9 meses de vida internada em um hospital, em isolamento. A brinquedoteca foi o único espaço onde ela pôde brincar livremente com a mãe e ver outras crianças antes de falecer.

B.C., menino, 9 anos, com autismo severo, teve sua primeira experiência de ganhar um brinquedo, intencionalmente para brincar, na brinquedoteca durante uma internação.

W.F., menino, 12 anos, aguardava transplante de medula, viveu seu último ano de vida entre internações e reinternações, que algumas

vezes duraram meses, e fez da brinquedoteca seu espaço de fuga, de busca, de diversão, de experiências e de trocas com outros adolescentes. Seria, assim, a brinquedoteca um espaço de esperanças?

A vida dessas três crianças, e de outras que estiveram internadas por lá, tornaram-se menos sofridas e dolorosas, com momentos de alegria, por terem disponível a brinquedoteca, com profissionais competentes, sensíveis, acolhedoras,

¹ Formada em Terapia Ocupacional pelo Uniceuma, MBA de Gestão em Saúde pela FGV, Residência em Saúde da Criança pela UFMA, especialização em UTIP e UTIN pelo Uniceuma e especialização em Neurologia e Psicomotricidade pela Unyleya. E-mail: elianiasp@gmail.com.

incentivadoras do brincar, da expressão dos sentimentos, que além de acolhê-los, acolhiam também as suas famílias.

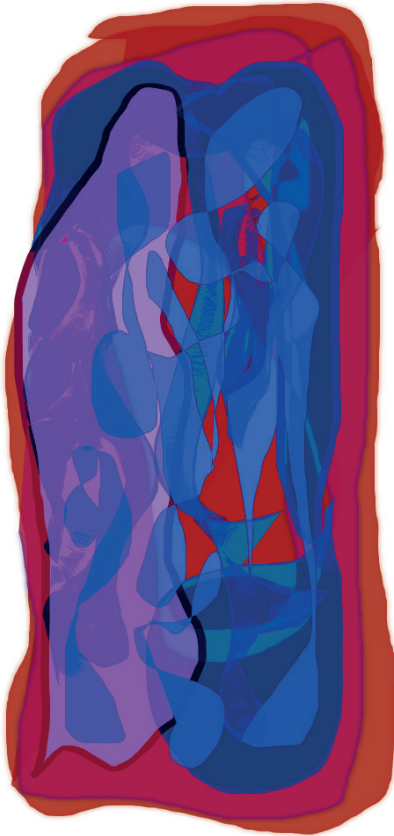
Cada dia de atividade na brinquedoteca dava força para cada criança enfrentar as dores da rotina hospitalar. Quanta gratidão, quando me lembro dos agradecimentos que eu recebia, bem como cada abraço de despedida, que me dava a sensação de paz e a convicção sobre a relevância da brinquedoteca e do meu trabalho ali dentro.

Quando a despedida era resultado do óbito, eu vivenciava o meu luto pessoal, pois era um ser querido que estava partindo. Procurava acalmar o meu coração, tendo em mente que fiz o possível para lhes proporcionar momentos de qualidade, com dignidade e, sobretudo, considerando as necessidades e respeitando os direitos de cada criança.

A brinquedoteca não é, e não deve ser entendida como um local onde se deposita vários brinquedos, com uma pessoa para emprestá-los e recebê-los, mas sim como um espaço de sonhos, esperança, criação de experiências únicas e libertadoras. Diante disso, me pergunto: Como seria o tratamento de R.S., B.C. e W.F. sem as respectivas vivências na brinquedoteca?

BRINCAR COM PALAVRAS

Magda Inês Leitzke Klug¹



Você já brincou com as letras? Uma vez eu aprendi o alfabeto. A-Abelha, B-Bola, C-Carro, D-Dado, e assim conheci um mundo de objetos e animais. Cabia um enorme elefante em apenas uma letra E. E você sabia que é possível falar com as mãos? O meu minguinho vira um I, ou quem sabe o J, só é preciso brincar um pouco com a ordem, o formato e o movimento e, assim, temos mais um alfabeto, e um mundo inteiro para conhecer.

Você já brincou com as palavras? Uma vez eu li um livro, eu vi um livro, eu vivi um livro. Era o Cão de Baskervilles, e até hoje posso ouvir o uivo do cão e ver sua sombra no alto da montanha. Uma vez eu fiz um acróstico, e meu nome ficou muito mais interessante.

Mulher

Amiga

Gentil

Diferente

Atenciosa

Uma vez eu contei uma história, muitos olhos me olharam, e o meu olho via a história se passando na minha frente e era como se todos ali também pudessem vê-la.

— Olha! Uma ponte! E lá embaixo corre um rio, rasilho, clarinho, é possível até ver as pedras e os peixinhos passando. Parece estar gelada essa água. Eu parei em cima da ponte e olhei bem a água, alguns bichinhos sobrevoavam...

¹ Psicóloga, graduada pela Universidade Católica de Pelotas. Pós-graduada em Atenção Psicossocial pela Unyleya. Pós-graduanda em Psicodrama pelo Instituto Mineiro de Psicodrama – Jacob Levy Moreno. Atuando como Psicóloga no Hospital Universitário Casiano Moraes. E-mail: magdaiklug@gmail.com.

Outra vez eu brinquei de mímica, e descobri que dá para dizer muito sem usar nenhuma palavra. Você já experimentou? Ler o movimento ou a ausência dele? Ler um olhar? Tente algum dia desses se olhar bem, você poderá descobrir alguma palavra ou quem sabe uma carta inteira ou ainda, um livro, que conte a história daquela pessoa, daquela criança ou da experiência que se vive naquele encontro.

Às vezes, fica mais fácil se a gente separa os elementos e administra um de cada vez, como podem ver: vencedores, vencem dores; se derrame, se der ame. Não é interessante brincar com as palavras?

Brincar é um direito de todo ser humano. Por vezes, ele é roubado, sabe? Como quando dá um branco na nossa cabeça e a gente esquece a palavra? Costuma ter alguém por perto que começa a citar palavras de forma compulsiva tentando nos ajudar a superar esse roubo que nos acometeu. Foram poucas as vezes que eu vi o outro acertar a palavra em cheio, mas talvez esse ânimo e dedicação ajude a nossa mente a se motivar nessa busca por completar a frase.

Espero que o nosso ânimo e dedicação na busca pelo direito de brincar ajude a nossa sociedade a completar as frases e as fases. Ajude a impedir ou mesmo suprir o brincar roubado. Brincar é conhecer, é reconhecer, é destruir, é construir, é possibilidade, é vida.

Bola, boneca, picolé,

Faixa, curativo, ponto

Tema de casa, professora, livro

Doutor, maca, agulha

Correr, pular, dançar

Escola, corpo, silêncio

Liberdade, leito

Confiança, cores, cheiros

Sim, não

Morte, vida

Tem um tanto de letrinha que forma a palavra CRIANÇA,

Outro tanto de palavrinhas que me permite SER criança.

Vamos brincar com as palavras?

CRIANÇA DODÓI NÃO PODE BRINCAR?

Debora Barbosa de Maria¹



“Estou dodói, posso brincar”? Disse Tito.

Tito é um menino de 7 anos que tem muita energia, adora brincar de tudo, até do que ele não deveria e, em uma dessas aventuras perigosas, acabou se machucando.

Ao chegar ao hospital abatido, o menino dodói começa a se agitar, está com dor e muito ansioso, pois não sabe como será; a mãe, ao seu lado fica para cuidar, e ele, muito aflito, da mãe não quer desgrudar. Aquele menino dodói aos poucos foi parando de chorar; atendido e encaminhado ao quarto; uma moça o convida para brincar, logo o menino sorri e começa a se acalmar.

Olhando em sua volta parecia não ter nada a lhe agradar, mas através dos estímulos da moça o menino começa a gostar. A brincadeira perguntou: “— O que foi que aconteceu”? O menino responde acanhado, demonstrando que se arrepen-

deu: “— Minha mãe me avisou, mas fui teimoso, mesmo com a mãe a me alertar, me machuquei pisando em uma pedra lisa e um tombo ela me viu levar”.

E assim prosseguiu o menino: “— Meu bumbum está doendo e não adianta eu chorar, não obedeci a minha mãe, e olha onde eu vim parar. Estou dodói e minha perna dói, tenho medo de que o médico venha a engessar e assim em cima da cama por um tempo eu terei que ficar e, o pior de tudo, sem correr

¹ Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá, Vitória-ES. Pós-graduada em Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade Multivix Vitória ES. E-mail: deborapedagoga2022@gmail.com.

e sem brincar. Agora tenho que tomar remédio, tomar injeção, tenho que fazer tudo certinho para aqui não ficar”.

Mas, o menino descobre que ali ele também poderia brincar, então aceita o convite da moça para aquela situação enfrentar. Envolvido e curioso logo ele começa a imaginar, qual seria a história que aquela moça iria contar. A enfermeira entra no quarto, e vem toda sorridente e ao olhar nos olhos do menino admira e se surpreende, ele que chegou chorando tanto e, agora mesmo dodói, estava a sorrir. A enfermeira para o lado olha, a brinquedista ali estava plantando sorrisos.

“— É hora de tomar a medicação”, diz a enfermeira, o menino com os olhos brilhando a toma sem reclamar, sabe que se fizer o que o médico pede, logo para casa voltará. Na hora da punção, o menino não gosta não, e a brinquedista, experiente naquela situação, fala que é só a picadinha da formiga e segura forte a sua mão. Logo pergunta qual história ele quer ouvir e o menino, quase chorando, dá-lhe a sugestão, gostaria de ouvir a história do João e o pé de feijão.

Ao fim da contação de história o menino começa brincar, e com a imaginação de sua própria história, começa a criar. Lá vai ele subindo o pé de feijão para ver onde vai dar, e vai subindo sem saber o que pode encontrar, olha para baixo e não tem medo não, ele quer a sua própria história, mas admira a do João.

Hoje descobriu a força que tem e o quanto consegue aguentar, dodói, no hospital, o menino precisa lutar, pois suas dores se tornam menores quando por cima das nuvens ele começa a olhar.

Em busca de algo novo, ele depressa começa a caminhar, a sua dor que era tão grande, naquele momento começa a passar, de longe avista um castelo e chega a ficar abismado, e sabe que se não fosse por sua força ali não iria chegar. O menino nem podia imaginar que sua coragem era tão grande, mas através da história vivida tinha certeza de que enfrentaria qualquer gigante. Sem temer, ele se aproxima da porta, fica encantado e pensativo, percebendo naquela cena o quanto havia aprendido.

Naquele hospital, ele ainda estava, mas tão envolvido pelo encanto da história que nem se lembrava, pouco havia experimentado dessa maravilhosa experiência, achou que não poderia brincar por causa do gesso na perna e viu que estava enganado, uma vez que pôde brincar naquele castelo encantado.

Então ele sobe uma escada muito alta e longa e vê um trono distante e, a partir daquele momento, começa a despertar no menino um desfecho interessante, ele percebe que naquela história ele mesmo era o gigante. Feliz com o final da história que ele mesmo criou. Apesar de estar internado, o menino contra os seus medos lutou. Abraçando a brinquedista, com emoção ele chorou,

mas chorou com o coração. Foi aquele choro de gratidão por ela o mostrar que poderia ser e ir aonde quisesse através da imaginação. Mas não é que criança dodói pode brincar?

CANSEI, ESTOU INDO PARA NÁRNIA!

Ana Karyne Loureiro G. W. Furley¹



Hein? Como é? Ficou maluca? E se eu te contar que acho que tem um monte de pessoas querendo ir comigo? Sinceramente acho que daria para encher a palma das minhas mãos!

Não pretendo dizer quando foi, tampouco revelar minha “verdadeira” idade! Nesse sentido, dias atrás, como tenho dito quando posso, “em mil novecentos e bolinhas” (e as bolinhas conhecidas por nós adultizadas, as famosas reticências de um mundo sem fim), eu era uma criança.

Digo que o brincar me salvou! O brincar me salvou de um núcleo familiar que não desejo a meu filho e nem ao filho de ninguém. Sobrevivi! Eu e tantas outras crianças que de certa forma, foram marcadas... E não mereciam! Criança não merece sofrer! Criança sofre e, ao crescer, tudo ficará resolvido? Você já escutou isso? Parte é verdade, apenas uma parte. Ela não existirá mais! Deixou de ser criança!

Do lado de dentro... Dentro de casa, dentro do lar, dentro do coração!

Do lado de fora... Fora de casa, na rua, no chão de terra, no mundo junto a comidinhas feitas de planta, água e barro!

Vida visceralmente real!

Vou para Pasárgada!

E se eu, a menina do tempo de mil novecentos e bolinhas, te contar que

¹ Mestra em educação. PPGE/UFES/CAPES. Brinquedista. Psicopedagoga. Especialista em Pedagogia Hospitalar. Especialista em Logoterapia e Análise Existencial. Doutoranda em educação PPGE/UFES/CAPES. Orientanda do prof dr. Hiran Pinel. Email: anakaryneloureiro@gmail.com.

essa tal de Passárgada existe mesmo? E que esse lugar é poderoso? Ah, eu nunca fui! Mas por favor, se você que faz a leitura desse vivido, tiver frequentado, conhecer algum morador...

Será que pode me fazer um grande favor? Peça para cuidar muito bem deste lugar de “magia”? Diga a esse morador para abrir os braços e dizer “muito obrigada Pasárgada! É a Ana Karyne, menina que nasceu em Marabá-PA, que agradece aqui agora! Peça para ele me representar e gritar bem alto a ponto do vento uivante passar e levar meu abraço apertado!”.

E todas as vezes que a minha mãe ficava brava, ela gritava bem alto... Acho que de certa forma, desejava que o vento uivante levasse seu clamor... “Vou para Pasárgada!”.

Que mágico era esse pós-momento! Dava certo! Como se aquela agonia, aquela dor no peito que sufocava... E ela voltava mais leve, mais calma, como se re-encontrasse o seu eu!

A ludicidade como fio condutor da espiritualidade! Não posso falar de Passárgada, esse lugar – assim aprendi, não cabia crianças! Posso falar da rua! De sentar no chão, e ali, fincar minhas raízes criancieiras e buscar nutrientes para continuar sendo criança!

Com minhas mãos pude tocar árvores “segurar” o vento, e com a ponta de meus dedos sentir a textura-aveludada das flores. Mas não foram somente minhas mãos... Foi a essência! Foi a infância clamando por direito à existência! Tempo de ser criança! Tempo de ser pessoa!

Tempo de cuidado de si e do outro! Cuidado sendo ensinado a uma garotinha que brincava de bonecas e que mais tarde, cuidaria de um lar? Pode até ser! Mas pensando bem, acho que eu queria mesmo era brincar! Nutrir o “cuidando” do outro para cuidar de mim. Ou você acha que eu não conversava com aquele bebezinho de brinquedo e contava para ele o que me afligia? Eu o tinha em meus braços ... Fio condutor que não foi abandonado! A Ana cuidando da Ana! E a Ana cresceu! Hoje uma pesquisadora e brinquedista! A Ana que ama o brincar!

A Ana que brinca no hospital! A Ana que no hospital, brinca! E brincando permite-se ser com o brincante, em um tempo sagrado do brincar, em meio a dor, a alegria, as risadas e o silêncio. Sabe de uma coisa? Após um desses encontros, o re-encontro!

Memórias... Eis a Ana do tempo das bolinhas... “E se a criança que eu fui um dia viesse me visitar?”. Verdade, essa criança de fato, mora dentro desse adulto que me tornei! Cansei! Ufa, consegui! Estou cansada! Na verdade, exausta!

Será que estou sozinha? Acho que não! Quer ver uma coisa? Quando foi a última vez que você brincou na sua infância? Encerramos o brincar como quem solta o fio de uma pipa e a deixa ir! E quando foi a última vez que você brincou

com uma criança? E com que frequência você faz isso? Com a mesma frequência que visita grupos de whatsapp, facebook ou instagram? Claro que não!!!!

Sabe por quê? Acho que todos nós sabemos! Por acaso você já presenciou uma criança brincar chorando? Chorando até o final da brincadeira? Eu nunca, nunquinha mesmo!

Quantas vezes eu e você escutamos “Você quer brincar comigo?”. Brincar com a mente cansada? Você consegue? Eu nunca, nunquinha mesmo! Ainda dá tempo, o fio está pendurado e a pipa está em sobrevoo...

Cansei, estou indo para Nárnia²!

Não estranhe se eu retornar lambuzada de lama, molhada de chuva, com joelhos ralados, piolho na cabeça, bicho do pé retirado com espinho de laranjeira, cabelos revirados pelo vento e cheias de histórias para contar! E o fio? Eis-me aqui, na ponta dos pés! Será que você pode me ajudar, e pedir para o senhor vento parar de soprar?

2 Sobre Nárnia: Nárnia é um mundo fantástico criado pelo escritor Irlandês Clive Staples Lewis como local narrativo para *As Crônicas de Nárnia*, uma série de sete livros. O mundo é chamado assim em homenagem ao país de Nárnia, onde acontece a maior parte da história. Em Nárnia, alguns animais podem falar, as criaturas mitológicas abundam, e a magia é comum. As pessoas, geralmente crianças, entram no mundo narniano provenientes do “nosso mundo”, a Terra (Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/N%C3%A1rnia>).

ANDAR? PARA QUÊ?

Hiran Pinel¹

*“Ando meio desligado, eu nem sinto meus pés no chão (...)
Eu só quero que você me queira”
(Batista e Batista, Rita Lee)*



O “que é” e “como é” andar num projeto de curso de extensão em brinquedoteca hospitalar numa perspectiva humanista existencial?

O “que é” e “como é” ser pensante que pensa num evento? Não descrevo uma avaliação tradicional, mas uma pensata, um pensar de sentido-sentido.

O significado de pensata? Pelo termo, vou descrever como eu entendo. Primeiro é uma palavra feminina. Na Literaturas. Nas Artes. Nas ciências. Em (quase) tudo há pensatas a serem sentidas e descritas. Do ato sentido de pensar pode ser uma pensata. Trata-se de refletir, mas sempre indissociado ao sentir e agir. De um raciocinar encarnado. Pequeno texto, mas de um escrito que pode provocar rumos e direções ao autor, e aos leitores da (pensata). Um comentário. Uma opinião fundamentada no viver. Sempre tem uma referência para produzir uma pensata: uma notícia, um evento, “é+vento”, algo que passa, nos toca – e fica na memória do ser humano que se entregou a um experienciar, algo preche de afetos e afetações.

Na psicologia como é pensata? Pode ser um pequeno, denso, tenso e intenso texto sentimental, cognitivo e expressivo corporal acerca de um “é+vento” significativo, como é, aqui-agora um curso online ou presencial. Pode ser pensata

¹ Professor permanente da UFES/PPGE interessado nas questões relacionadas à educação, inclusive a especial na relação com a saúde, como a pedagogia hospitalar e a classe hospitalar com foco de produção do conhecimento pelo método fenomenológico de pesquisa e teorias psicológicas e pedagógicas dessa esfera. Professor titular aposentado do DEPEPE/UFES/ CE. Email: hiranpinel@gmail.com.

antes, durante (processo) e final dele, ou, metaforicamente “ao lado dele”. O senti-lo é produzir um comentário de sentido ao escrevente que poderá comover ao leitor. Trata-se de um comentário humano, um ser finito, efêmero... Sem prepotências e ou modelos. Mas há pensata, nem mais interrogo isso (risos). Há? (risos)

Meu objetivo, aqui-agora é produzir uma pensata sobre o curso de extensão universitária, pela UFES/CE/PPGE, com o tema “brinquedoteca hospitalar numa perspectiva humanista-existencial”. Eu o coordenei a partir da ideia e agilidade de minha ex-mestranda, e agora doutoranda, Ana Karyne. Minha pensata vai por esse caminho, caminho esse sempre em fazimento, em processo – sempre, nunca pronto, nunca sólido: sendas.

Minha graduação é em psicologia, a primeira graduação em licenciatura, bacharelado e formação de psicólogos, era assim que nomeava o curso – e um primeiro experienciar agradável e que me provocou crescimentos e aprendizagens, a gente nunca se esquece. Passei pelo mestrado em Educação, na área do Desenvolvimento e aprendizagem (UFES), doutorado em Psicologia (USP), na área da Psicologia escolar e do desenvolvimento humano. Tenho dois pós-doutorados, ambos em educação humanista-existencial em Paulo Freire (1921-1997). Anos depois, no movimento da “segunda graduação”, fiz o curso de Pedagogia e Gestão educacional. Pela via da “complementação pedagógica” fiz: filosofia (adorei), Biologia e Matemática... Ora, aparentemente estou me revelando: O que é e como é ser?

Ou seja, sou um estudante, ainda que professor; sou um cientista, que é artista, escritor, poeta bissexto. Sou isso ou aquilo? Considero-me, antes de tudo, um cientista, ainda mais aqui que descrevemos uma pensata a partir de um projeto de extensão universitária. Se faço clínica (existencial), aula, orientação, estágio em docência, magistério etc., antes de tudo, eu pesquiso para ser o que desejo ser, inclusive artista, poeta, escritor ficcional. De modo tradicional até, na maioria das vezes, posso produzir um artigo científico para coroar a importância acadêmica e social do referido projeto de ciência em andamento, algo que eu mesmo construí nos meus “modos de ser” de “ser-no-mundo”.

Andamento, andar. O que é e como é isso?

Bem, sou andante, viajante. Não sou turista, mas viajante. Não fico fotografando tudo para não esquecer, mas eu vivo o viver viajar para que a experiência penetre minha pele, alma e mente. Que minha memória seja o melhor do amor, ainda que possa fotografar, mas, aí, algo secundário. Quando viajo meu corpo vai de deixando aberto aos mapas movediços cartográficos, de uma psicologia espacial (e temporal) fenomenológica, onde um espaço, se bem vivido, se transforma em lugar de afeto.

Aquele, como faço eu, que produz e cria caminhos, o faz ao andar em um “passo a passo”. Essa ideia poética é do escritor espanhol Antonio Machado (1875-1939): “(...) caminhante, são tuas pegadas/ o caminho e nada mais;/ caminhante, não há caminho,/ se faz caminho ao andar” (Cantares). Essa poesia é muito citada, e ainda assim, quando a leio, me parece a primeira vez, como no primeiro amor: tudo me toca, tudo me move, a carne treme, os olhinhos reviram-se como os de Carmen Miranda (1909-1955) em Hollywood (risos).

Pela metáfora dos “corpos movidos pelos desejos”, entrego-me ao aprender de quem eu sou ensinante, uma processo de ambos os lados de uma coisa só, ensinar-aprender. Faço uma viagem, um mergulho na existência do “outro-de-mim” ou (pró)curo fazer isso. Fico entregue a um experienciar, algo do meu “campo perceptivo”. Eu ensino, não nego, mas, aprenderei quando me autorizar - e o faço quando percebo ali, aqui e acolá (ou alhures) uma “pepita de ouro” que está em muitos dos meus alunos e orientandos, está nos meus colegas, no processo ensino-aprendizagem, está na pesquisa, está na clínica, está na poesia, no canto, na fotografia, na dança etc.

Ana Karyne é apronta(dor)a, ela não deixa a “peteca cair”. Ela anima as instituições que pedem essas ações, muitas vezes, bem ousadas, mas poucos são “ser de coragem”. Não é o primeiro curso que ela chega me propondo e eu não tenho como dizer “não”, pois os olhos dela brilham, e me fazem autoria. Não é apenas o curso, mas paralelamente ela desenvolve sua pesquisa de doutorado (sobre o brincar, de um ponto de vista fenomenológico-existencial), produz artigos científicos e os publica, se envolve com o brincar dos imigrantes no nosso estado capixaba, trabalha com crianças com câncer internadas em instituições de saúde e através de visitas domiciliares etc. Por que ela dá conta disso tudo? Primeiro, pode ser a sua “carne” em ação, interesse, vontade em potência, motivação. Desejamos, e o desejo nos move e nos comove. Poderia descrever que essas tarefas intelectuais são “sentido da (sua/ nossa) vida”.

Agora, por exemplo, ela está embrenhada, mais e mais, nas idéias e ações do psicólogo e educador existencial Viktor Frankl (1905-1997), e para isso, ela fez curso de pós-graduação de dois anos, de uma instituição séria e profissionais engajados, e o fez metodicamente. Associado, ela prossegue embrenhada no conhecimento vivido e encarnado de Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), o corpo, os sentidos, o físico indissociado do psicológico e mundo.

Tem mais sentidos de Ana ser assim e assado: ela consegue juntar “coisas” fenomenais que se ligam e interligam, no caso, a brinquedoteca, o brincar, o brincar. Em todas essas tarefas, com raríssimas exceções, eu compareço produzindo discussões e reflexões, com a inserção de “meus” marcos teóricos, minhas aulas e orientações, uma indicação de sentido, conhecendo e vivendo

espaços que ela transforma em lugares afetivos.

Qual o motivo de eu “colocar fé” nos meus orientandos, valorizando-os? Ora, ele foi aprovado em concurso público, como qualquer um, mas a escolha final, baseada em parâmetros objetivos, eu é que faço com o meu grupo de avaliadores apoiando – é demandado um processo grupal reflexivo, democrático, amoroso e crítico, bem ao estilo Paulo Freire.

O meu grupo de pesquisa denominado “Educação Especial e Processos Educacionais”, que coordenei por alguns anos, é muito unido e produtivo. Desse grupo-mor é que criamos o Grupo (de estudos, pesquisas, ações) de Fenomenologia, Educação (Especial) e Inclusão, que demos a sigla Grufei. Assim, eu sem meus bons orientandos, sou só desamor, no sentido de “ser da carência”, ou seja, eu tenho amor próprio, mas dependo do outro, esse outro que me constitui no processo afetivo-amoroso que me (co)mova a pensar/ refletir, emocionar-me e agir.

Mas é isso? E a arte que eu tanto adoro? Tem mais outros que me (co) movem posicionar-se como “ser-no-mundo” científico. Descrevo aqui-e-agora as artes, as literaturas e as poesias. Falarei em um lugar comum: é impossível viver sem a arte. Assim, nosso projeto de curso de extensão em brinquedoteca hospitalar, é algo que se liga a todos os sentidos, por isso afirmo que a arte se indissocia da realidade (a ciência) e vice-versa, uma alimenta a outra.

O que é e como é arte? Um dia desses assisti cena de uma dessas séries tailandesas das quais sou fã, muitos a denominam pela sigla Yaoi, um arte aberta aos diversos modos de amor e de amar. Nessa série, o rapaz chamado Singto Kongpob está doente, ele passou por uma grave cirurgia. O médico aparece e elogia por ele estar suportando todos esses procedimentos médicos.

Singto balança a cabeça meio que agradecendo, pois está encubado, a oralidade está impedida, mas o “corpo diz”. O médico sai, e a enfermeira também. A câmera generosa com o ator, aproxima-se em um close. Ele esboça um sorriso para a câmera, e algo lhe passa na cabeça cheia de memórias de quem o estimula ficar vivo. É um outro, sempre um outro, no caso, chamado Krist Arthit. Ao final, ele chora de saudade com medo de um dia perder-se. Como bom ator, ele deixa cair uma lágrima. Na tela é ilusão, mas tem muito do real, de nosso ser silenciado e de ser silencioso, de lembranças de um tempo atrás chamado vida, e que prossegue respirando avidamente.

Pois é, tudo na vida tem nascimento, o viver e a morte. Início. Meio. Fim. Essa experiência que toca corresponde aos nossos projetos científicos, de extensão etc., que construímos com vários corpos encarnados pelo “sentido da vida”.

A vida tem sentido? Acho que sim, nesses mínimos detalhes, não de um projeto, mas das relações interpessoais e sociais que dele brotam com força... Não há felicidade eterna, há experiências felizes, e esse projeto de curso de

“brinquedoteca hospitalar em numa perspectiva humanista-existencial” é um deles: momentos felizes.

Termino assim em abertura? Sim, e espero mais e mais projetos dos meus orientandos comigo, do meu modo de cuidar (“Sorge”). Não está bom? Ora, em não estando, sempre existe pernas para criar novas sendas, não sou o único no mundo, pareço com Singto: na série ele abandona tudo, e sai à cata de novos amores e amizade, mas antes passa pelo ritual budista para encontrar-se na purificação.

Como um “*focusing*” de Gendlin (1926-2017), o personagem Singto brinca com uma bola de futebol que encontra. A cena mostra-o chutando o brinquedo - pois não saiu do hospital. À medida que se alegra, a cenografia traz o aparecer muitas crianças ao redor de Singto. Essa vivência, pareceu-me indicar algo simbólico de fazê-lo encontrar-se para perder-se e assim, sempre – e pelas mãos dos pequeninos. É andando que algo produz sentido, um andar concreto e metafórico, andar adentro de si.

Tudo se fechou? Fechou uma, mas abriu-se muitas outras possibilidades para o brincante Singto. Há uma amplidão sem nenhum controle, ainda bem, quando a pureza se associa ao brincar com um brinquedo que desvela “modos de ser” do “ser-no-mundo” do brinquedo e do brincar - arte, poesia, literatura, e... Ciência.

Existe a pureza? Na ciência ela existe? Nas artes? Há pureza d’alma em um projeto de curso de extensão universitária?

Tudo isso há “somente” no andar processual do autor? Será que cada ledor dessa pensata poderá fazer-se nos seus próprios passos? Como um brinquedo, aqui uma bola de futebol e um brincar com ela, pode facilitar uma andança mais alegre, sem jamais negar a tristeza de não fazer gols?

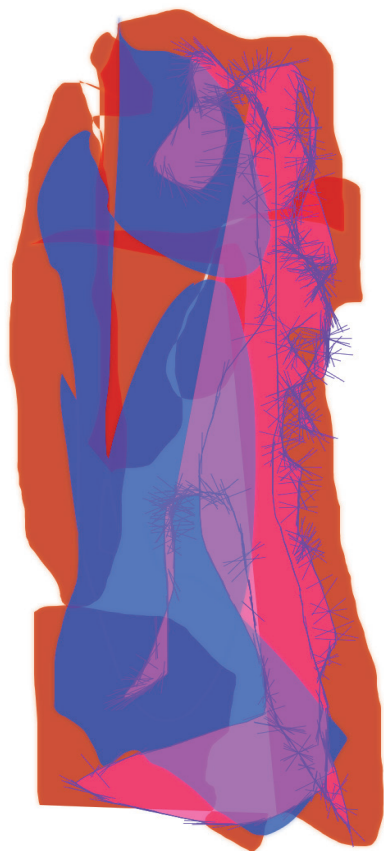
Vitória, bairro Jardim da Penha.

17 de julho de 2023

Um pequeno inverno, mas meu coração está quente e apaixonado (risos)
As ciências e as artes me (co)movem pra lá, pra cá... (risos)

O ESTRANHO E ENCANTADOR SORRISO DE UMA CRIANÇA

Ivoneide Maria Silva Amorim¹



Em que situação um sorriso de uma criança pode ser estranho e encantador ao mesmo tempo? Sim, essa é uma inquietação que ainda hoje vivencio todos os dias, quando adentro o espaço do hospital. Como num local que transfigura a dor e a distância, pode numa atitude inesperada, promover um sorriso? Até parece, que se está, em um lugar diferente, pois esse sorriso transcende as paredes de uma enfermaria.

E quando um convite para brincar pega a gente de surpresa, nos deixamos levar. Dentre essas surpresas, tem uma que vou contar aqui para vocês. No início da minha prática docente no hospital conheci uma criança, que na época tinha cinco anos. Ela me contou que nunca tinha ido à escola e devido às internações e do tratamento oncológico, isso parecia cada vez mais impossível.

Ela me contou, ainda, que tinha muita vontade de saber como era estar lá, na escola. Apenas já tinha ouvido falar, por meio de uma prima, que era um lugar ótimo, falou da professora e das brincadeiras que aconteciam na sala de aula. Para mim, esse relato foi impactante. Até então, pensava que seria difícil encontrar no hospital uma criança com tanto ânimo para estudar e brincar. A partir daí, percebi que estava completamente enganada.

No outro dia procurei aquela criança e disse-lhe que seria sua professora.

¹ Licenciada em Artes Visuais pela UFPI e em Pedagogia pela UNINTER. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional -UNINTER; Educação, Pobreza e Desigualdade Social – UFPI e Atendimento Educacional Especializado – FATEPI. Coordenadora do Serviço de Escolarização Hospitalar e Domiciliar do Estado do Piauí-SEHDEPI. E-mail: iv.amorim07@gmail.com.

Inicialmente, ela ficou admirada e me perguntou se no hospital podia estudar. Depois de algumas explicações sobre como seriam as aulas, ela e eu aceitamos o desafio. Então, como já tinha preparado algo para dar início ao processo, propus uma brincadeira que de imediato foi bem acolhida.

É impressionante como as vivências do brincar no nosso cotidiano, podem, sim, transformar o ambiente no hospital. Neste viés, parece que os momentos de brincadeiras transcendem as situações de dor, sendo esta substituída por um instante de alegria e de um cuidado a mais, para além do tratamento. E isso é, facilmente, percebido pelo semblante da criança que ao se envolver com uma brincadeira, contagia todos que estão à sua volta. É raro, alguém não sorri e não se envolver neste momento, também. É como se por um breve instante todos esquecessem que estão no hospital.

E assim, dia após dia, fomos criando várias situações, sempre com boa interação, e entre medicamentos, exames, indisposição, momentos de ânimo e desânimo, as aulas e as brincadeiras iam acontecendo, tornando o ambiente mais leve. Por várias vezes conseguia trazer um sorriso naquela criança, que mediante suas vulnerabilidades ia conhecendo como era estudar, embora fosse ao hospital. A professora, por vários momentos, não conseguia esconder a sua vulnerabilidade, também. Então, ela ficava triste, chorava e depois pensava na alegria daquela sua aluna tão especial e continuava com o seu trabalho.

E os dias foram se passando, até quando, veio a pandemia e com isso a suspensão das aulas, que eram encontros felizes, não puderam mais acontecer, dentro do hospital. Durante esse período o contato foi se perdendo, mas a lembrança da minha aluna resiliente, ficou. E vez por outra, me pergunto, por onde anda aquela criança que, com seu sorriso estranho e encantador, sempre tinha algo a me ensinar?

UM NOVO SENTIDO PARA VIDA A CADA PARABÉNS RECEBIDO

Silvaneide Rodrigues de Oliveira Lopes¹



Um aniversário no hospital, faz renascer a esperança? Foi observando o silêncio naquela enfermaria, pessoas, objetos pessoais, um cartaz de parabéns, a dor, a saudade e o comportamento daquela criança, que já demonstrava as reações da quimioterapia como queda de cabelo, palidez, náuseas, falta de apetite e, pedia para ter aula, que me fez refletir sobre a importância de viver o momento de forma que a esperança renasceu.

Aquela menina tinha sonhos, desejava ter muitos anos de vida, queria aprender a fazer seu nome e quando crescer-se seria uma professora. Assim foi o que ela me relatou em uma tarde, durante um de nossos encontros no leito.

Em um determinado momento, o olhar daquela criança se fixa na enfermeira que se aproximou para trocar seu acesso e aplicar a medicação, e, com muita humanização, a profissional tenta acalmá-la, porém já assustada com tantos procedimentos dolorosos, sua reação foi chorar, gritar e pedir para que a enfermeira saísse, no entanto, aquela prática, era necessária.

Após a cena, fiquei refletindo sobre o olhar de cada criança e acompanhantes que estavam ali, e a própria ação da enfermeira, muito calma. O que passava naquelas mentes ficava difícil saber, pensei nos profissionais e todas as pessoas que estavam envolvidas no processo de cura daquela garota, imaginei o

¹ Licenciada em pedagogia pela UESPI (Universidade Estadual do Piauí), pós-graduada em psicopedagogia clínica e institucional pela Faculdade (FLATED), professora do Serviço de Escolarização Hospitalar e Domiciliar do Piauí (SEHDEPI-SEDUC-PI). Email: silvaneiderodrigues343@gmail.com.

quanto deveriam ter resiliência, pois acostumados com aquela rotina, deixavam parecer tudo normal.

Após o término do procedimento da enfermeira, a criança parecia mais tranquila, e logo se dirigiu a mim: “— Professora, você sabia que estou de aniversário hoje? A senhora pode me dar um bolo? Com esse remédio vou ficar boa, né? Minha mãe falou que no meu próximo aniversário, vou ganhar uma festinha e vou poder convidar quem eu quiser”.

Naquele momento fiquei sem palavras, pois vi naquela fala a certeza que aquela criança trazia consigo que iria ser curada e poderia comemorar seu próximo aniversário com seus entes queridos. Nesse momento, a criança torna a perguntar: “— E o meu bolo?” Então sugeri a ela desenharmos seu bolo, imaginando o sabor, a escolha das cores e o total das velas e quem iríamos convidar. A criança perguntou se podia convidar sua boneca Lala, pois ela ia ficar muito feliz, gostava de bolo de chocolate e tinha a mesma idade que ela.

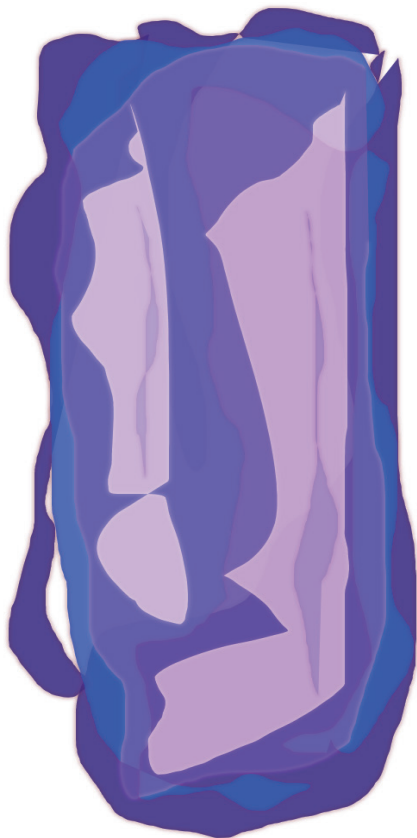
Assim, a garota fez o desenho do bolo, do seu jeito, estava feliz, fizemos um cartaz e colocamos ao lado de seu leito, cantamos os parabéns com a boneca Lala, pacientes da enfermaria e seus acompanhantes. Naquele momento, a alegria substituiu o doloroso procedimento ocorrido anteriormente, a boneca, os amigos feitos durante todo tempo de internação, se tornaram seus convidados especiais.

Ali, havia vida, havia possibilidades, imaginação e principalmente esperança. Sua boneca era a melhor amiga. Passaram alguns minutos, a equipe da nutrição do hospital, chegou com um bolinho especial, de verdade, a alegria daquela criança estava estampada no rosto, e aquela inquietação do começo da minha narrativa, talvez já tivesse uma resposta.

De fato, o milagre da vida, renasce a cada momento que proporcionamos a alguém, uma alegria que traz esperança de um futuro que poderá ser um novo recomeço. Aquele bolo, mesmo que imaginário, era a certeza que poderia ter uma próxima comemoração. A cada retorno ao hospital para acompanhamento do tratamento, aquela com seu lindo sorriso, vai até a sala de aula visitar a sua primeira professora, falando sobre sua nova rotina. E você já pensou quais potencialidades podem ser desenvolvidas no aluno da classe hospitalar?

PERALTICE OU APRENDIZAGEM?

Sirlei Anacleto Martins¹



Na sua trajetória profissional, já passou pela experiência de trabalhar com estudantes surdocegos? Na época que trabalhei em sala de recursos multifuncionais, numa escola com um estudante de aproximadamente 5 anos, surdocego, dentre os objetivos de trabalho com ele, era de que ele entendesse para que serviria a caneca que estava na prateleira e a localização do bebedouro na escola, distante da sala de recurso.

O estudante emitia alguns sons, que eram de satisfação ou insatisfação do que ocorria no momento. Ele gostava de brincar com as miniaturas de carrinhos, instrumentos da bandinha, tudo que era luminoso, mas não gostava de passar pelo túnel de tecido que tínhamos na sala, parecia que ainda não compreendia como se comportar no espaço da sala de aula; não conseguia utilizar os materiais escolares convencionais, rejeitava tudo que era pegajoso.

Precisava desenvolver com ele a atenção e a concentração, porque não parava, o que gerava dificuldade na escola com professor regente. Vivia com o corpinho cheio de cicatrizes devido a cair e se machucar. Sua mãe, com atitudes de pessoas à frente do seu tempo, pois não superprotegida, oportunizou que tivesse experiências interagindo com tudo que tivesse à sua volta.

A estratégia foi de antes trabalharmos com o que ele gostava que eram os carrinhos, peguei a caneca, coloquei a mão dele sobre a minha e fomos ao bebedouro, abrimos a torneira e levamos a boca dele a água que estava na caneca.

1 Mestra em Ciências das Religiões (PPGCR) da Faculdade Unida de Vitória (UNIDA). Professora da Rede Municipal de Cariacica atuante na Educação Especial - EJA. E-mail: sirleianacleto@yahoo.com.br.

Ação realizada por umas três aulas, na última vez, este estudante, assim que chegou na sala de recurso para atendimento, foi até a prateleira onde estava a caneca, eu pensei: Nossa, está com sede! Mas ele não esperou que eu pegasse a caneca e realizasse os passos que fazia, saiu correndo pela escola até chegar ao bebedouro, e eu morrendo de medo dele se machucar nos pilares no percurso até onde estava o bebedouro, sai correndo atrás dele, eu quase morrendo de susto e ele tranquilamente, tomava sua água e me devolveu a caneca.

Essa experiência foi de extrema importância, pois leva a refletir sobre a prática pedagógica a ser desenvolvida e a entender que toda criança, independente da sua condição, possui sua potencialidade. Ao perceber a desenvoltura embora, muito amedrontada pelos danos físicos que poderiam ocorrer na corrida para o bebedouro, assim na vida, os medos muitas vezes impedem de arriscar voos maiores.

A pergunta que fica: Houve aprendizado ou essa forma de agir foi para me dizer que não precisava mais da minha ajuda para realizar tal atividade? É um ato de peraltice ou havia realmente aprendido?

O BRINCAR, TRANSPASSANDO A BARREIRA DA DOR

Valéria Johanson Rezende¹



Até me tornar professora da classe hospitalar, pensava que o ato de brincar só seria prazeroso para as pessoas sem nenhum tipo de problema, como imaginar que uma criança em tratamento oncológico sentiria vontade e alegria no brincar?

Atuei como professora da Classe Hospitalar em designação temporária (DT) contratada pela SEDU durante quatro anos, na ACACCI (Associação Capixaba Contra o Câncer Infantil). A princípio, quando me informaram que lecionaria para crianças e adolescentes em tratamento oncológico, pensei em desistir, como eu poderia ministrar aulas para esses alunos em situação tão delicada? Meu psicológico não aguentaria, pensei. No entanto, aceitei o desafio.

Fui informada que a classe seria multiseriada, pois atendia crianças e adolescentes vindos dos estados da Bahia, Minas Gerais e interior do Espírito Santo, esses alunos pela manhã se dirigiam para o Hospital Infantil para os procedimentos necessários do tratamento e concluído a terapia do dia, retornavam para a casa de apoio onde recebiam todo o acolhimento necessário.

E lá fui eu para o primeiro dia, apreensiva, mas preparada com inúmeras atividades lúdicas para as várias séries, era a semana do acolhimento. Não esqueço da primeira aluna que chegou e parou na porta da classe e disse: - Você que é a nova professora? Sim, e eu estava te esperando, respondi com um sorriso.

¹ Licenciada em pedagogia pela Faeterj – RJ. Pós-graduada em gestão escolar (administração, supervisão, orientação e inspeção). E-mail: vjrezende25@gmail.com.

Ela sorriu e falou que bom que as férias terminaram, estava com saudades da escola. Flor (nome fictício) sofria de um tumor cerebral, várias cirurgias afetaram a coordenação motora, mas não a impedia de fazer as atividades propostas, assim que as terminava, ia à estante pegar um jogo e me pedia para jogar com ela quando os colegas ainda estavam concluindo as tarefas.

E foram chegando mais alunos, e a cada dia me surpreendia com a força de vontade de cada um lutar pela vida, e eles chegavam na classe com uma vontade imensa de estudar, então percebi a importância da presença do professor para eles, pois o elo com a escola de origem era mantido, e assim a rotina de antes quebrada pela enfermidade se fazia presente na classe hospitalar.

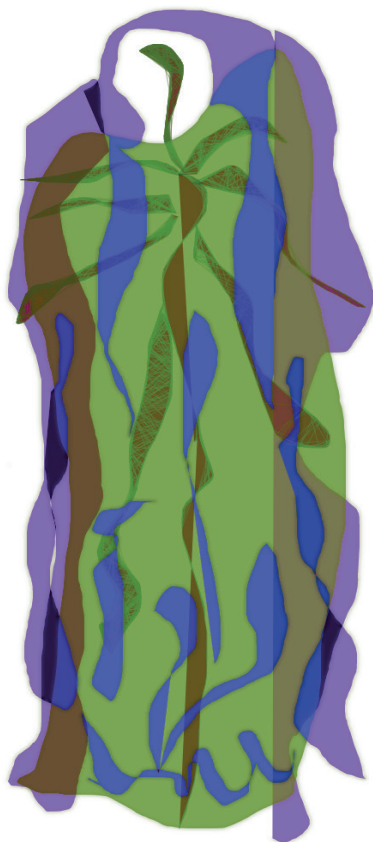
E aí me envolvi inteiramente, o receio que tinha em ser professora nessa modalidade de ensino ficou para trás. Cada aluno era um em especial, todos tinham tratamento diferenciado, o olhar sensível do professor é fundamental para saber a necessidade do aluno naquele dia. Eu queria ministrar todos os conteúdos e cumprir o que mandava o currículo... entretanto chegava uma hora em que o apelo dos alunos para brincar falava mais alto.

Então eu adequa às aulas, pois como professora aprendi que o plano de aula é flexível... e foi aí que pude vivenciar o poder mágico do brincar, alunos abatidos pelos efeitos dos fortes medicamentos, se alegravam em poder escolher com o que brincar, e a classe se tornava uma mistura de brinquedoteca e ateliê.

Foram quatro anos enriquecedores na minha vida, passei a dar valor ao que realmente importa, posso afirmar com certeza que aprendi muito mais do que ensinei, como aprendi com os meus alunos e seus familiares, foi com eles que conheci o verdadeiro significado da palavra resiliência. Diante do exposto, provoço; a resiliência pode ser desenvolvida por meio do brincar?

CONVIDAMOS VOCÊ PARA FAZER PARTE DA ÁRVORE DA VIDA!

Jaqueline Lucindo dos Santos¹



A BNCC afirma que o brincar se torna fundamental, tanto para o aprendizado, como para o desenvolvimento da criança. Na brincadeira, a criança aprende de forma prazerosa, através da socialização com as crianças e adultos e na participação de diversas experiências lúdicas. Neste curso, nos fundamentamos em bases científicas do brincar e conhecemos o processo de desenvolvimento mediante atividades. Logo, qual é o nosso papel dentro da brinquedoteca?

Ao conhecermos o brincar com suas nuances no desenvolvimento percebemos que estamos aptos a mediar, planejar e organizar as atividades propostas na brinquedoteca. Ser brinquedista é entrar na magia das crianças, é ser um profissional que interage com o brincar para a recuperação da criança, pensamos em criações, atividades, jogos entre outras interações das melhores condições para um brincar de qualidade, que torna o ambiente atrativo e oportuno para um aprendizado.

Em meu primeiro contato com a Pedagogia Hospitalar/Classe Hospitalar/Espaço Família, fiquei encantada com todo aquele espaço organizado com brinquedos, jogos e interações para as crianças. Nossos alunos compactuam de um mundo a qual todos os dias tem choro, sentimentos de angústias e tristezas, mas podem contar com momentos felizes, pois contam ansiosamente pelos

¹ Licenciada em Pedagogia Plena pelo Centro Universitário Internacional UNINTER, pós-graduada em Métodos em Educação Infantil e Ensino Fundamental. Cursando Pós-graduação em Educação Inclusiva e Especial; Cursando Pós-graduação em Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional Aplicada. Professora de Séries Iniciais na Classe Hospitalar pela Secretária de Educação do Estado do Espírito Santo, Vitória/ES. E-mail: jaque.lucindo2012@gmail.com.

encontros conosco professores.

Olhares, agradecimentos, lembrancinhas, desenhos, sorrisos, “tia” não vai embora, são palavras que ficam registradas em nossas memórias e corações, conseguimos perceber que toda ludicidade, riso, colorido, alegria, estão associados ao brincar e ao aprendizado adquirido.

Me recordo de uma experiência em que o riso ou uma brincadeira foram capazes de atenuar um sofrimento. Realizei o atendimento com um aluno de 4 anos com diagnóstico médico de Leucemia, naquele dia ele havia realizado um procedimento de quimioterapia onde estava tendo muitas reações de enjoos, mal-estar e dor no estômago. Assim que entrei na sala o aluno logo disse: - Tia hoje não quero aula, estou passando mal.

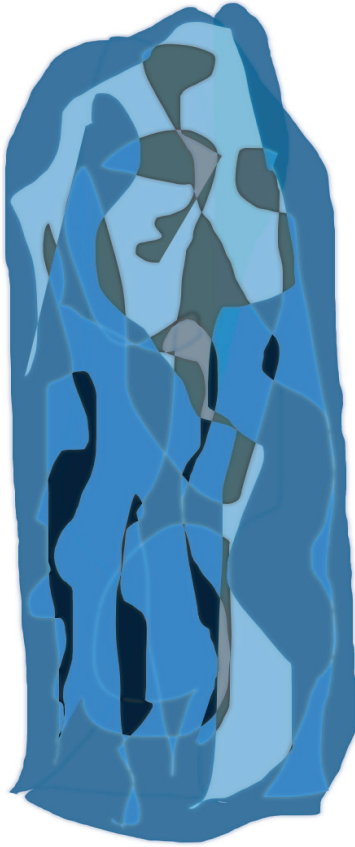
Falei que tudo bem, mas mesmo assim a “Tia” ia entrar para conversar um pouquinho com ele e ver como ele estava. Ficamos conversando um pouco, contando historinhas, relembando experiências dele em casa, o tempo foi passando e falei com ele: “— Olha a ‘Tia’ não irá deixar atividade hoje, pois você precisa descansar, amanhã voltarei para ver como você estar”.

A reação dele foi a melhor resposta: “— Tia, vamos fazer atividade, eu já melhorei, a nossa conversa fez eu melhorar”. Fiquei muito feliz pela resposta dele, pois o nosso trabalho na classe hospitalar não é somente realizar atividades com as crianças, temos que interagir, nos comunicarmos com as famílias, analisar cada momento, verificarmos maneiras de trazer o aprendizado para aquele aluno de maneira lúdica e diferenciada.

Portanto, o nosso principalmente papel numa brinquedoteca e classe hospitalar, é possibilitar à criança a construção de novos conhecimentos de forma prazerosa, por meio do lúdico, levando em conta que o brincar é uma atividade própria da criança e a porta pela qual ela entra em contato com outras pessoas e com as coisas. Considerando a rigidez dos documentos norteadores dos componentes curriculares, como podemos desempenhar autenticamente nosso papel quanto ao brincar?

LIBERDADE TEM CHEIRO?

Luiza Elena Candido de Almeida¹



A vida de adulto já te permitiu experienciar escalar em árvores altas e frondosas para apreciar e sentir o perfume da liberdade? Em minha infância, subia em árvores pequenas, sempre com a esperança de chegar em lugares altos. Certo dia, numa tarde ensolarada, minha irmã: espoleta que só ela, e eu, sonhadora de pés no chão, tivemos a ideia de irmos até a árvore que ficava num morro próximo a nossa casa. Uma linda *Tabernaemontana*, mais conhecida como Leiteira! Chegamos embaixo dela e ficamos contemplando o tronco grosso e elevado, com os galhos altíssimos que começavam a sair do tronco.

Minha irmã muito sapeca, magrinha, gostava de fazer travessuras, imediatamente começou sua escalada naquela árvore de flores brancas com um perfume agradável. Na ocasião, estava também conosco, o Míngau, nosso gatinho de estimação, que também começou a se esticar e iniciou sua subida com pulos e mais pulos sem parar, ficando eu sozinha.

Com o olhar voltado para o alto, vendo os dois lá em cima, senti duas coisas: o desejo de também subir e o medo de cair. Porém, como o ar nos enche os pulmões, enchi-me de coragem e fui. Subindo, subindo...

Sentir medo é normal. Mas, sentir medo com pernas grossas e vendo o Míngau e minha irmã lá do alto foi muito pior. Porque nessa hora, tinha duas opções: encarar ou cair. E ir embora, para mim, nunca foi a alternativa certa.

Com muito cuidado, isso depois de várias tentativas, minha irmã estendeu um dos seus braços, quando estava próximo ao tronco me deu as mãos e lá

¹ Mestra em Ciências das Religiões (PPGCR) da Faculdade Unida de Vitória (UNIDA). Técnica Pedagógica - Assessoria de Educação Especial/SEDU. E-mail: lecalmeida58@gmail.com.

estava eu também em cima daquela imensa árvore. Ufa! Que difícil! Mas, que desafio bom! Consegui! Me sentia Gigante! O mundo aos meus pés! Animais, minha casa, o pomar! Tudo por mim admirado! Uma menina de perna grossa, cachos ao vento, realizada. Sim! Conquistei o meu mundo!

Brinquei! Caminhei pelos galhos grossos daquela Leiteira com flores brancas, cheirosas! Brinquei! Desfilava tal qual modelo em meio as folhas. Mas, o medo voltou a olhar para mim, evitava olhar para baixo. Estava segura ali. Sabia subir e continuar. Mas o medo... Ele quis brincar comigo. Me convidou a descer. Se eu fui, precisava voltar. Ou seja, como descer? Brinquei com o jogo da memória naquele momento. Busquei lembrar quais caminhos me levaram até ali. Foi em vão. Brinquei com a estratégia da amarelinha. Só que pular era impensável. Busquei a fé: Rezei dez Aves-Maria.arregalados,

Mingau, com olhos arregalados, miava de desespero. Minha irmã, já ligeirinha, desceu tranquilamente e já estava me chamar para terminarmos nossa aventura. Mas, como descer? O medo sorrindo para mim. O gato esperando uma atitude minha. “Duas molezas!” - gritava, aos risos, minha irmã. Como brincar nessa hora?

É respirar! É compartilhar! Mesmo rindo, sorriu e socorreu a mim e Mingau. Se deu conta do balanço que havia em nosso quintal e fazia parte de nossa rotina de brincadeiras. Ela, espertamente, jogou a corda para mim e, prontamente, a amarrei e desci.

Desci com o alívio de uma criança que, mesmo com o medo, realizada! Em chão firme percebi que o mundo é meu. Olhei para o alto: A árvore sorria para mim. Sentia o cheiro da Liberdade e da Segurança. Quanto à Mingau, minha irmã resgatou-o e eu, com minhas pernas grossas, com os cachos ao vento, aguardei a transformação da corda em balanço feito por ela, desfrutei daquele momento brincando de viver.

Ar! Da natureza, respirar fundo e profundo. Ar! De subir e saber o que quero conquistar! Ar! De arriscar sabendo lidar com os galhos e troncos reservados a mim na grande jornada, chamada vida! Ar! De aventurar-se e brincar no balanço em árvores familiares, profissionais, emocionais e educacionais. Ar! De sonhar e aprender a viver! E você sente medo de quê?

COMO POSSO, COM MINHA PROPOSTA DE BRINCAR, SER TAMBÉM UMA ÁRVORE DA VIDA?

Danielly de Almeida Silva Uliana¹



Enquanto ministro as aulas fico observando, cada criança com suas particularidades, dificuldades, com seu sofrimento, logo começo a pensar como posso ajudar a amenizar a dor que estão sentindo naquele momento. Logo me lembro que o brincar é um poderoso remédio, que traz alegria que contagia, é uma atividade que auxilia na formação, socialização, desenvolvendo habilidades psicomotoras, sociais, físicas, afetivas, cognitivas e emocionais. Ao brincar as crianças expõem seus sentimentos, aprendem, constroem, exploram, pensam, sentem, reinventam e se movimentam. Assim, como possibilitar o brincar em contexto hospitalar?

Cada criança internada possui uma história, uma vida, que necessita ser cuidada, enquanto professores precisamos ter empatia e pensar como podemos ajudar, não é simplesmente

ministrar uma aula, vai para além daquele momento, quando retorno para casa fico refletindo e começo a pesquisar em atividades lúdicas e prazerosas que eles irão gostar.

As crianças aprendem brincando, é preciso ser como uma árvore frutífera para compartilhar alegria e conhecimento, pois se produzirmos bons frutos

¹ Licenciada em Pedagogia pela Faculdade DOCTUM, licenciada em Artes Visuais pela Claretiano. Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais, Faculdade Fabra. Professora de arte na classe hospitalar pela Secretária de Educação do Estado do Espírito Santo, Vitória/ES. E-mail: dalmeidasilva2012@gmail.com.

podemos distribuir para as crianças e dá asas a imaginação de cada uma delas, é preciso regar a árvore, com amor, carinho, empatia, alegria e muito mais, para que ela floresça e dê muitos frutos.

A brinquedoteca é uma excelente ferramenta para nos auxiliar no desenvolvimento da ludicidade da criança e assim nos permite ser uma árvore-da-vida. Várias crianças cruzam os nossos caminhos e dentro de cada uma delas possui a esperança de melhorar, de não ficar mais doente, de ficar curada, entre outras esperanças, e nas brincadeiras elas encontram a resolução de todos os problemas que estão enfrentando.

Toda criança tem o direito de brincar, é importante que no ambiente hospitalar seja garantido esse direito, claro considerando a particularidade de cada criança, porque também deve ser assegurado a saúde da mesma. É importante pensar em brincadeiras que possibilite a participação das crianças e dessa forma proporcione uma aprendizagem lúdica e prazerosa.

Portanto, é de suma importância o brincar para cada criança, é preciso ser uma árvore que leve os frutos necessários para elas saborearem, não podemos desistir no meio do caminho, não há prazer maior do que fazer uma criança sorrir e se divertir. Brincar é liberdade, diversão e aprendizagem. A criança que brinca desenvolve a imaginação, criatividade, inteligência, emoções e outras habilidades. Diante do exposto, e considerando o tempo-espaço do hospital, quais possibilidades podem ser desenvolvidas para o brincar?

A EFEMERIDADE DA VIDA COMO FIGURA-FUNDO NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO CONTEXTO DA CLASSE HOSPITALAR

Rute Léia Augusta da Silva¹



Quero contar uma coisa! Daqui a alguns dias adentrarei neste lugar; Centro de Tratamento de Hemodiálise Pediátrica; não estarei ali como mãe, nem como paciente, mas como pesquisador! Meu ser-sendo professora professa um desejo de ser autêntico em cada segundo que ali estiver. Enquanto escrevo o projeto de pesquisa, quantas coisas turbilham em minha mente, me motivam, me inquietam, me atravessam.

Outro dia, enquanto lavava louça, me veio o pensamento da dicotomia do que é e como é ser diante aluno ou professor em contexto tratamento de hemodiálise? Meus pensamentos provocado por uma canção:

[...] Você apareceu do nada/E você mexeu demais comigo/Não quero ser só mais um amigo/Você nunca me viu sozinho/E você nunca me ouviu chorar [...]. O que faz a vida ter sentido quando a morte também se constitui como possibilidade diária? Sim, eu sei que uma música não dá conta de respon-

der, nem me darei a tarefa de uma análise do discurso, encontro motivação na letra para pensar o meu ser sendo professora-pesquisadora na classe hospitalar, e isso para mim é (quase) tudo.

[...] Não dá pra imaginar quando/É cedo ou tarde demais/Pra dizer adeus, pra dizer jamais [...]. Endosso Titãs, faço coro. Não choro, aprendi desde

¹ Licenciada em pedagogia, Mestra em Educação, Doutorando em Educação - PPGE/UFES. Financiamento de pesquisa: FAPES. E-mail: ruted1624@gmail.com.

cedo a engolir o choro. Ossos que se fragilizam, pele que se altera, horas e horas na máquina, espera, espera, cansaço após a Hemo, veias que se fragilizam, agulha que invade, dentes enfraquecidos, alimentação regrada, cabelos raleados, joelhos?! Nenhum ralado! Penso nas brincadeiras e travessas, nem sempre possíveis, o foco é cura(?)... Vida é frágil ou é dura?

A PENÚLTIMA PENSATA! UM POSFÁCIO-CONVITE

Edicléa Mascarenhas Fernandes¹

Como negar um pedido de um aluno? E quando estes alunos são tutores apaixonados pelo brincar, pela educação e práticas educacionais, por direitos humanos? Uma última pensata? Uma poesia que declamo para meus alunos e agora para você!

Nasceu alguém num mundo de rotulação
E veio o espanto e a necessidade de exploração
E veio um homem que limitou seu canto
E outro que disse que esse alguém não sente
E vieram tantos de tão diferentes locais
Com frases prontas em seus manuais
E seus pais choraram a dor de um amor irremediável
Até que veio um homem nu sem preconceito ou ideal
E simplesmente saudou com alegria a chegada daquele alguém especial

E a última pensata? Não está aqui...
Onde está? Nascendo...
Em que lugar? Em você!

¹ Professora Adjunta do Departamento de Educação Inclusiva e Continuada da Faculdade de Educação/Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva (NEEI/UERJ). E-mail: professoraediclea.uerj@gmail.com.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescentes 11, 12, 13, 16, 19, 35, 69, 70, 81, 82, 88, 97, 101, 102, 103, 108, 112, 116, 137

Álvio 24, 58, 76, 96, 99, 100, 142

Aprender 15, 16, 17, 63, 68, 73, 76, 104, 109, 128, 133, 142

Aprendizagem 43, 49, 70, 81, 90, 91, 94, 109, 112, 127, 128, 144

Árvore 15, 141, 142, 143, 144

Atividades 12, 17, 18, 19, 22, 24, 26, 49, 78, 79, 81, 82, 84, 93, 99, 110, 113, 115, 137, 138, 139, 140, 143

B

Brincadeira 16, 17, 26, 27, 28, 30, 33, 34, 36, 42, 43, 49, 55, 59, 73, 74, 83, 88, 91, 94, 98, 112, 113, 114, 115, 125, 132, 139, 140

Brincar 3, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 19, 20, 22, 24, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 42, 43, 48, 49, 50, 55, 56, 59, 64, 65, 74, 78, 79, 83, 84, 87, 88, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 130, 131, 132, 135, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 147

Brinquedista 9, 11, 35, 49, 50, 55, 56, 68, 81, 95, 120, 121, 124, 139

Brinquedo 11, 59, 65, 91, 111, 113, 114, 116, 124, 128, 130

Brinquedoteca 19, 20, 30, 33, 34, 35, 40, 43, 55, 80, 81, 82, 92, 94, 112, 115, 116, 117, 126, 127, 128, 129, 130, 138, 139, 140, 144

C

Câncer 14, 31, 54, 55, 56, 97, 99, 101, 104, 128

Cardiopata 20

Carta 20, 119

Cicatriz 61

Classe hospitalar 16, 30, 93, 126, 134, 137, 138, 140, 143, 145

Comunidade escolar 57, 70

Coração 11, 13, 18, 19, 20, 24, 36, 52, 53, 58, 59, 106, 117, 122, 123, 130

Crianças 3, 11, 12, 13, 16, 19, 21, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 42, 43, 49, 50, 55, 56, 57, 59, 64, 68, 70, 73, 74, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 88, 90, 91, 92, 93, 97, 99, 101, 102, 103, 106, 108, 109, 112, 113, 114, 116, 123, 124, 125, 128, 130, 137, 139, 140, 143, 144

Cultura racista 87, 88

Cura 14, 20, 43, 52, 76, 77, 81, 91, 133, 146

D

Descanso 31, 40, 96

Desenho 24, 31, 32, 102, 134

Diálise 23, 24

Dodói 120, 121, 122

Doença 28, 54, 55, 80, 88, 94, 96, 101, 103, 108, 109

Dor 3, 23, 24, 52, 53, 54, 55, 100, 106, 112, 115, 120, 121, 124, 128, 131, 132,
133, 140, 143, 147

E

Educação 26, 42, 50, 68, 69, 70, 81, 88, 94, 123, 126, 127, 147

Educação Especial 68

Educação física 26, 42

Esperança 14, 15, 24, 76, 86, 99, 100, 117, 133, 134, 141, 144

Estudantes 69, 70, 95, 135

Esvaziar 24

Existindo 17

Existir 13, 64, 77

Experiência 48, 64, 68, 82, 96, 104, 116, 119, 121, 127, 129, 135, 136, 140

F

Fenomenológico 126, 128

Filho 76, 78, 85, 86, 123

Fim 11, 19, 20, 31, 73, 74, 88, 91, 121, 123

G

Gênero 25, 26

H

Histórias 11, 17, 49, 51, 79, 94, 114, 125

Hospital 14, 16, 19, 29, 31, 33, 34, 38, 40, 41, 44, 45, 46, 58, 59, 60, 64, 76, 82,
90, 91, 95, 96, 99, 100, 104, 106, 116, 120, 121, 124, 130, 131, 132, 133,
134, 144

Hospitalizado 19, 45, 46, 76, 81, 104, 114

I

Imaginação 11, 33, 36, 43, 49, 50, 83, 84, 98, 100, 109, 114, 121, 122, 134, 144

Inclusiva 68, 69, 70

Infância 21, 22, 27, 28, 29, 30, 31, 36, 42, 43, 51, 64, 73, 74, 83, 84, 91, 97,
107, 111, 112, 113, 114, 124, 141

J

Jogo 19, 20, 22, 29, 34, 36, 83, 91, 102, 138, 142

L

Leito 14, 15, 16, 18, 19, 23, 24, 76, 81, 103, 106, 119, 133, 134

Liberdade 50, 80, 84, 141, 144

Livro 11, 12, 13, 75, 76, 77, 94, 105, 107, 118, 119

Lúdico 16, 17, 24, 40, 80, 82, 91, 94, 98, 99, 100, 112, 140

M

Mãe 19, 25, 30, 31, 58, 59, 69, 76, 78, 79, 86, 94, 103, 108, 109, 113, 115, 116,

120, 124, 134, 135, 145

Mamãe 25, 85, 86, 105, 106, 107

Memórias 36, 84, 89, 129, 140

P

Pediatria 81, 82

Pensata 12, 22, 126, 127, 130, 147

Professor 16, 26, 69, 127, 135, 138, 145

Profissional 12, 21, 22, 26, 27, 58, 95, 96, 108, 133, 135, 139

Purificação 130

R

Realidade 31, 36, 42, 50, 65, 76, 81, 94, 102, 113, 129

Relações 19, 50, 58, 77, 129

Remédio 14, 15, 20, 23, 75, 76, 77, 121, 134, 143

Resiliência 11, 16, 50, 51, 55, 56, 80, 96, 134, 138

Riso 15, 140

S

Sangue 14, 15, 23, 24

Saudade 54, 59, 84, 129, 133

Sentido 20, 36, 42, 43, 54, 55, 65, 74, 82, 91, 96, 105, 106, 123, 126, 127, 128,
129, 130, 145

Sufrimento 32, 52, 54, 76, 81, 95, 96, 99, 100, 106, 115, 140, 143

Sorriso 19, 20, 32, 52, 58, 70, 86, 92, 102, 104, 129, 131, 132, 134, 137

T

Transformar 17, 79, 91, 101, 132

V

Vida 3, 10, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 30, 32, 36, 37,
38, 40, 43, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 66,
70, 72, 76, 77, 79, 82, 84, 85, 87, 88, 91, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 103,
104, 105, 106, 108, 111, 112, 113, 116, 119, 128, 129, 133, 134, 136, 138,
141, 142, 143, 144, 145

